CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

RACISMO NA ESCOLA E A SUA INFLUÊNCIA NAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES DOS JOVENS NEGROS

Wesley Paulo Peixoto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins

Rio de Janeiro

Novembro/2021

RACISMO NA ESCOLA E A SUA INFLUÊNCIA NAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES DOS JOVENS NEGROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Wesley Paulo Peixoto

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins (CEFET/RJ) (orientador)

_____

Professora Drª Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ)

_____

Professora Drª Maria Alice Rezende Gonçalves (UERJ)

Rio de Janeiro

Novembro/2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

P379 Peixoto, Wesley Paulo
Racismo na escola e a sua influência nas trajetórias escolares dos jovens negros / Wesley Paulo Peixoto. — 2021.
127f. + anexo : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2021.
Bibliografia : f. 115-127
Orientador: Carlos Henrique dos Santos Martins

1. Negros - Educação. 2. Negros – Brasil – Condições sociais. 3. Racismo. 4. Discriminação racial – Educação. 5. Jovens negros – Brasil. I. Martins, Carlos Henrique dos Santos (Orient.). II. Título.

CDD 371.829

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação às minhas falecidas avós, Maria de Lourdes e Glória Paulo, por todo o apoio, amor e carinho que me deram em vida! Eu as amarei para sempre. Ao meu falecido avô Jorge Henrique que acreditou sempre em mim e nos seus últimos dias de vida me disse que eu iria longe. Assim como à minha mãe, Luciana Paulo, por ser essa mulher guerreira, que deu sempre o melhor para nós, que me inspira e à toda a minha família pelo grande aprendizado e apoio. Amo vocês! Dedico à minha falecida Tia Jorcelina, levada esse ano, em decorrência da pandemia do Covid-19. Dedico também à minha falecida e queridíssima professora Flávia de Português, que acreditou sempre em mim, desde o Ensino Fundamental.

AGRADECIMENTOS

Ufa! Chegamos até aqui! Dois anos de muita garra, força de vontade e dedicação.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por cumprir a sua promessa em minha vida de realizar esse mestrado.

Agradeço às minhas falecidas avós, Maria de Lourdes e Glória, por todo apoio, amor e carinho dados a mim em vida. Agradeço ao meu falecido avô Jorge, por todo apoio dispensado a mim e nos seus últimos dias de vida me disse que eu ia longe. Agradeço a minha tia e falecida Jorcelina, que faleceu esse ano em decorrência da pandemia do Covid-19. Agradeço aos meu tio e falecido Paulo Rodrigues, e tia Gilda, de Campos dos Goytacazes, que morreram vítimas dessa doença.

Agradeço a minha mãe Luciana Paulo, por ser essa pessoa excepcional, amiga, guerreira, que eu tenho o sonho de dar uma casa própria para ela um dia, e vou dar! Agradeço aos meus irmãos Wendel Paulo, Larissa Cristine e Welisson Paulo, por me dar a oportunidade de servir de inspiração para ele e espero que vocês também prossigam nesse caminho de estudos, pois vale muito a pena.

Agradeço ao meu pai Jonas, meus tios e tias, Graziele, Zenir, Beto, Arina, que me ajudaram comprando um Notebook para eu estudar na época da faculdade. Á minha priminha Isabella, por me deixar sempre feliz. À minha madrinha Sebastiana, por tudo o que fez e faz por mim. Às minhas primas Keyse, Karine, e primo Joel, por todo apoio e incentivo à leitura na infância. Aos meus tios Robson, José Carlos, Luis Claudio, Vanessa, Jupiara. Ao meu tio Irineu, por todo o apoio, nosso mais velho da família. Aos meus primos Mauro, Dudu, Victória, Jorge Henrique, Ana Cristina, Danda, todos mesmo de coração.

Agradeço a cada um da Secretaria Municipal de Assistência Social, Cidadania e da Mulher (SEMASCM), por todo o apoio dado a mim, especialmente à Secretaria Brenda Carneiro, a Secretaria Executiva Carla Fernandes, à Diretora da Proteção Social Básica, Rosane Gonçalves, à Diretora da Proteção Social Especial e minha chefe, Tamiris Almeida. Agradeço também ao Wellington, por tantas vezes me ouvir falar do mestrado e me dar dicas, à Monique, Ariane, Lucas, Michele, Luana, Marize, Fernanda, Vilson, Rose, Guarda Dias e todos que me apoiam nesse espaço.

Agradeço a cada um do espaço do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC-Vila Operária) que estudei antes de ir para a Universidade, cada professores que já foram estudantes desse espaço, que nos apoiaram a prosseguir, pelo Renatinho do pré, por ser essa pessoa que não abriu mão de mim, e me xingou (risos) quando eu disse que não iria fazer a prova do mestrado. À Vanessa, Juliana, Camila, Nathália, Carina, professores Sérgio, Clodoaldo, Matheus, aluno Eduardo, a todos desse espaço que me ensina tanto. Hoje tenho o orgulho de dizer que sou um dos professores de sociologia do mesmo, e estou contribuindo para que mais jovens negros e carentes consigam alcançar à Universidade.

Agradeço a cada um do colégio estadual Percy, que estudei no ensino médio, especialmente as professoras Taís Pedra, diretora Joana, professora Jackeline, professor

Anderson James, professor Oscar, minha falecida professora Flávia Oliveira, coordenadora Talita, entre outros, desse espaço que me apoiaram muito.

Agradeço a cada um da faculdade onde me formei em Serviço Social, Faculdade Duque de Caxias, que fechou, especialmente a diretora Rosane, professoras Jaqueline Barros, Liandra Lima Carvalho, que também foi minha orientadora do TCC, pessoas importantes para que eu estivesse nesse mestrado. Professor Salvatore, por despertar em mim o interesse pela temática racial, assim como a professora Estela. Agradeço a cada um dos estudantes dessa faculdade que compraram doces comigo, quando eu passava em todas as salas e corredores, para me formar na faculdade. Agradeço a minha supervisora de estágio, Claudia Valéria, por todo o conhecimento passado durante o meu estágio na UPA Infantil de Duque de Caxias, e por ter me apoiado também para estar no mestrado.

Agradeço a cada um da minha igreja, Assembléia de Deus Ministério Vivos, especialmente meus líderes, pastor Cristiano e Missionária Eliane, por toda a compreensão nessa etapa muito importante em minha vida, e por sempre estarem em oração por mim durante todo esse processo. Aos meus amigos Lorrayne e Ezequiel, por todo apoio, Presbítero Pablo Henrique e Leonildo, obreiro Leonardo, entre outros que faz parte desse espaço que me faz muito bem.

Agradeço aos amigos, especialmente Karla Morgana, pela amizade desde o Ensino Médio, Alan Araújo, meu barbeiro, pelo incentivo, em que durante a espera da minha vez no salão, sempre eu estava lendo alguma coisa, ao meu amigo Josiel, ao meu amigo Jonathan Rocha, pelas palavras de incentivo, ao meu amigo Patrick Fotógrafo, à minha amiga Camila Moura, sargento da Aeronáutica, que orou muitas vezes por mim, à minha amiga Maelly Ferreira, por cada palavra positiva, à minha amiga e pastora Sandra Barros, ao seu marido, Thiago, por toda oração e palavras de incentivos, assim como todos os que esqueci o nome e me incentivaram a chegar nesse momento. Agradeço ao amigo Rômullo Moralles, pelo incentivo e por deixar sempre vender os meus doces na praça do Confiança, em Nova Iguaçu, enquanto acontecia o projeto "Papo, som e bola". Agradeço à minha amiga Nívia Maria, por cada ligação, cada conselho, e palavras de incentivo para não desistir do Mestrado. Agradeço ao amigo Vinícius pelas suas orações em minha vida.

Agradeço a empresa que trabalhei como Jovem Aprendiz, em 2019, no período em que entrei no mestrado, onde me liberaram no dia para fazer a prova de seleção, e atualmente estar no final do mesmo. Gostaria de agradecer especialmente ao meu amigo Igor, a profissional de Recursos Humanos, Carol Moraes, a profissional do Departamento pessoal, Bianca, ao diretor-geral da empresa, seu Jorge, e a todos que fazem parte da mesma. Assim como agradeço ao meu professor, Alexandre, do curso de administrativo do Senac/RJ, em Irajá, onde ele me liberava das aulas do curso para assistir às aulas no mestrado à tarde, com o consentimento do diretor geral da instituição, Alexandre Schuina. Agradeço ao meu amigo no curso, João Victor, em que o contei com lágrimas nos olhos que havia passado no mestrado. Saudades de vocês!!

Agradeço ao meu dentista doutor Augusto, Andreia e Doutora Gercy por tudo

Agradeço a cada comerciantes e lojistas de Belford Roxo e Nova Iguaçu, que compraram meus doces quando eu vendia para pagar a passagem da faculdade, como é bastante gente não dá para especificar o nome de cada um.

Agradeço ao meu psicólogo Vanderlino, por todas às vezes me dar conselhos e me ouvir durante as terapias, e por ter me dado forças para continuar no mestrado, quando o falei que iria desistir, por ouvir o que eu escrevi e me dizer que tudo iria dar certo e me lembrar sempre que esse momento era meu, obrigado!

Agradeço a cada um do PPRER, por todo apoio que me foi dado, cada palavras de incentivo e encontros nos corredores e bosques foram cruciais durante esse processo. Agradeço aos professores e doutores desse Mestrado, Talita, Fábio, Maria Cristina Giorgi, Roberto Borges, Mario, Fátima Lima, Dyego, por todo o conhecimento passado. Às professoras e Doutoras Maria Alice (UERJ) e Maria Cristina Giorgi, pelas contribuições para construção desse texto. Agradeço aos egressos do PPRER, por cada dúvida tirada e incentivo, especialmente Rosilene silva, com sua dissertação importantíssima e troca de mensagens no Whatsapp, assim como Jorge nascimento, que tirou diversas dúvidas que eu tinha durante o processo de escrita.

Agradeço aos colegas de turma e todos que conheci através do PPRER, especialmente aos meus colegas do grupo de orientações coletivas, Octávio, Bianca e Fernanda, por cada puxão de orelha no Whatsapp para não desistirmos do Mestrado, por cada dúvida tirada, pelo compartilhamento da alegria e tristeza que vivenciamos durante essa pandemia, por cada conversa no "churrasquinho" perto da CEFET-RJ, por todo o apoio material e dicas, agradeço todos vocês. Ubuntu!

Agradeço aos colegas de turma, especialmente Douglas Avelino, Yago Eloi, por toda dúvida tirada, Danielle Chaves, que mesmo não conseguindo concluir conosco, nos ensinou tanto, Cristhiane Malungo, pelo apoio dado diversas vezes, Larissa, Sinara, Ana, Wallace, Gabriela, a todos mesmo. Apesar de que a pandemia acabou nos fazendo se comunicar somente via Whatsapp, desde março de 2020. Saudades dos momentos em sala de aula, onde trocávamos como estava o andamento da nossa pesquisa.

Agradeço ao professor e orientador, Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins, por não ter desistido de mim e da minha pesquisa, mesmo quando tantas vezes dizia a ele que eu iria desistir e não terminaria o mestrado. Agradeço também por todo o conhecimento passado durante as orientações coletivas, cada troca de mensagens no Whatsapp tirando as minhas dúvidas sobre a pesquisa, por cada anotações dadas no texto, por ter acreditado no meu potencial e escrita, cada puxão de orelha que me foi dado para não desacreditar da minha pesquisa, enfim, agradeço por tudo.

Agradeço aos 2 jovens negros que aceitaram contar um pouco de suas experiências de vida e trajetórias escolares nessa pesquisa, mesmo durante a pandemia. À escola estadual selecionada para realizar essa pesquisa, especialmente ao professor de história da mesma por todo o apoio, à professora articuladora pedagógica e coordenadora pedagógica pela compreensão. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também a Bolsa disponibilizada pela CAPES e CEFET-RJ, sem a qual essa pesquisa não seria possível nesse período pandêmico.

Gratidão!!

EPÍGRAFE

“Posso confiar, Posso ir além

Posso ir á frente, amém, amém

Não vou desistir, Não vou recuar

Jamais quero olhar para trás

Aquilo que Deus prometeu

Na hora certa vai acontecer

Deus vai fazer mais

Muito mais do que você sonhou.”

(Música Autoral “Nunca desista”, feita enquanto eu vendia os doces para pagar a passagem da faculdade, em 2018)

RESUMO

Racismo na escola e a sua influência nas trajetórias escolares dos jovens negros

Essa dissertação se propõe a investigar de que modo a experiência do racismo na escola influencia as trajetórias escolares dos jovens negros e quais as estratégias utilizadas por esses para a superação dessas experiências. Por isso, foram entrevistados 2 jovens negros, pertencentes a uma escola da rede estadual de educação no município de Belford Roxo. Como referencial teórico, essa pesquisa faz uso dos conceitos de racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), racismo recreativo (MOREIRA, 2019) e de racismo na escola (CAVALLERO, 2014, BERNARDO, MACIEL, 2015; GOMES, 2003a). Também utilizamos o conceito de juventudes (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003), projetos de vida (VELHO, 2003; DAYRELL, 2005) e redes de apoio (TEIXEIRA, 2003). Como resultado, obteve-se que os jovens negros utilizam das redes de apoio que possuem para a elaboração dos seus projetos de vida, não "cruzando os braços", mediante o racismo e dificuldades encontradas nas suas trajetórias escolares.

Palavras-Chaves: Racismo; Racismo na escola; Trajetórias Escolares; Jovens Negros; Projetos de Vida.

ABSTRACT

Racism at school and its influence on the school trajectories of black youth

This dissertation aims to investigate how the experience of racism at school influences the school trajectories of young black people and what strategies they use to overcome it. Therefore, two young black people from a state school in the city of Belford Roxo were interviewed. As a theoretical framework, this research uses the concepts of structural racism (ALMEIDA, 2018), recreational racism (MOREIRA, 2019), and racism at school (CAVALLERO, 2014, BERNARDO, MACIEL, 2015; GOMES, 2003). We also use the concept of youth (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003), life projects (VELHO, 2003; DAYRELL, 2005), and support networks (TEIXEIRA, 2003). As a result, it was found that young black people use the support networks they have for the development of their life projects, not "stand idly by", through racism and difficulties encountered in their school trajectories.

Keywords: Racism; Racism at school; School trajectories; Black Youth; Life Projects.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 12
Aspectos Teóricos e Metodológicos 18
Estrutura dos Capítulos 26

1. RAÇA, RACISMO E TEMAS CORRELACIONADOS 29
1.1. Raça 29
1.2. Racismo 32
1.3. Ideologia e racismo 49
1.4. Meritocracia e seus impactos para a população negra 51
1.5. Dados da desigualdade entre negros e brancos 54
1.6. Preconceito De Marca E De Origem 55
1.7. Racismo na escola 56

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS JUVENTUDES NEGRAS 64
2.1. Juventudes x Juventudes negras à luz dos sujeitos entrevistados 65
2.2. Trajetórias escolares dos jovens negros 70
2.3. Os jovens, a escola e a pandemia do Covid-19 79

3. DISTINTAS TRAVESSIAS 90
3.1. Família e amigos como "rede de apoio" dos jovens 90
3.2. Projetos de vida 97

CONSIDERAÇÕES FINAIS 109
REFERÊNCIAS 115
ANEXO 1 128
ANEXO 2 129

APRESENTAÇÃO

Há 2 anos eu entrei nesse Mestrado em Relações Étnico-raciais que se tornou um divisor de águas em minha vida. Primeiro, porque através dele pude obter um conhecimento maior sobre as questões raciais, que vinha pesquisando desde a minha formação na Faculdade de Serviço Social, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)[1], em 2018; segundo, porque me possibilitou o acesso a temáticas e assuntos que não havia estudado anteriormente.

Importante mencionar que conheci o mestrado através da minha ex-orientadora do TCC, Liandra, que me falou sobre ele em uma das minhas orientações, em 2018. Até aquele momento o desconhecia, mas concordei com ela: assim que abrissem as inscrições, iria me inscrever.

Sair da faculdade direto para o Mestrado, com diferença de 5 meses entre um e outro, não foi tarefa fácil. Principalmente pelos vícios de escrita que me acompanhavam desde a universidade, assim como por ser o primeiro da minha família a concluir a faculdade e consequentemente o primeiro a alcançar o mestrado.

O ano do meu ingresso no mestrado, 2019, coincidiu com o momento em que eu ainda trabalhava como Jovem Aprendiz[2] em uma empresa de ferragens e materiais de construção em Acari/Fazenda botafogo, e tive que obter autorização lá para fazer a prova de seleção discente. Me lembro daquele momento marcante, de 225 candidatos, em sua maioria pretos e pardos (negros), no auditório do CEFET-RJ. Quando fui classificado, também tive que pedir autorização ao professor do curso de administração no SENAC/RJ, que fazia obrigatoriamente por conta do Jovem Aprendiz, para assistir às aulas da disciplina sobre "Juventudes" à tarde no CEFET/RJ, bem como acompanhar as orientações coletivas.

---

[1] O tema que abordei em meu TCC foi: "Racismo é assunto para o Serviço Social?": Um estudo sobre a relação do racismo na sociedade brasileira e o curso de Serviço Social da Faculdade Duque de Caxias", no qual pesquisei sobre a presença da temática racial no curso de Serviço Social na faculdade que me formei, em Duque de Caxias.

[2] De acordo com Corrochano (2014): "(...) é considerado um contrato especial de trabalho com prazo de, no máximo, dois anos. As empresas são obrigadas a incorporar entre 5% e 15% de aprendizes ao contingente de empregados, desde que frequentem cursos de aprendizagem profissional e a escola regular. O aprendiz com idade entre 14 e 24 anos tem registro em carteira, salário-mínimo e jornada de até 6 horas diárias, à exceção do caso daqueles que já completaram o Ensino Fundamental" (CORROCHANO, 2014, p. 215)

O espaço das orientações coletivas foi muito acolhedor para mim, pois no início não me achava capaz de estar cursando mestrado, primeiramente pela idade que tinha, 22 anos, embora já houvesse concluído a faculdade. Também considerei que não conseguiria concluir, pois saía da minha casa em Belford Roxo, pegava o trem que saía de Japeri ou de Belford Roxo lotado, chegava em casa altas horas e bem cansado. Mas com o apoio dos colegas da turma durante as disciplinas, assim como nas orientações coletivas com meu orientador e professor Carlos Henrique, comecei a enxergar de forma positiva que ali era o meu espaço, eu só precisava me apropriar disso.

O advento da pandemia do Coronavírus (COVID-19) aumentou essa dificuldade, dado que tivemos nossas aulas suspensas por 6 meses, pois estava incerto se daríamos continuidade às aulas das disciplinas que estávamos cursando do 1.º trimestre de 2020 de forma remota ou presencial. Isso nos desanimou cada vez mais a acreditar que iríamos conseguir concluir o mestrado e finalizar as disciplinas obrigatórias e eletivas.

Essa pandemia afetou o psicológico da maioria dos mestrandos, e como resultado pudemos perceber o número grande de solicitações de prorrogação da defesa da dissertação, pois gerou em muitos o bloqueio na escrita, o agravamento de transtornos psicológicos, entre outros fatores. Eu mesmo, nesse ano, perdi duas pessoas queridas durante essa pandemia, a minha avó materna Glória, em fevereiro, e depois minha tia materna Jorcelina, em maio, ou seja, com diferença de 3 meses entre uma e outra. Esse fato me deixou muito triste e me trouxe crises de ansiedade.

Com o anúncio do retorno das aulas de forma remota, tivemos que dar continuidade às disciplinas que estávamos cursando no 1.º trimestre de 2020, em 1 mês, e no trimestre seguinte em 2 meses. Esse fato deixou-me nervoso e ansioso, pois não estava com um bom psicológico para encarar essa realidade e pensei diversas vezes em desistir, por considerar que não iria dar conta de realizar as disciplinas eletivas e obrigatórias. Mas com força de vontade e garra decidi continuar, finalizando todas elas.

Importa neste momento trazermos o tema da pesquisa. Quando ingressei no mestrado, a minha pesquisa era sobre o racismo na escola e as suas consequências para os estudantes negros, baseada em minha própria experiência de racismo que vivenciei quando estudava no 6.º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal localizada na cidade de Nova Iguaçu, com 11 anos, no ano de 2008. Tal tema também era fruto do meu projeto de pesquisa no curso em que me formei, na faculdade de Serviço Social, pois

antes de começarmos a escrever o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) temos que escrever obrigatoriamente esse projeto de pesquisa.

A minha orientadora Liandra aconselhou-me a mudar a perspectiva que abordei no projeto de pesquisa, pois poderia ter dificuldades para a execução do TCC por ainda haver um entrave na inserção do assistente social nas escolas, de forma que guardei o projeto, utilizando-o posteriormente para o ingresso no mestrado.

Na escola municipal supracitada, enfrentei o racismo manifestado através de brincadeiras e "piadinhas", denominado racismo recreativo, recebendo inúmeros apelidos de cunho racial, como suco de pneu, suco de asfalto, macaco, entre outros, que me atingiram profundamente, trazendo consequências para a formação da minha identidade negra, tais como a baixa autoestima, a vergonha de ser negro, revolta interior, tristeza, traumas e a vontade de ser branco, na tentativa de me "livrar" dessas situações.

Nesse período, eu morava com a minha falecida avó Maria de Lourdes em Nova Iguaçu, que sempre me apoiou em diferentes etapas da minha vida. Eu e meus irmãos ficávamos com ela, enquanto minha mãe, que morava em Belford Roxo, ia trabalhar. Meu pai não trabalhava na época, e nos levava de bicicleta para a casa dessa minha falecida avó, para cuidar de nós durante o tempo em que minha mãe trabalhava.

A minha criação foi no bairro Caioaba, em Nova Iguaçu. Eu e meus irmãos íamos para Belford Roxo aos finais de semana, para ficar com minha mãe, mas voltávamos domingo à noite para a casa da minha falecida avó.

Importante demonstrar que nesse período eu não me considerava negro, ainda de maneira ínfima, me achava feio quando me olhava no espelho, isso porque ouvia de colegas na infância, seja na escola ou na rua que eu era feio. Nunca assimilei que esse considerar-se feio era pelo fato de ser negro. Então imaginava que me tornar branco seria a melhor coisa a fazer. Tinha o sonho de ser branco.

Ainda assim, prossegui nos meus estudos, sempre tirava notas boas, fato que fez com que minha falecida avó Maria tivesse muito orgulho de mim, e antes eu só estudava em escola particular. Mas devido a estar numa instituição de ensino filantrópica[3], que funcionava como reforço escolar, tive que ir para uma escola pública.

Por isso que fui realmente estudar nessa escola municipal, ainda no Ensino Fundamental I, na terceira e quarta série. A minha rotina era estudar de manhã na

[3] A instituição de ensino filantrópica só aceitava alunos de escola pública.

instituição de ensino filantrópica, que funcionava atrás de onde eu morava com minha falecida avó, como um reforço escolar e promovia diversas atividades pedagógicas[4], e à tarde estudar na escola municipal.

Essa rotina foi modificada quando fui para o turno matutino nessa escola municipal, no 6.º ano, onde passei pela experiência do racismo na escola conforme apontei anteriormente.

Mesmo falando sobre a minha própria vivência do racismo como tema da pesquisa, eu também queria saber sobre as trajetórias escolares de outros jovens negros, através dos seus próprios relatos, para saber se o racismo também influenciou as suas trajetórias escolares. Por isso mudou-se a perspectiva da pesquisa.

A partir disso, surgiram as seguintes questões: A experiência do racismo na escola influencia as trajetórias escolares dos jovens negros? Em caso afirmativo, quais foram as estratégias adotadas por esses jovens para sua superação?

Para a elaboração dessas questões, tomou-se como pressuposto que cada indivíduo vivencia a sua experiência (BONDÍA, 2002), que o momento da juventude é propício para a formação de identidade (GOMES, 2003a), assim como que o racismo ocorre no ambiente escolar.

Diante dessas questões, a primeira hipótese que levantamos nessa pesquisa é que a experiência do racismo na escola faz com que os jovens negros adquiram uma baixa autoestima, abandonem a escola mais cedo, passando pelo fracasso escolar, reprovações, a evasão e o abandono escolar[5], que interferem diretamente em suas perspectivas de futuro e trajetórias escolares.

Dessa forma, Jesus (2014) afirma que o racismo ocorre no ambiente escolar, através da interação dos estudantes, perpassando jogos de palavras racistas contra os negros, assim como pelos profissionais da educação e gestão escolar que "fecham os olhos", por conta de, na maioria das vezes, não saberem lidar com essas situações.

---

[4] As atividades pedagógicas que a referida instituição de ensino promovia era a conscientização dos alunos acerca de diversos assuntos sociais, tais como ética, comportamento, datas comemorativas, entre outros, e como era uma instituição filiada à igreja católica, promovia anualmente atividades ligadas à campanha da fraternidade.

[5] De acordo com Sadalla et al (2018): "O Abandono escolar é quando um estudante não conclui o ano letivo, ou seja, deixa de frequentar a escola sem terminar uma determinada série ou ano escolar; a Evasão escolar é quando o jovem conclui o ano letivo e não retorna à escola no ano seguinte, ou seja, não efetua a matrícula para dar continuidade aos estudos". (SADALLA et al, 2018, p. 100)

Em relação à autoestima, conforme as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2006) trata-se do:

> Sentimento e opinião que cada pessoa tem de si mesma. É na infância, no contato com o outro, que construímos ou não a nossa autoconfiança. As experiências do racismo determinam significativamente a autoestima dos adultos (as) negras e somente a reelaboração de uma nova consciência é capaz de mudar o processo cruel de uma sociedade desigual que não os(as) estimula e nem respeita. (BRASIL, 2006, p. 216)

Desse modo, passar pela experiência do racismo na escola pode trazer consequências à construção da autoestima dos jovens negros. Pode fazer também com que eles percam a autoconfiança, ou seja, não acreditem neles mesmos, e se sintam inferiores aos outros.

No tocante ao fracasso escolar e reprovações, Dayrell e Jesus (2016) afirmam que o racismo na escola pode provocar o desinteresse pelos estudos nos estudantes negros do Ensino Médio, gerando como consequência o abandono. Nesse sentido, Rodrigues (2014) afirma que o sistema escolar contribui na produção e reprodução social da exclusão, manifestada através da evasão e baixos índices de escolaridade entre a população negra, por silenciar e invisibilizar o racismo que ocorre em seu interior.

Ainda assim, conforme afirma a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Educação):

> Levando-se em consideração todo o quantitativo de jovens de 14 a 29 anos do País, em 2019, equivalente a quase 50 milhões de pessoas, 20,2% não completaram o Ensino Médio, seja por terem abandonado a escola antes do término desta etapa, seja por nunca tê-la frequentado. Nesta situação, portanto, havia 10,1 milhões de jovens, dentre os quais, 58,3% homens e 41,7% mulheres. Considerando-se cor ou raça, 27,3% eram brancos e 71,7% pretos ou pardos. (IBGE, 2019, p. 10)

Esses dados demonstram que os jovens negros foram os mais afetados pela evasão e abandono escolar, e se acredita que o que está por trás dessa realidade é a presença do racismo na escola, que gera a exclusão escolar, mesmo que não seja explicitado nessa pesquisa do PNAD Educação. Nesse âmbito, de acordo com Carrijo (2020), aos jovens negros que permanecem na escola, pouco ou quase nada é oferecido para encontrar representatividade e pertencimento na mesma, sobrando-lhes as designações de feio, indisciplinado, violento, potente (no sentido de força ou aptidão física), ou que nada aprende.

Em suma, concordamos com Passos (2011):

> As trajetórias escolares, em particular dos jovens negros, são marcadas pelas reprovações e interrupções confirmando que as desigualdades raciais compõem o cenário dos processos de escolarização e de vida da população negra. (PASSOS, 2011, p. 4)

Além dessa hipótese inicial, elaboramos uma segunda hipótese na pesquisa, de que os jovens negros buscam a superação da experiência do racismo no ambiente escolar, assim como do seu cotidiano, através das "redes de apoio"[6] que possuem, relacionadas a familiares, amigos, professores, e demais pessoas com as quais convivem, para elaborarem os seus projetos de vida.

Nesse contexto, Jesus (2005) aborda em sua pesquisa que a maioria dos jovens negros conseguem "dar a volta por cima" perante as dificuldades encontradas em suas vidas, para concluírem os seus estudos, contando com a "rede de apoio", em busca de vitória e sucessos em seus projetos de vida, não se lamentando ou se subestimando diante do racismo que enfrentaram.

Após a elaboração dessas hipóteses, é importante apontarmos que o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar de que modo a experiência do racismo na escola trouxe consequências para as trajetórias escolares dos jovens negros e quais foram as táticas que esses jovens utilizaram para a superação dessas experiências. Para se chegar a esse objetivo, elaboraram-se os seguintes objetivos específicos: identificar se os jovens negros vivenciaram a experiência do racismo em seus cotidianos e na escola; conhecer as trajetórias escolares dos jovens negros, bem como as dificuldades e percalços que tiveram que enfrentar em seus caminhos; e compreender os projetos de vida elaborados pelos jovens negros, bem como as "redes de apoio" que estabeleceram para realizarem os seus sonhos e objetivos.

Sendo assim, a partir dessa apresentação e contextualização do tema da pesquisa, torna-se importante trazer sobre os aspectos teóricos e metodológicos dessa dissertação

[6] Segundo Brito e Koller (1999): "(...) conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo". (BRITTO; KOLLER, 1999, p. 115)

Aspectos Teóricos e Metodológicos

Em relação aos aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, inicialmente, antes da pandemia do Covid-19 e das medidas de isolamento social por ela ocasionadas, pretendia-se ir presencialmente até o colégio estadual escolhido para realizar a pesquisa de campo. Tal colégio foi escolhido por ser localizado no bairro em Belford Roxo denominado Areia Branca, que tem em seu contorno 2 comunidades: Castelar e Palmeirinha, onde seria possível que houvesse uma maioria de estudantes pretos e pardos (negros), que interessam à pesquisa.

No tocante à pesquisa de campo, de acordo com Gonsalves (2001):

> A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (...). (GONSALVES, 2001, p. 67).

Importante destacar que a pesquisa de campo faz parte dos principais métodos qualitativos, conforme afirma Oliveira (2015):

> Os principais métodos qualitativos são baseados em pesquisa de campo e no uso de técnicas que permitem a imersão do pesquisador no ambiente de pesquisa, visando à descoberta de significado e à importância dos fenômenos sociais para as pessoas envolvidas nessas configurações, como entrevista em profundidade, observação participante, etnografia. (OLIVEIRA, 2015, p. 136).

Dessa forma, pretendíamos utilizar a técnica da observação participante. (MINAYO, 2001)

Assim, utilizaríamos essa técnica pois nos possibilitaria o melhor conhecimento das interações entre estudantes negros e estudantes brancos em sala de aula, bem como se essa relação perpassava o racismo, atos racistas e xingamentos na realidade social[7].

Para isso, eu solicitaria à direção escolar e a um dos professores do colégio entrar na sala de aula, como se fosse ajudante do educador, para que não ocorresse a influência no comportamento dos estudantes. Nesse âmbito, Good e Hatt (1977), também afirma:

[7] Segundo Gil (2008): "Realidade social é entendida (…) em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituiçõessociais". (GIL, 2008, p. 26)

> Pode-se aceitar como certo que, se os membros desconhecem os propósitos dos cientistas, seus comportamentos tenderão a ser menos influenciados. Assim, podemos registrar o comportamento "natural" do grupo. (GOOD; HATT, 1977, p. 158)

Além dessas questões apresentadas, para a coleta dos dados que encontraríamos na observação, no campo de pesquisa, utilizaríamos o diário de campo, já que, para Good e Hatt (1977): "O documento básico será naturalmente um certo tipo de livro, registro da experiência do campo. Pode tomar a forma de um registro diário de cada item, anotados sob os subtítulos apropriados". (GOOD; HATT, 1977, p. 162)

Assim, seria importante que eu não só anotasse aquilo que estivesse evidente no campo de pesquisa, no diário de campo, mas que anotasse também tudo o que eu observasse, até o que eu não considerasse importante, pois poderia encontrar outros dados da realidade que não havia percebido.

Após essa observação participante, selecionaríamos 3 jovens negros para a realização da entrevista. Chegou-se a esse número por ser um quantitativo mais específico de estudantes negros, pois poderíamos colher o maior relato possível das experiências que eles tiveram do racismo na escola e se lhes causaram consequências. Também pela delimitação da amostra da pesquisa, com o intuito de que a análise das entrevistas feitas não perdesse o mínimo de detalhes possível das experiências.

Como estamos relatando nesse texto, o avanço das medidas restritivas para conter o avanço e propagação dos casos de Coronavírus (COVID-19) fez com que mudássemos a metodologia da presente pesquisa. Foi então que, primeiramente, pensamos em realizar a pesquisa com 3 jovens negros, do 3.º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual, por conta do pouco tempo que restava para a execução.

Escolhemos 3 jovens negros do 3.º ano do Ensino Médio porque é nessa etapa que eles decidem, ou não, o que pretendem fazer ao concluir o Ensino Médio, e poderia nos proporcionar mais informações sobre as suas trajetórias escolares, se perpassaram o racismo ou não, bem como sobre os seus projetos de vida.

Assim, usamos a metodologia da bola de neve. (VINUTO, 2014).

Desse modo, essa forma de método tornou-se possível, pois um dos professores de história do 3.º ano do Colégio Estadual fez curso comigo de estudos da escravidão, na Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC), em 2015, quando eu ainda cursava o 2.º período da faculdade.

Descobri que ele dava aula no colégio quando o mesmo entrou em contato comigo pelo Facebook, após minha história sair no Programa Balanço Geral, da emissora de televisão Record Rio, no dia 3 de maio de 2021[8]. Ele me indagou se poderia passar a entrevista para os seus alunos do terceiro ano na plataforma digital, para os estimular a não desistirem dos seus sonhos e objetivos. Dessa maneira, logo o autorizei e, em simultâneo, informei pretender realizar a pesquisa no referido colégio, e ele em seguida me deu o contato da professora articuladora pedagógica, para falar sobre a pesquisa com ela.

Quando entrei em contato com a professora articuladora, pelo WhatsApp, expliquei sobre a pesquisa e que pretendia realizar a entrevista com 3 jovens negros do 3.º ano do colégio. No dia 19 de julho, ela me disse que o colégio havia entrado em recesso escolar, mas que conversou sobre mim com a coordenadora pedagógica, que estaria agendando um dia para que eu comparecesse em uma reunião com a coordenadora geral, visto que os estudantes estavam acompanhando as aulas através do ensino híbrido, que mescla ensino presencial e remoto em simultâneo.

No dia 2 de agosto, a professora articuladora informou-me que o município de Belford Roxo havia entrado em bandeira vermelha por conta do aumento de casos de covid-19. As aulas presenciais foram então suspensas, e os estudantes tiveram que se adaptar ao ensino remoto, realizado on-line, mas mesmo assim ela estaria vendo o melhor dia para eu comparecer no colégio. Ainda assim, dei a sugestão para ela de que a reunião fosse realizada de forma on-line, por conta da brevidade do tempo de realização da pesquisa, mas ela preferiu que fosse feita de forma presencial.

No dia 10 de agosto que ela finalmente entrou em contato comigo novamente para informar que conseguiu agendar uma reunião presencial com a coordenadora pedagógica no dia 17 de agosto, às 14 horas, e que estariam me aguardando. Confesso que esse processo gerou muita ansiedade em mim, pois estavam faltando as falas dos sujeitos para completar a pesquisa, e pensei diversas vezes em desistir, pois, considerava que não iria conseguir.

Quando compareci no colégio no dia combinado, estavam presentes na reunião, na sala da coordenação pedagógica, a professora articuladora pedagógica, o professor de

[8] A reportagem encontra-se em forma de vídeo no aplicativo do portal R7 intitulada: “Jovem se forma após vender doces para pagar passagens até a faculdade”. Ela também está no site Youtube e pode ser acessada através do link: https://youtu.be/no8ntOjUuf8.

história, que eu já conhecia, e a coordenadora pedagógica, e conversamos sobre a pesquisa e seus objetivos. Informei-os que pretendia utilizar a metodologia da bola de neve e indaguei se teriam um jovem negro, do 3.º ano, para me indicar e participar da pesquisa. Pediria para que esse me indicasse mais um jovem negro, que me indicaria mais um, até chegarmos a 3 jovens negros.

Foi então que o professor de história me informou que estaria dando aula para três turmas do terceiro ano no dia seguinte, falaria sobre os objetivos da pesquisa para os estudantes e, assim que arrumasse o jovem negro para a pesquisa, me ligaria à noite.

No dia 18 de agosto, ele me ligou e disse que nenhum dos estudantes das três turmas queria participar, mesmo ele dizendo os objetivos da pesquisa e que seria realizada a entrevista de forma on-line. Ele tinha poucos estudantes em sala de aula, pois cada semana vai uma parte, por conta do ensino hibrido. Como ele dá aula para mais duas turmas do terceiro ano, disse que iria tentar novamente no outro dia.

No dia 19 de agosto, ele entrou em contato comigo pelo WhatsApp, relatando haver conseguido um jovem negro para participar da entrevista, mas que como ele tinha 17 anos, iria precisar da assinatura do responsável. Daí compareci no colégio, no horário de almoço do trabalho, levei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e pedi para que esse jovem levasse o termo para que seu responsável assinasse e preenchesse os dados com ele. Eu iria buscar no outro dia no colégio e marcaríamos o dia da realização da entrevista.

Em relação ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (V. Anexo 1), segundo La Taille (2008):

> Com ele, o sujeito não somente sabe que está participando de uma pesquisa, como é informado do que ele vai ter de fazer e dos possíveis riscos inerentes à sua participação. As razões básicas de ser do Termo de Consentimento são quatro: 1) o sujeito saber que está participando de uma pesquisa, 2) ele saber se corre algum risco previsível, 3) ter a liberdade de consentir, ou não, em participar e 4) saber que o pesquisador se compromete em guardar sigilo sobre sua identidade. (LA TAILLE, 2008, p. 276)

Por isso esse termo é importante, pois, enquanto informa aos sujeitos os riscos que correm ao participar da pesquisa, lhes dá a liberdade de escolher se desejam participar ou não dela. Como se pode perceber, a todo momento, tomou-se o cuidado de deixar o colégio ciente dessa pesquisa, para que não houvesse interferências nos dados ou medidas

administrativas contra a realização da mesma. Por isso, não identificamos o nome do aluno.

No dia 20 de agosto, compareci no colégio para pegar a minha via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com o jovem indicado pelo professor de história, contendo a assinatura do seu responsável legal, já que ele tinha 17 anos. Daí a nossa entrevista foi marcada para o dia 21 de agosto de 2021, sábado, às 15 horas, de forma on-line, através da plataforma Google Meet, e teve duração de cerca de 1 hora e 20 minutos. Com o consentimento do jovem, a entrevista foi gravada, e salva na pasta do Google Drive para, posteriormente, ser realizada a transcrição.

A entrevista utilizada foi a semiestruturada, segundo Triviños (1987):

> Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Dessa forma, para auxiliar a entrevista foi utilizado um roteiro (V. Anexo 2), abordando os seguintes tópicos: dados pessoais, trajetórias escolares, racismo na escola, e projetos. Mas, conforme a entrevista foi se desenvolvendo, surgiram novos assuntos e perguntas que não estavam no roteiro, o que é muito importante para deixar o entrevistado bem à vontade no que vai falar e também pode trazer novos questionamentos e respostas que interessam a pesquisa.

Ao final da entrevista, pedi-lhe a indicação de mais um jovem negro para participar da pesquisa, pois esse é um dos objetivos da metodologia da bola de neve, na qual o elemento de contato, ou a semente, indica outro sujeito para a sua realização (VINUTO, 2014). Assim, ele me passou o número de telefone de um dos seus amigos que tinha 18 anos. Ao entrar em contato com o jovem, no mesmo dia, não obtive resposta à mensagem. No dia seguinte, tentei novamente entrar em contato com ele, via mensagem no WhatsApp, sem sucesso.

Na segunda-feira, dia 23 de agosto, entrei em contato de novo com esse jovem, mas sem sucesso. Decidi, então, ligar para ele, que me informou ter 18 anos e já haver sido notificado da indicação para a pesquisa através do seu amigo que havia participado. Nesse instante, falei dos objetivos da pesquisa e ele me informou estar com medo da entrevista ser realizada, pois a mãe não o autorizava sair por conta do aumento de casos

da covid-19 no município. Assim, o esclareci que seria realizada de forma on-line e só marcaria com ele de ir entregar o termo de consentimento para autorizar e ele ficar ciente dos riscos e das informações sobre a pesquisa. Ele me disse para ir ao seu encontro às 16:30.

Às 16:30, no mesmo dia, ao ligar para avisar que estaria indo ao seu encontro para levar o termo, sua mãe atendeu o telefone e, assim que passou para ele, desligou a chamada. Tentei ligar novamente e ele não atendeu mais. Desse modo, percebi que jovem não queria participar da pesquisa.

Essa recusa pode ter acontecido devido ao fato desse jovem não me conhecer, assim como pelo medo de participar de pesquisas como essa, nas quais o relato dos jovens é muito importante.

Esse fato tem relação com uma das dificuldades desse método, como afirma Vinuto (2014):

> É importante ressaltar que a amostragem em bola de neve não é um método autônomo, no qual a partir do momento em que as sementes indicam nomes, a rede de entrevistados aumenta por si mesma. Isso não ocorre pelos mais variados motivos, sendo um deles o fato de os entrevistados não serem procurados ao acaso, mas a partir de características específicas que devem ser verificadas a cada momento. Além disso, as pessoas indicadas não necessariamente aceitarão fazer parte da pesquisa, o que também pode prejudicar o aumento da rede de contatos para a pesquisa. (VINUTO, 2014, p. 20)

Desse modo, entrei em contato novamente com a coordenadora pedagógica do colégio, relatando toda essa situação, assim como para saber se ela poderia me sugerir outro nome para participar. Ela ficou de verificar, mas não obtive a resposta de imediato. Também entrei em contato com o professor de história do colégio novamente, que disse que veria com a coordenadora pedagógica.

Desse modo, tentei contato com um dos jovens negros que eu conhecia da escola e estava no segundo ano, que me informou que não ter como indicar-me mais um sujeito para a pesquisa que fosse do terceiro ano, pois não tinha contato com ninguém

No dia 25 de agosto, a coordenadora pedagógica mandou mensagem no WhatsApp informando estar com sua filha doente, por isso não me atendeu, e que o jovem que ela queria indicar já havia terminado o terceiro ano, era negro e tinha feito parte do Parlamento

Juvenil[9], através do colégio. Desse modo, pedi-lhe o contato dele, para ver a possibilidade de realizar a entrevista, para saber a sua posição de vida atual, assim como conhecer a sua trajetória escolar, se passou por racismo e quais os seus projetos, mas ela acabou não me passando o número dele.

Até tentei solicitar ao professor que me deixasse ir falar pessoalmente com os estudantes do horário noturno, visando realizar a entrevista, mas ele me disse que não dava aulas nesse horário, somente no turno matutino, e eu teria que ver com a coordenação pedagógica.

Dessa forma, no dia 27 de agosto, entrei na página do Facebook da escola, e encontrei uma homenagem ao jovem negro egresso, que seria indicado pela coordenadora pedagógica por fazer parte do parlamento juvenil. Daí encontrei seu perfil nas redes sociais e mandei mensagem no Instagram, que ele me respondeu de imediato. Mandei um áudio para ele, explicando sobre a pesquisa e questionando se ele teria o interesse de participar, indagando se poderia realizar a entrevista no dia seguinte, ao que ele aceitou.

Assim, no dia 28 de agosto, sábado, às 15 horas, realizei a entrevista com o jovem negro egresso da escola, de 18 anos. Na entrevista, realizada de forma on-line, através do Google Meet, foi perguntado como esse jovem se encontra após ter terminado o Ensino Médio, utilizando as mesmas perguntas do roteiro sobre trajetórias escolares, racismo na escola e projetos. Ela teve duração de cerca de 1 hora e 30 minutos e em seguida a gravação, realizada com o consentimento desse jovem, foi salva no Google Drive. No final da entrevista foi solicitado também a ele a indicação de mais um jovem negro do colégio, no terceiro ano, para realizar a entrevista, ao que ele concordou, mas depois mandou uma mensagem no WhatsApp relatando não haver conseguido.

A entrega do termo de consentimento para esse jovem para a participação da pesquisa foi uma semana após a entrevista, quando fui ao seu encontro de bicicleta.

Ainda assim, tive o interesse de tentar trazer mais um jovem negro para realizar a entrevista, pois desde o início pretendia realizar a entrevista com 3 jovens negros, então

[9] De acordo com a ALERJ (2021): “Criado em 1998, instalado em 2003 e revisado em 2015, o Parlamento Juvenil é um projeto da Alerj em parceria com a Secretaria de Educação que envolve as escolas estaduais de todos os municípios do Rio de Janeiro. O projeto simula os moldes do parlamento convencional, com direito a escolha da Mesa Diretora, Regimento Interno e votação em plenário. Durante uma semana, os estudantes eleitos passam a ter as mesmas atribuições de um deputado estadual e discutem e aprimoram projetos de lei de sua própria autoria que podem virar leis oficiais para toda a população fluminense. Seu objetivo é possibilitar aos jovens o exercício da atividade política, a cidadania, bem como a compreensão e a vivência do processo legislativo”. (ALERJ, 2021, s/p).

compareci presencialmente no dia 2 de setembro no colégio, em uma das aulas do professor de história no terceiro ano. Desse modo, relatei os objetivos da pesquisa e indaguei quem desejava participar da entrevista, mas nenhum jovem quis.

Por isso, essa pesquisa foi realizada somente com 2 jovens negros, devido às dificuldades encontradas anteriormente. Para a identificação deles, questionei sobre o nome pelo qual queriam ser identificados na pesquisa, e apresentaremos cada um deles abaixo.

Pabllo[10], 17 anos, é estudante do 3.º ano no Colégio Estadual, mora no Centro de Belford Roxo com a mãe e o irmão mais velho que ele; e Luan[11], 18 anos, é estudante egresso do respectivo Colégio desde 2020 e mora no bairro Nova Aurora, localizado em Belford Roxo, onde reside com a mãe, pai e a irmã mais velha que ele.

Acabamos fazendo a entrevista com esse jovem negro egresso do colégio, embora nosso objetivo fosse trabalhar somente com jovens que estivessem no 3.º ano. Importante destacar que ele se tornou egresso recentemente, no ano de 2020.

Percebeu-se a todo momento, durante a entrevista, que esses jovens tiveram que voltar ao passado, através da memória, para lembrarem das experiências de racismo que vivenciaram em seus cotidianos e na escola, assim como para falar sobre as suas trajetórias escolares. Desse modo, Martins (2011) afirma que os jovens são sujeitos dotados de memória, que não é apenas um espaço de armazenamento de registros de fatos que já aconteceram em suas vidas, mas uma instância entre passado e futuro.

No tocante à transcrição das entrevistas, inicialmente baixei o arquivo de gravação do Google Drive, em que foram captadas as partes mais importantes das falas dos jovens, que correspondem aos objetivos dessa pesquisa.

Sendo assim, torna-se importante falarmos sobre as estruturas do capítulo na próxima seção

[10] Nome fictício escolhido pelo próprio entrevistado
[11] Nome fictício escolhido pelo próprio entrevistado

Estrutura dos Capítulos

Antes de falarmos sobre as estruturas dos capítulos nessa pesquisa, é importante explicitar que as falas dos sujeitos entrevistados estão em todos eles, em diálogo com a teoria, a partir dos temas propostos em cada um deles. Essa correlação entre a fala dos sujeitos e a teoria torna-se importante e necessária, visto que acreditamos que as experiências cotidianas dos jovens negros têm muito a nos dizer. Por isso, fizemos uma triangulação nessa pesquisa: a fala dos jovens, a teoria e a minha análise, como pesquisador. As falas dos jovens foram destacadas em retângulos para as diferenciar das citações.

No primeiro capítulo versamos sobre raça, racismo e temas correlacionados. Para isso, inicialmente realizamos a introdução ao debate sobre "raça", de como esse termo existe desde o século XVI e visa legitimar hierarquias entre negros e brancos na sociedade, estabelecendo o diálogo com Gomes (2012a) e Mbembe (2014). Logo em seguida, apontamos a "raça" como discurso social e político na sociedade, em que mesmo o avanço da genética e biologia comprovando não existirem grupos humanos superiores aos outros, através da ideologia o termo é utilizado pelos grupos dominantes, para legitimar o poder dos brancos sob os negros na sociedade. Desse modo, realizamos o diálogo com Almeida (2018), Ianni (2004), Hall (2003) e Munanga (2017).

Posteriormente, discorremos a respeito do racismo presente em diferentes estruturas da sociedade e também sobre o racismo institucional, baseado em Almeida (2018), que está presente em diferentes instituições sociais, tais como a escola, governo, empresas, polícia, entre outros. Aqui aparece pela primeira vez a fala dos jovens, quando afirmamos que o racismo institucional opera na polícia, pela qual os negros são vistos como suspeitos e bandidos natos. Nesse contexto, os jovens relatam que têm medo de passarem pela abordagem policial. Além disso, fizeram relatos sobre o racismo que enfrentaram por conta do cabelo que possuem e como ele é motivo de orgulho para eles. Por isso, utilizamos Gomes (2012b), para falar sobre o orgulho que esses jovens sentem por assumir o próprio cabelo, assim como Gomes (2019), que afirma como o movimento negro lutou pelo aumento da representatividade negra em diversos espaços sociais, tais como a mídia, televisão, campanhas publicitárias, entre outros.

Seguidamente, tratamos sobre a ideologia e sua relação com o racismo, dados das desigualdades entre negros e brancos, meritocracia e seus impactos na população negra, preconceito de marca e origem, recorrendo a Nogueira (2016), e, por último, em relação ao racismo na Escola, que mais uma vez aparece nas falas dos jovens entrevistados, pois relatam sobre as experiências de racismo que enfrentaram na escola, e de como esse fato trouxe impactos para as suas vidas. Desse modo, abordamos racismo recreativo, em Moreira (2019); "jogos" de palavras racistas, em Bernardo e Maciel (2015); interação entre estudantes negros e brancos na escola, em Cavalleiro (2014); e a implantação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino e estudo da cultura afro-brasileira nas instituições de ensino públicas e particulares.

No capítulo 2, iniciamos fazendo uma breve consideração acerca das juventudes negras na sociedade brasileira, utilizando inicialmente Dayrell (2007), que aponta a necessidade de se falar de juventudes, no plural, do que juventude no singular, em virtude da diversidade existente entre os jovens, no seu cotidiano e nas suas experiências sociais, assim como Pais (1990), que fala da importância de não se olhar os jovens na perspectiva da homogeneidade, como se tivessem um único perfil, pois possuem diferenças nos seus processos de socialização. Depois apresentamos as “juventudes” e “Juventudes negras”, à luz dos sujeitos entrevistados, que falam sobre o ser jovem, ser jovem negro na sociedade e no município em que residem, Belford Roxo.

Logo após, tratamos das trajetórias escolares dos jovens negros, onde se encontram presentes diversas falas em relação aos caminhos e às dificuldades que enfrentaram no ambiente escolar, embasado em Dubar (1998), que aborda as trajetórias subjetivas, obtidas através dos relatos dos indivíduos. Nessa seção, encontram-se os motivos de esses jovens escolherem o Colégio Estadual para concluir o Ensino Médio, onde estudaram antes de lá ingressarem, se abandonaram alguma vez os estudos e a relação que tiveram com os professores e colegas em sala de aula.

Ainda, no capítulo 2, tivemos como necessidade a abertura de uma seção intitulada “Juventudes, escola e a pandemia do Covid-19”, em virtude das falas desses jovens acerca dos impactos que a pandemia trouxe para os seus estudos, prejudicando a compreensão dos conteúdos ministrados pelos professores no ensino remoto implantado nas escolas em razão das medidas de distanciamento social, ocasionadas pelo aumento de casos da doença do Coronavírus (Covid-19). Nessa seção, os jovens também trazem sobre o

abandono observado por eles de estudantes no colégio, tanto das suas turmas, como de outras turmas.

No capítulo 3, apontamos as distintas travessias que esses jovens tiveram em suas vidas, bem como as estratégias que utilizaram para superar as vivências de racismo. Por esse motivo, inicialmente apresentamos a utilização das "redes de apoio" pelos jovens, que envolvem amigos, familiares e professores, para a realização dos seus sonhos e objetivos, embasados em autores como Teixeira (2003), Sposito (2005), Dayrell (2002) e Bourdieu (1998) que apresenta o conceito de capital social. Apresentamos, ainda, a composição familiar desses jovens e a influência que os seus familiares têm nos seus estudos. Quando falamos dos amigos como "redes de apoio" com os jovens, tratamos de como os grupos de conversas que eles possuem nas redes sociais, tais como no WhatsApp, Instagram e Facebook, tornam-se importantes para os auxiliarem na conclusão dos seus estudos, pelo apoio que cada um dá ao outro. Por causa disso, dialogamos com Serres (2013) com relação à revolução digital e sociabilidade virtual; Leão (2018) que fala sobre os nativos digitais; e Castells (2002) que trata da "sociedade em redes", onde as interações presenciais estão cada vez mais sendo trocadas pela interação virtual, ainda mais com o distanciamento social ocasionado pela pandemia.

Nesse mesmo capítulo, abordamos sobre os projetos de vida que os jovens elaboram, para superarem as dificuldades encontradas em suas vidas, conforme afirmam Dayrell (2005) e Velho (2003). Também pontuamos sobre o campo de possibilidades, as condições sociais concretas que os jovens utilizam para realizarem os seus sonhos e objetivos, respaldado nos autores, Velho (2003) e Dayrell (2011). Por conseguinte, falamos do curso que esses jovens pretendem fazer na universidade e os motivos que os levaram a essas escolhas, dialogando com Weller (2014) no conceito das "possibilidades de escolha". Logo em seguida, indagamos aos jovens como se imaginam daqui a 10 anos, utilizando o conceito de projetos vitais em Damon (2003) e Klein (2011), como as metas mais definidas e pensadas para um período mais longo da vida. Por último, falamos acerca da satisfação que esses jovens sentiram por participar da presente pesquisa.

1. RAÇA, RACISMO E TEMAS CORRELACIONADOS

Torna-se importante trazer inicialmente nessa pesquisa o debate sobre raça e racismo, além de temas correlacionados a ambos os conceitos, pois mesmo que possuam diferenças nas suas definições e no modo como são concebidos no Brasil, possuem relação entre si. Importante salientar que, durante as suas falas, os jovens entrevistados relataram diversos episódios de racismo que passaram nos seus cotidianos, assim como na escola, conforme apresentaremos nessa parte da pesquisa.

Ao mesmo tempo que consideramos o racismo presente em diferentes estruturas na sociedade, acreditamos que raça foi um conceito criado na sociedade, desde o século XVI, para legitimar hierarquias entre os indivíduos e atrocidades contra diferentes grupos humanos, como a escravidão, que se mantém na sociedade até os dias atuais através do discurso.

Desse modo, Mbembe (2014) afirma que a "raça" é uma construção social e foi utilizada pelos europeus para justificar a exploração de uns tidos como superiores sobre outros tidos como inferiores.

Gomes (2012a), afirma que o termo "raça", vai ganhando outro significado na sociedade, sendo adquirido e ressignificado pelo movimento negro contemporâneo para analisar o racismo que ocorre na sociedade. Dessa forma, essa ressignificação vai muito além do plano biológico, pois o avanço da genética comprovou que não existe superioridade ente um grupo humano sobre outro. Por isso, inicialmente falaremos sobre a raça nessa pesquisa, para depois apontarmos sobre racismo, ideologia, dados da população negra na sociedade, preconceito de marca e origem e, por último, racismo na escola.

1.1. Raça

Importante que antes de falarmos sobre o debate do racismo nessa pesquisa, trazermos o debate sobre a raça.

No tocante à raça, de acordo com Almeida (2018):

> Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações,

> primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. (ALMEIDA, 2018, p. 21)

Dessa forma, a ideia de raça é antiga, e começa desde antes do período escravocrata, no Século XVI. Esse termo foi utilizado para legitimar a falsa superioridade e inferioridade entre os indivíduos brancos e negros, assim como para que diversas atrocidades fossem cometidas do colonialismo europeu com outros povos, dentre esses povos a África.

Sobre as colocações daquele período, situado no século XVI, Munanga (2017) afirma:

> Em sua evolução, a ciência biológica demonstrou, já na segunda metade do século XX, que a raça não existe e, consequentemente, que são absurdas as crenças baseadas na superioridade e inferioridades dos grupos humanos. (MUNANGA, 2017, p. 33)

Desse modo, a ciência biológica apresentou que as ideias muito difundidas no período colonial, de que os negros eram seres inferiores aos brancos, baseados na raça, e que até então no século passado continuaram vigorando na sociedade, não eram verdadeiras, mas mesmo assim estão no âmbito da ideologia. É de interesse do grupo dominante branco que essas colocações sejam tomadas ainda como verdade pela sociedade. Nesse âmbito, de acordo com Munanga (2017):

> Porém, as crenças racistas não recuam, apesar de as pessoas terem mais acesso à ciência através da educação, o que mostra que a racionalidade em si não é suficiente para que todas as pessoas possam abrir mão de suas crenças racistas. Em outros termos, os racistas são movidos por outra racionalidade, que não é necessariamente cientifica. (MUNANGA, 2017, p. 33)

Dessa forma, a citação corrobora com o que está sendo explicitado neste texto, de que essas ideias são importantes para manter o grupo dominante no poder, que é branco. Se não é a racionalidade cientifica que faz com que os sujeitos acreditem na crença racista, é através do discurso social que estas ideias vão continuar existindo. Até pela representação social que se faz da população negra nos meios de comunicação, nos noticiários ou em programas de televisão.

Esse fato tem relação com o discurso. O discurso depende de quem fala na sociedade, e geralmente é alguém que tem um prestígio social e é conhecido, seja pelo poder que ocupa, ou seja por ter uma função reconhecida socialmente, ou até em

estudar em uma universidade fora do país, em que se considera que o seu diploma é mais valorizado.

Dessa forma, nos setores abaixo da classe média, o discurso da pessoa que tem o prestígio social tem a sua força e vai ser introjetado nos indivíduos.

Ainda no âmbito da raça e seu discurso, Hall (2003) diz:

> Conceitualmente, a categoria "raça" não é cientifica. As diferenças atribuíveis a "raça" numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. "Raça" e uma construção política e social. E a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo. (HALL, 2003, p. 68)

Através da raça foi construído todo um sistema de hierarquização e exclusão, pois não se limitou o seu conceito ao plano científico ou biológico, mas também ao âmbito político e cultural, como se essa classificação fosse importante na sociedade, quando, na verdade, é para gerar discursos de subordinações em que se enquadra o racismo.

Almeida (2018) vai ratificar essa afirmação, ao apresentar que:

> Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2018, p. 21)

As diferentes sociedades, em diferentes lugares do mundo, foram formadas baseadas nesse contexto da raça, que vai ser importante para que mantenham os negros em uma posição inferior à dos brancos, ao acreditarem que os brancos possuem um intelecto maior que os negros, ou acreditarem nas crenças racistas, que como já fora apontado, mesmo com a evolução das ciências e da biologia, essas ideias de raças inferiores e superiores vão continuar fazendo parte da consciência social dos indivíduos.

Por outro lado, tem-se as considerações de raça, de acordo com Ianni (2004)

> A “raça” não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação. Racionalizar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a

> articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. (IANNI, 2004, p. 23)

Com as afirmações apresentadas no presente texto, pode-se perceber que a raça implica o poder de um grupo humano, que detém os meios de produção e é majoritariamente branco, sobre outros grupos humanos, subalternos, oprimidos e inferiorizados, que em sua maioria são compostos por pessoas pretas e pardas (negras).

Sendo assim, ter esse olhar é importante para entendermos que a raça não é somente pensar nas diferenças biológicas que existem entre os indivíduos, mas também que está imbricada a toda uma estrutura, no sistema capitalista, de poder que visa legitimar hierarquias, no âmbito político, cultural e econômico entre brancos e negros, que tem o racismo como base. Por isso apresentaremos o racismo na próxima seção.

1.2. Racismo

No tocante ao conceito de Racismo, que é ligado à ideia de raça, para Almeida (2018):

> (...) o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

Assim o racismo pode ocorrer tanto de forma consciente e inconsciente, e os sujeitos negros são os alvos principais, pois vão sofrer as diferentes mazelas de desigualdades sociais. O racismo faz com que ocorram desvantagens sociais para a população negra em diferentes âmbitos da vida social, seja na área de educação[12], seja no

[12] De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, registrou-se 10,3 anos de estudo para as pessoas brancas e 8,4 anos para os negros ou pardos (RAUPP, 2019)

rendimento[13], em cargos de chefia[14] ou nos índices de desemprego[15]. Realmente não vemos, e achamos natural, os negros não ocuparem certos espaços sociais, ou muitas das vezes não conseguirem chegar ao ensino superior.

Nesse sentido, Almeida (2018) vai afirmar que:

> Mesmo hoje, quando as teorias racistas estão desmoralizadas nos meios acadêmicos e nos círculos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia e autoconfiança como professor, médico, advogado, goleiro, técnico de futebol ou administrador. (ALMEIDA, 2018, p. 48)

Quantas vezes já ouvimos que preto é burro, que não pode conseguir sucesso em sua vida ou não tem potencial para exercer certas atividades que exigem esforço intelectual?

Dessa forma, nós ouvimos e, na maioria das vezes, naturalizamos esses comentários, como se fosse comum que todos os negros não consigam ocupar cargos de chefia, por exemplo, ou não tenham capacidade para isso.

Um exemplo disso, foi o caso da cofundadora do Nubank, que ao ser entrevistada pelo Programa Roda Viva, no dia 19 de outubro de 2020, e ser indagada sobre uma possível política afirmativa para candidatos negros, afirmou que "o nível de exigência para se trabalhar no banco é alto e que não dá para "nivelar por baixo", sugerindo que a população negra tem um nível baixo (ISTO É DINHEIRO, 2020).

Esse fato dividiu opiniões nas redes sociais, em sua maioria, pelo Twitter, onde por um lado houve pessoas negras comentando, quebrando os cartões do Nubank, e, por outro lado, pessoas que concordavam com o discurso proferido pela cofundadora, destacando que realmente não dá para o banco contratar pessoas negras nas instituições, pois os negros não acreditam neles mesmos, e que os negros estão se vitimando por achar a fala da entrevistada racista.

---

[13] Segundo Hallal (2020): "Em 2012, início da série histórica do IBGE para a medição, o rendimento médio mensal dos brancos foi 57,3% maior que o dos negros. Em 2019, quase nada havia mudado: a população branca recebeu, em média, 56,6% a mais que a população negra". (HALLAL, 2020, s/p)

[14] De acordo com Freire (2020): "Segundo levantamento do Instituto Ethos com as 500 maiores organizações do país, negros e negras ocupam apenas 4,7% dos cargos executivos; 6,3% dos gerenciais; e 35,7% da folha funcional das empresas". (FREIRE, 2020, s/p)

[15] De acordo com o Informativo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019): "No tocante à população desocupada, 64,2% eram pretos e pardos (negros), enquanto 34,2% eram brancos". (IBGE, 2019, p. 2)

O banco vendo esses posicionamentos, com os negativos mais em evidência, rapidamente emitiu uma carta assinada pelos três cofundadores do banco, publicada no dia 25 de outubro de 2020, pedindo desculpas, em que em um dos trechos dizia:

> Além disso, o banco se compromete a "avançar, dentro e fora de casa, com uma agenda de reparação histórica e de combate ao racismo estrutural". Para isso, o NuBank anunciou uma parceria com o IDBR (Instituto Identidades do Brasil). "O objetivo é ampliar nosso entendimento sobre o tema, firmar nosso engajamento público e contínuo e acelerar a promoção da igualdade racial no Nubank", diz o comunicado (ISTO É DINHEIRO, 2020, s/p)

Faço alguns questionamentos diante desse fato: o que adiantou o Nubank fazer uma carta de pedido de desculpas, depois de 1 semana que a reportagem foi ao ar? Quantas pessoas deram credibilidade e legitimidade ao que a cofundadora disse? Quantas pessoas agora irão acreditar que as políticas de ação afirmativa[16] não adianta para o aumento dos negros em cargos de chefia? Por que o banco decidiu somente depois das reações negativas fazer parceria com o Instituto Identidades do Brasil?

Esse exemplo do Nubank, demonstra como a sociedade realmente naturaliza, os espaços subalternos para a população negra. A fala da cofundadora apresenta que ela acredita que negros não possam ocupar o mesmo espaço que os brancos. Ela chega até o ponto de não considerar a importância das políticas de ação afirmativa, que, sendo implantada de fato nas instituições, contribuiria para que os negros ocupassem os espaços de poder, composto em sua maioria, por pessoas brancas.

Ainda assim, o grupo racial no poder pode enfrentar resistências, em que "para lidar com os conflitos, terá de assegurar o controle da instituição, e não somente com o uso Da violência, mas pela produção de consensos sobre sua dominação" (ALMEIDA, 2018, p. 31). O grupo racial dominante nas instituições e cargos de lideranças, em diferentes espaços e organizações da sociedade brasileira, possuem diferentes estratégias para manter-se no poder, sendo uma delas a utilização dos consensos, destinados para os grupos "subalternizados", de acordo com o conceito utilizado pelo autor.

A consequência desse quadro, segundo Almeida (2018), é que:

---

[16] De acordo com Oliven (2007): "(...) refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. Em termos práticos, as ações afirmativas incentivam as organizações a agir positivamente a fim de favorecer pessoas de segmentos sociais discriminados a terem oportunidade de ascender a postos de comando.". (OLIVEN, 2007, p. 30)

> (...) o racismo pode ter sua forma alterada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais- Estado, escola etc.-, que podem tanto modificar a atuação dos mecanismos discriminatórios, como também estabelecer novos significados para a raça, inclusive atribuindo certas vantagens sociais a membros de grupos raciais historicamente discriminados (ALMEIDA, 2018, p. 41)

Dentre essas vantagens sociais, encontram-se as políticas de ação afirmativa, uma forma de discriminação positiva, que "estabelecem tratamento discriminatório a fim de corrigir ou compensar a desigualdade" (ALMEIDA, 2018, p. 27). ´

Tal forma de discriminação positiva, opõe-se à discriminação negativa, para Almeida (2018):

> (...) é possível falar também em discriminação positiva, definida como a possibilidade de atribuição de tratamento diferenciado a grupos historicamente discriminados com o objetivo de corrigir desvantagens causadas pela discriminação negativa – a que causa prejuízos e desvantagens. (ALMEIDA, 2018, p. 26)

Ainda assim, os conflitos e os antagonismos que afetam a instituição podem resultar em uma reforma que gere mudança na instituição no tocante às regras, aos padrões de funcionamento e à atuação própria da instituição, ao que um dos exemplos são as políticas de ação afirmativa (ALMEIDA, 2018). Essas políticas possuem o objetivo de "aumentar a representatividade de minorias raciais e alterar a lógica discriminatória dos processos institucionais" (ALMEIDA, 2018, p. 32)

É importante mencionar como o grupo racial dominante oferece vantagens sociais, como as políticas de ação afirmativa para se manterem no poder institucional, e assim criar os consensos entre os antagonismos e conflitos que ocorrem nas diferentes instituições sociais. Por isso, estas políticas também geram polêmicas em nossa sociedade, onde por um lado, tem aqueles que as consideram racistas ou como uma forma de discriminação negativa e, por outro lado, aqueles que as defendem, pois geram o aumento da representatividade de minorias raciais em instituições sociais. Ambos os posicionamentos são estratégias do grupo racial dominante para manter-se em posições privilegiadas nas instituições.

É nesse contexto do racismo institucional, que o autor vai abordar a concepção estrutural do racismo:

> Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são

> inerentes – , o racismo que essa instituição venha expressar é também parte dessa mesma estrutura (ALMEIDA, 2018, p. 36)

O racismo institucional tem relação com o racismo estrutural, uma vez que o racismo que ocorre na sociedade, na ordem social estabelecida, em diferentes estruturas, vai reproduzir-se nas instituições.

Nesse âmbito, o autor destaca que:

> As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2018, p. 36)

Desse modo, como a sociedade é estruturalmente racista, as instituições vão materializar o racismo em seu interior, e ainda "reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social" (ALMEIDA, 2018, p. 36).

O autor traz esses argumentos, em sua obra, para fundamentar que, embora sejam concepções distintas do racismo na sociedade brasileira, o racismo institucional tem imbricação com o racismo estrutural. Enquanto aquele se relaciona com os padrões, regras, comportamentos e normas impostas pelo grupo racial dominante à população de determinada sociedade, através das instituições, este representa como o racismo está presente em diferentes estruturas da sociedade, no plano político, jurídico, econômico e ideológico, que se reproduzem na lógica institucional.

Ele realiza uma ressalva de que a estrutura da sociedade é composta de inúmeros conflitos de classe, raça, sexuais, entre outros, que representam como as instituições também podem atuar de forma conflituosa, posicionando-se dentro desse conflito. (ALMEIDA, 2018)

Instituições sociais como empresas, governos e escolas, podem reproduzir as práticas racistas, consideradas como comuns em toda a sociedade, quando "não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais" (ALMEIDA, 2018, p. 37). Como foi mencionado anteriormente, isso pode ocorrer pelas minorias raciais não estarem sendo representadas nas instituições ou por não ocuparem cargos de liderança, restando aos grupos raciais dominantes ocuparem esse espaço, o que torna as práticas racistas legitimadas.

No tocante ao racismo institucional, Almeida (2018) continua:

> No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça,

> que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2018, p. 31)

Dessa maneira, o determinado grupo que o autor se refere, é o grupo branco. De fato, vemos na sociedade a visão de mundo do grupo dominante branco, sendo o padrão social para que os indivíduos sigam, bem como o seu padrão estético e práticas sendo o alvo a ser alcançado, o que tem relação com a hegemonia. Assim até nas instituições públicas, com relação com o Estado, o grupo dominante branco vai atuar, no qual afirma Almeida (2018):

> Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2018, p. 31)

Dessa forma, os "homens brancos", que estão no domínio dos espaços de poder, fazem de tudo para que continuem mantendo seus privilégios e vantagens, e a sociedade considera normal não ter negros em cargos de chefia e não traz consciência crítica para a desigualdade racial e de gênero que ocorre nesses espaços.

O racismo institucional "não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições" (ALMEIDA, 2018, p. 29).

Nesse sentido, o autor aborda que a desigualdade racial é característica da sociedade, não só por conta da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, como ocorre no racismo individual, mas sim pelas instituições que são hegemonizadas por determinados grupos racistas, que impõe os seus interesses políticos e econômicos. (ALMEIDA, 2018)

É importante mencionar como o racismo institucional está presente em diferentes instituições na sociedade, como a escola, mercado de trabalho, Governo e sistema judiciário, respeitando os padrões e regras do grupo racial dominante, no caso os brancos, que ocupam altos cargos de chefia e poder nas instituições, como também possuem o domínio nas instituições públicas e privadas.

Nesse contexto, é importante considerar que o racismo institucional também opera na polícia, conforme afirma a Articulação Política de Juventudes Negras (BRASIL, 2012):

> O racismo institucional opera na polícia, que desenha o suspeito de qualquer crime sempre com o rosto negro, e na sua omissão incompetente não promove cursos sobre os direitos humanos para aqueles que vão criminalizar grande parte dessa população de modo a superlotar presídios. Assim, o racismo institucional utiliza mecanismos jurídicos e de segurança pública para agir com rigidez diante dos delitos de bagatela (sem violência contra a pessoa), desde que seus acusados sejam negros, mas esses mesmos mecanismos permitem aos mensaleiros permanecer em liberdade enquanto seus advogados recorrem diversas vezes de sua condenação. (BRASIL, 2012, p. 88)

Cada vez mais, observa-se que existem policiais despreparados para trabalharem nas ruas, que acabam generalizando que todos os negros são uma ameaça e perigo, ou que irão fazer algo contra eles. Isso é fruto do racismo institucional que acontece nas instituições policiais, assim como a maioria que está nos presídios, por ter cometido algum delito ou ter sido presos inocentes, serem os negros[17].

Durante a entrevista, pôde-se perceber o medo que os jovens negros entrevistados têm diante da polícia ou de passarem por alguma abordagem policial[18]. Nesse contexto, de acordo com Pabllo:

> ... quando passa um carro de polícia, eu até brinco: - "gente, me esconde pelo amor de Deus, me esconde!" ((risos)) ... Porque é algo né, doideira que acontece, porque tanto que hoje em dia, eu tenho medo de polícia, então vai passar uma polícia aqui, eu não vou me sentir seguro, real, não me sinto seguro quando passa uma polícia, eu tenho medo da minha vida, tenho medo de perder minha vida, quando passa algum carro de polícia ... então é coisa pesada...

O relato dele correlaciona que, ao passar do lado de um carro da polícia, é como se algo horrível fosse acontecer. Ao ser indagado se já passou por alguma abordagem policial, ele relata:

---

[17] De acordo com Vargas (2020): "Em 2019, os negros representaram 66,7% da população carcerária, enquanto a população não negra (considerados brancos, amarelos e indígenas, segundo a classificação adotada pelo IBGE) representou 33,3%. Isso significa que, para cada não negro preso no Brasil em 2019, dois negros foram presos. E um pouco mais que o dobro, quando comparado aos brancos (...) em 2005, os negros representavam 58,4% do total de presos, enquanto os brancos eram 39,8% (...) A taxa de variação nesse período mostra o crescimento de 377,7% na população carcerária identificada pela raça/cor negra, valor bem superior à variação para os presos brancos, que foi de 239,5%". (VARGAS, 2020, s/p)

[18] De acordo com Pinc (2007): "(...) é um encontro entre a polícia e o público cujos procedimentos adotados variam de acordo com as circunstâncias e com a avaliação feita pelo policial sobre a pessoa com que interage, podendo estar relacionada ao crime ou não". (PINC, 2007, p. 6)

> Não, não, eu não meus amigos, eu não... graças a Deus, porque se eu tomo ((risos)) ... não sei o que vai ser de mim, porque... eu não gosto de ser mandado, tipo: - "ah, pega a identidade", vou pegar a identidade, mas: - "pega a identidade!!", vou ficar: - "ah, que inferno!!" ... Aí né? vou reagir, vai dar problema né, pode acontecer algo grave, algo né bem sério, então... graças a Deus, nunca aconteceu comigo, mas com meus amigos acontecem frequentemente ... algo que eu fico tipo: - "nossa, podia tá acontecendo comigo", né? ... Porque né somos da mesma cor.

Como ele relata, não gosta de ser mandado, por isso considera que, se passar pela abordagem, pode acontecer algo bem sério. A autora Pinc (2007) relata o comportamento esperado das pessoas abordadas pela polícia, segundo qual devem seguir todas as orientações dadas pelo policial, manter a calma e realizar os movimentos de forma lenta. Assim, qualquer ato de não obediência, como demonstrar nervosismo ou apresentar atos de truculência, pode ser considerado como desacato e os policiais podem utilizar a força contra essa pessoa.

Nesse âmbito, o trauma que causa o racismo, como aponta Kilomba (2019), também pode ser percebida na fala dos jovens negros entrevistados, quando falam sobre a polícia. O relato de Luan, demonstra esse fato, pois passou duas vezes pela abordagem policial:

> ... eu descobri que um dos meus medos assim, era ser morto por policiais e ser enterrado como indigente, vê o que passa na cabeça da pessoa ... aí teve dois momentos assim, que foram momentos de muito medo, um foi quando eu estava indo no shopping, com meu primo, e a viatura parou o ônibus, e eles só revistaram os homens pretos que estavam no ônibus, inclusive eu e meu primo, mais ninguém ... então foi uma situação clara de preconceito, de racismo ali vivenciado, é ... e, e outra vez foi com esse mesmo primo, e a gente andando de moto, a polícia parou a gente, e esse meu primo, alguns minutos antes, pediu pra eu olhar debaixo do pneu, pra, porque ele pensou que o pneu tava furado, e eu fiquei olhando, olhando, e os policiais acharam que eu tava olhando porque eu tinha deixado drogas cair no chão ... exatamente, então, ele parou a gente, inclusive foi uma situação muito constrangedora, que tinha muita gente na rua, inclusive meu professor de Educação Física da escola ... do outro lado da, da calçada, e o policial ficou falando: -"o que vocês deixaram cair!? O que vocês deixaram cair!?", e a gente falou: - "a gente não deixou nada cair, a gente tava olhando o pneu", mas a nossa versão pra versão que o policial quer acreditar, tem um abismo aí muito grande ...

Como pode-se perceber esse jovem também, assim como Pabllo, não se sente seguro quando passa perto de algum carro de polícia ou policial, visto que os dois

episódios contados por ele, de quando ainda estava no Ensino Fundamental, o marcaram muito.

A fala desses jovens demonstra a submissão que eles têm diante da polícia, e é esse o comportamento esperado de quem passa por alguma abordagem policial, ou como é popularmente conhecida: "dura da polícia".

É importante considerar que esse medo não atinge somente os jovens Pabllo e Luan, mas também a maioria dos jovens negros[19]. Em 2018, quando estava finalizando a faculdade, eu passei pela abordagem policial em uma farmácia e fui revistado por dois policiais, por considerarem que eu estava roubando o local, e indagaram se na loja haviam acionado algum alarme de segurança. Depois desse episódio, quando via qualquer carro de polícia que eu pelo bairro onde eu moro, em Belford Roxo, acreditava que iriam me parar e fazer-me passar pela mesma situação.

Um fato que me chamou a atenção, durante a entrevista com esses jovens negros, é que Luan passou duas vezes pela abordagem policial, enquanto Pabllo nunca passou por nenhuma, embora tenha medo e tenha ouvido relato de amigos e de seu irmão, que já passaram por isso. Dessa forma, Pabllo é aparentemente pardo, e Luan é aparentemente preto, ou seja, um é mais retinto que o outro na cor da pele. Nesse âmbito, a pesquisa realizada por Anunciação et al. (2020), sobre a percepção da abordagem policial entre jovens negros de 15 a 29 anos, de três capitais da região nordeste, Salvador, Recife e Fortaleza, trouxe que a frequência da abordagem desses jovens dependia fortemente do tom da pele, ou seja, quanto mais retinto o indivíduo for, maiores chances de ser abordado.

Esse fato também se deve à representação dos negros sendo vistos como suspeitos, diariamente em noticiários de televisão, o que para Almeida (2018), faz com que tanto os indivíduos negros quanto os brancos internalizem a imagem que os negros são bandidos ou ameaça na sociedade. Essa visão equivocada acaba sendo generalizada para todos os negros, e também é enfrentada pelos jovens entrevistados.

Pabllo traz, sobre o seu comportamento quando entra em alguma loja ou ônibus, para não pensarem que ele está fazendo algo suspeito ou o colocarem em uma situação constrangedora:

> ... eu entro tipo em loja, é sempre tipo aquele negócio né, eu já ando assim com a mão bem livre, bem aberta entendeu? Pra num coisar e tipo eu sempre reparo assim pros olhares e fico: - "gente, mas é só

[19] O breve debate sobre os jovens negros será apresentado posteriormente

> comigo, só comigo?" ... enfim tanto que eu não gosto de ir sozinho, não gosto de ir em lugar nenhum sozinho porque eu tenho medo, sei lá de alguma coisa acontecer, eu sempre ando com alguém, porque né? ... a gente sabe como é que é ... agora em ônibus assim ... eu só reparo que quando eu entro assim, tipo meio que todo mundo que tá sentado, todo mundo tipo fica olhando assim meio tipo: - "ãn, o que você vai fazer?", entendeu? ... tipo as vezes vou sentar do lado de uma pessoa, aquele negócio, aquele olhar tipo: - "ãn, o que você quer aqui sentado do meu lado?", então né? ... é uma doideira assim, uma realidade bem doida ...

Assim, a suspeição faz parte do cotidiano dos negros, tanto entrando em uma loja, como no caso de Pabllo, com as mãos abertas, pois pode ser considerado que roubou algo do estabelecimento, quanto ser considerado suspeito de fazer algo entrando em um ônibus, por exemplo, em que se percebe os olhares condenatórios ou de espera que algo ruim irá acontecer, como um assalto.

Nesse âmbito, a pesquisa realizada por Pereira (2014), fala sobre a "sensação de insegurança racializada", em que os jovens negros estão propensos a passar na sociedade, em que são vistos como ameaça, perigo e suspeição, em decorrência do racismo, que causa o medo do outro.

O jovem Luan relata sobre quando enfrentou de fato uma perseguição em uma loja pela segurança, quando ainda estudava em um colégio particular no Ensino Médio:

> ... perto desse colégio tem uma loja, no centro de Belford Roxo, e acontecia muito quando a gente saia ... a gente passava nessa loja ... e era sempre muito constrangedor, porque sempre a segurança me seguia, sempre ... e é chato, é cansado, sabe, você ficar olhando a pessoa tá te seguindo, enfim ... e olha que eu estava vestido com o uniforme escolar, né?

O depoimento dele, demonstra que estava cansado de sempre passar pelas mesmas situações de perseguição, quando entrava nessa loja, assim que saia da escola. Esse quadro acaba demonstrando a grande insatisfação que os negros sentem pelo racismo que acontece com eles diariamente. Importante destacar o momento que ele fala que estava com o uniforme escolar, e nem assim evitou passar pela situação de racismo.

Esse fato tem relação com o racismo cotidiano, o que para Kilomba (2019):

> (...) não é um "ataque único", ou um "evento discreto", mas sim uma "constelação de experiências de vida", uma "exposição constante ao perigo", um "padrão contínuo de abuso" que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (KILOMBA, 2019, p. 80)

Em diversos momentos das falas dos jovens entrevistados, percebe-se que enfrentam cotidianamente o racismo e têm a consciência de que, pelo fato de serem negros, são propensos a passar por essas situações. Luan, conta sobre mais um episódio que passou com sua família, quando foram em uma loja de alto padrão:

> ... eu vou falar um que eu passei com, em família, que foi quando os meus pais voltaram, eles decidiram casar, tudo certinho, e eu lembro que a gente foi numa loja assim, bem padrão pra eles comprarem os anéis, e ... todas as funcionárias brancas, ninguém atendeu a gente, só teve uma funcionária que era gerente da loja, que atendeu a gente, aí anos depois a gente voltou naquela loja, porque meu pai queria comprar um relógio pra mim, de presente, e mais uma vez aconteceu isso, a gente na loja, a gente foi disposto a comprar o relógio e ninguém atendeu né? ... ocorreu isso, enfim, e isso é o episódio...

Esse relato dele tem relação com a discriminação racial, em que diz respeito ao tratamento diferenciado dado a uma pessoa ou uma coletividade por conta da cor da pele (ALMEIDA, 2018). Percebe-se que isso aconteceu nessa loja, por conta do tratamento diferenciado que Luan e seus pais receberam das atendentes da loja, quando foram comprar anéis de casamento, e depois quando voltaram para comprar um relógio para ele. Dessa forma, pode-se afirmar que se fosse uma família branca, talvez o tratamento não seria como o que aconteceu com eles.

Quando relata sobre mais um episódio de racismo que enfrentou em seu cotidiano, Pabllo fala sobre se acostumar com o próprio racismo que sofre:

> ... estava passando na rua e do nada, do nada, tava passando na rua e alguém chamou: - “macaco”, aí eu fiquei tipo... eu fiquei tipo gente, do nada, do nada, a minha reação é tipo, eu fico... quando acontece esses tipos de coisas, eu fico assim, fico sabe: - “o que que aconteceu?”, então a gente chega até se culpar, eu fico: - “o que que eu fiz?”, entendeu? ... mas enfim né, eu fico: - “ah, fazer o que né?”, a gente já aprendeu a se acostumar, infelizmente com esse tipo de coisa, então, fico: - “ah, mais um dia na minha vida, amanhã vou ali na rua e vai acontecer de novo provavelmente”, então...

Esse episódio de racismo relatado por ele, tem relação com o que afirma Munanga, em uma entrevista concedida a Fundação Perseu Abramo (2010): “Nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem comentou não tem nenhum problema”. (FUNDACAO PERSEU ABRAMO, 2010, s/p). Desse modo, na maioria das vezes a vítima do racismo denuncia ou entra em conflito com a situação, mas é taxada como complexada ou que está vendo coisas demais. Mas, na

maioria das vezes, a situação acontece e a própria vítima considera-se culpada de passar pelo racismo.

Outro fato que chamou a atenção na entrevista com esses jovens, foi sobre eles falarem que o racismo, na maioria das vezes, acontece de forma velada e escondida na sociedade. A fala de Pabllo elucida essa questão:

> ... quando eu fui crescendo também acontecia algumas coisas, mas foram coisas, mas aquele racismo mais tipo "escondido", sabe? ... que só depois eu parei e fiquei tipo: - "ah, isso foi racismo", entendeu? Mas quando era mais novo assim, quando eu era criança assim era... mais pesado, coisas mais pesadas, mas que infelizmente eu não entendia naquela época, porque senão eu ia ficar muito, muito triste, muito desolado ... hoje em dia eu reajo ...

Tal relato desse jovem tem relação com o racismo cordial, conforme Lima e Vala (2004, p. 407):

> O racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos (negros e mulatos), que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho "racial".

Importante demonstrar como que, através desse racismo cordial, as vítimas de racismo não conseguem identificar o que passaram, e acaba sendo difícil de denunciar ou de ir contra a situação, como aconteceu com Pabllo.

Como ele mesmo diz, antes não tinha compreensão de que os episódios que estava passando era racismo, pois ainda era criança, em processo de construção de identidade negra[20] e de reconhecimento como negro. Nesse âmbito, sobre quando começou a se reconhecer como negro, Pabllo afirma:

> Ah, eu acho que tipo é... porque desde sempre né é... a minha mãe sempre falava assim, tudo mais que alguns problemas assim, algumas discriminações, mas... ainda assim eu entendi, quando eu cheguei tipo, a partir do momento que eu fiquei tipo: -"Tá, aqui vai ser coisas diferentes porque eu sou negro, vai ser coisas diferentes", foi quando eu cheguei tipo... nos 15 anos, que foi aí que né veio a militância com força né... teve mais poder, poder à militância, então eu vi que eu fiquei: -"gente, é as coisas estão diferentes", foi com meus 15 anos assim

[20] De acordo com Gomes (2002): É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. (GOMES, 2002, p. 3):

Ele destaca que somente nos seus 15 anos começou a se reconhecer como negro. Desse modo, ninguém nasce negro ou branco, mas vai tornar-se através de toda uma construção e sentidos sociais (Almeida, 2018). Segundo ele, o que favoreceu esse reconhecimento foi a existência da militância:

> ... militância assim que eu digo é ... pautas sociais né? Foram começando a ser mais faladas é ... eu via tipo mais coisas assim na internet também, entendeu? Na televisão, entende, estava começando a ver bastante, então foi aí que eu entendi que a minha realidade seria diferente

Nesse contexto, é importante considerar a importância das mídias sociais, tais como a internet, redes sociais e televisão, que começaram a demonstrar cada vez mais a realidade dos negros, seja em casos de racismo, ou sobre a cultura afro-brasileira e as pautas dos negros, tal como foi falado por Pabllo.

Luan, no tocante ao seu reconhecimento como negro, afirma:

> ... eu comecei a ter essa consciência, de que eu era um jovem preto, também muito novo ... não demorou tanto assim não, mas durante muito tempo, eu me sentia diferente das pessoas ... eu acho que, que isso é o difícil né? de você quebrar essa parte da infância pra parte da adolescência, acho que é quando você vai perdendo essa inocência, então quando eu comecei a entender que eu não era igual todo mundo, que eu era totalmente diferente de muita gente que tava ali, sabe?

A questão que ele fala sobre o momento de se perceber diferente das pessoas, tem relação com a questão do "outro" e da "outridade", a personificação de tudo o que a supremacia branca[21] não quer ser e coloca sobre os sujeitos negros, como o indesejável, o selvagem e o exótico (KILOMBA, 2019). Geralmente, no processo de reconhecimento, os negros são colocados como o outro e subalternos, mesmo antes de terem consciência disso.

Nesse âmbito, Santos (1983) vai relatar em sua pesquisa a história de Luiza, uma de suas entrevistadas, a qual relata que na infância começou a se olhar no espelho frequentemente, percebendo que os seus traços físicos diferiam dos demais, passando a

[21] De acordo com Almeida (2018, p. 48): "A supremacia branca pode ser definida como a dominação exercida pelas pessoas brancas em diversos âmbitos da vida social. Essa dominação resulta de um sistema que por seu próprio modo de funcionamento atribui vantagens e privilégios políticos, econômicos e afetivos às pessoas brancas."

se considerar feia por conta de sua aparência. Ligando a realidade de Luiza com a de Luan, tem-se que esse processo de diferenciação é internalizada pelos próprios negros.

Voltando na questão do reconhecimento como negro dos jovens entrevistados, outro fator que eles relacionam a esse processo, é o ato de assumirem os seus cabelos crespos. Pabllo relata como assumiu o seu "cabelo Black":

> ... eu sempre, sempre quis, porque eu num, eu sou uma pessoa que não gosto de ficar muito na mesmice, entendeu? Eu sempre quero mudar... então tipo em dois mil e dezoito, dois mil e dezessete, dois mil e dezoito, eu queria fazer, só que aí minha mãe não deixou, ela falou assim: -"não, não faz não, porque enfim muita gente vai te zoar" e tudo mais, enfim... mas eu achava que era zoar tipo, zoação assim normal, de rua, entendeu? Zoação mesmo... depois em dois mil e dezenove assim, que eu entendi o porquê que ela não queria deixar, que era o racismo que ia aumentar entendeu? ...

Importante demonstrar como esse jovem relata que assumir o "cabelo Black" não foi uma tarefa fácil, que sua mãe não deixava e o alertava sobre o que ele poderia passar com o cabelo, e que somente quando ele passou a se reconhecer como negro compreendeu ser por conta do racismo. Ainda assim, Pabllo relata que insistiu e assumiu o cabelo escondido de sua mãe, pois estava querendo muito:

> ... mas aí tipo quando eu deixei o cabelo crescer ela nem sabia, eu cheguei e falei assim: - "ah, vou deixar meu cabelo crescer, porque eu quero mudar", e aí né tipo... quando eu ando com ele assim que ele tá definido, tá com definição... quando eu ando com ele assim é beleza, mas quando eu tiro a definição dele, eu já preparo a minha mente, porque eu tenho certeza que eu vou ouvir alguma coisa: -"ah, eu prefiro ele é com definição, ele assim parece que tá duro, mal cuidado", eu tenho certeza que eu vou ouvir alguma coisa quando eu tiro a definição dele, mas quando ele tá assim definido eu num ouço tanto não ...

Como ele diz, é comum ouvir as pessoas maldizendo o seu "cabelo Black", como "tá duro, mal-cuidado", quando ele está sem definição, mas quando ele decidiu colocar, decidiu encarar essa realidade independentemente dos comentários:

> ... antes eu não colocava porque eu tinha medo, sei lá... porque eu fico: -"ah, cara", quando eu não consigo me imaginar com alguma coisa, é porque eu sei que essa coisa vai ficar feia, vai ficar ruim... aí eu não consigo me imaginar, falei assim: -"ah não, não vou colocar", aí todo mundo falava: - "ah, faz, faz, faz", mas: -"ah, não, não vou colocar", e também tinha isso tipo... do povo sempre zoava o meu cabelo, até hoje, até hoje sempre zoa o meu cabelo, -"ah, é cabelo de tal forma, cabelo é duro", então isso eu ficava tipo: -"ah, pow vou deixar crescer e vou ouvir mais coisas", então tipo não deixava, mas quando eu botei falei assim: -"ah cara, quero mudar, eu vou mudar e

> é isso aí", foi quando eu comecei a ficar tipo: -"vou viver o que eu quero e é isso aí"... aí eu comecei a deixar crescer, e aí falei assim: -"seja o que Deus quiser né? Vamos enfrentar o que tiver que enfrentar!", e é isso aí ...

O processo que ele passou acontece com a maioria dos jovens negros, o medo de assumir o próprio cabelo crespo pelo que vão falar sobre ele, pois o cabelo dos negros sempre é taxado como "duro", "ruim" e que "não presta". Eu, durante um tempo, também tive medo de assumir o meu "cabelo Black", pelo medo do que iam falar, e depois decidi colocar, em 2016, quando uma professora de gênero que tive durante a faculdade de Serviço Social se referiu ao "cabelo Black" de uma colega de turma como "lindo" e "bonito". Desse modo, assim como Pabllo, tive que encarar e enfrentar essa realidade, pois também ouvia comentários racistas e preconceituosos frequentemente sobre o meu cabelo.

Nesse âmbito, Santos (1983) afirma: "Numa sociedade multirracial, racista, de hegemonia branca, o "a posteriori" se produz no momento em que o negro enfrenta peito-a-peito as condições concretas de opressão em que está imerso". (SANTOS, 1983, p. 37).

Desse modo, vemos como o padrão social é o branco como o "mais belo" e "modelo a ser seguido", enquanto os negros são vistos como "feios" e "cabelos ruins". Nesse contexto, Gomes (2012b), em sua pesquisa sobre corpo e cabelo como símbolos da identidade negra, afirma:

> O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2012b, p. 3)

Dessa forma, assumir o "cabelo Black", representou muito para Pabllo, lhe deu uma sensação de autonomia, liberdade, empoderamento e contribuiu para a formação da sua identidade negra, como ele relata abaixo:

> ... eu não sei explicar, uma sensação muito boa, tipo, que nem tipo, o, atualmente eu tô preferindo usar ele quando ele tá sem definição, sabe? Que ele fica bem cheião ... eu amo, eu coloco defini, quando eu defino ele é porque eu fico com saudades também ne? ... sei lá dos meus cachinhos bem pequenininhos, mas eu gosto de usar ele sem definição, quando eu uso ele sem definição, sei lá... você sente um poder, alguma coisa que você não consegue explicar, tipo... ah, uma sensação muito boa, muito boa, você se sente incrível, incrível ...

Esse empoderamento relatado por ele, com relação ao seu “cabelo Black”, também é explicitado pelo jovem Luan com relação às suas tranças. Diferentemente de Pabllo, esse jovem relata que não passou por nenhuma situação de racismo por conta do seu “cabelo Black”, que utilizava anteriormente às tranças, e se um dia passar vai encarar essa realidade:

> ... quando eu decidi assumir ele, eu tava, eu tô muito mais entendido, então hoje eu sei que é o meu cabelo, é a minha escolha, fonte de poder, é o meu empoderamento, sou eu que cuido, sou eu que gasto cuidando dele, então eu nunca passei, e hoje se eu passar, eu vou enfrentar totalmente aquilo ... inclusive eu tava com muito medo de pôr as tranças, por causa do trabalho, mas todo mundo no trabalho elogiou, amou, achou que ficou mais chique, enfim...

O único medo que esse jovem tinha de colocar as tranças era por conta do seu trabalho, pois trabalha em um escritório de advocacia, mas como ele relata, todos gostaram do seu cabelo. Ainda assim, o processo dele colocar o “cabelo Black” e posteriormente as tranças também não foi nada fácil:

> ... aí lembro que uma vez, é ... eu decidi que queria alisar o meu cabelo, tava na moda alisar o cabelo, e aí eu comecei a alisar, aí meu pai entrou na onda, alisando, até que chegou um dia que o barbeiro deixou o alisante tanto tempo na minha cabeça, que minha cabeça queimou, criou muitas feridas, e aí foi nesse dia que falei: -“não quero mais, não vou mais alisar o meu cabelo, não quero mais”, e aí ... eu não gostava de ver meu cabelo grande ... quando eu comecei ver os caras com cabelo grande, Black, sempre queria muito, só que eu tinha um barbeiro assim: -“negão não pode ter cabelo grande, negão tem que ter cabelo pequeno”, toda vez que eu falava que eu queria deixar meu cabelo crescer ... e aí ... meu cunhado, assim que ele começou a namorar minha irmã ... falou: -“vamos num espaço?”, ele me levou num, na, em uma barbearia Black, especifico, e quando sentei o barbeiro falou: -“a gente vai deixar esse cabelo crescer, a gente vai cuidar dele” ((risos)) ... e aí foi uma sensação muito grande que eu senti, comecei a deixar meu cabelo crescer, comecei a cuidar, aquela coisa, comprar as coisas, e aí quando faz uns meses que eu queria pôr as tranças, né? ... e enfim fui deixando ele crescer, e fez um mês essa última semana, quatro dias, um mês e quatro dias, que eu pus as minhas tranças...

Essa questão do alisamento do cabelo também passei nos meus 15 anos, pois queria ter o cabelo liso e “bom”, igual dos meus colegas, mas após nascerem feridas no meu cabelo decidi somente deixar ele baixo, assim como Luan passou. Como Luan relata, o seu barbeiro sempre o dizia que “negão não pode ter cabelo grande”, e essa realidade também era enfrentada por mim na infância, pois tinha um avô barbeiro em casa, onde

tinha que cortar o cabelo quando ficava grande com ele, mesmo não querendo, pois acredito que esse padrão dos negros não assumirem o próprio cabelo ou de sempre estarem com cabelo baixo também era internalizada pela minha família.

Como relata Luan, somente quando seu cunhado o levou para uma "barbearia Black" é que ele passou a deixar o seu cabelo crescer e cuidar do mesmo, sentindo uma sensação muito grande de autonomia e liberdade, tal como apontado por Pabllo quando assumiu o seu cabelo.

Pode-se mencionar como que, nesse contexto, a sociedade vem mudando conforme o tempo, pois se percebe que muitas crianças negras, através da identidade negra dos pais, já assumem o cabelo black desde cedo. Isso se deve também a inserção, mesmo que de forma lenta e gradual dos negros e negras em diversos espaços da vida social, especialmente ganhando mais visibilidade na mídia, o que para Gomes (2019), é fruto da luta e reivindicações do movimento negro na sociedade brasileira, até pela "internet", que vinha denunciando a falta de representatividade negra nesses espaços.

Nesse contexto, Luan relata que se sente muito feliz quando olha para sua sobrinha e prima usando "cabelo Black":

> ... eu fico muito mais feliz quando eu olho pra minha sobrinha, filha do meu irmão, que eu vejo que desde pequena, ela sempre teve o black ... aí eu olho pra minha prima, também pequena, desde pequena, sempre com o black ... então eu sei que o caminho pra eles não vão ser totalmente fácil, mas vai ser melhor do que foi pra mim, que ... pra mim foi mais fácil do que foi pra minha irmã, enfim, e é assim ...

Essa realidade é algo que em séculos passados não acontecia, por ser forte na sociedade a ideologia do branqueamento estético, como menciona Domingues (2002):

> A ideologia do "branqueamento estético" foi um fetiche eficaz na alienação do negro. Oficializou a "brancura" como padrão de beleza e a "negritude" como padrão de fealdade. Representou um entrave para a formação positive da autoestima do negro, pois este passou a alimentar um certo autodesprezo. (DOMINGUES, 2002, p. 580).

Essa forma de ideologia tornou-se muito presente na sociedade que surgiu no início do século XX, pós-abolição da escravatura e, ainda assim, esse "branqueamento estético" faz parte do imaginário de muitos negros, por não aceitarem os seus traços físicos e seu cabelo natural também.

Considero que ter uma identidade negra plena na sociedade é ir contra os padrões branqueadores e racistas que estão presentes na sociedade, tipo como o "remar contra a

maré", ir contra todo sentido social que faz com que nós negros não nos reconheçamos como tal. Ter a reflexão crítica da própria história, ou da sociedade da forma como ela é, pode fazer com que os sujeitos negros, olhem para si mesmos além da sociedade racista (ALMEIDA, 2018).

Nesse âmbito, também concordamos com Santos (1983), segundo quem, a partir de quando os negros têm conhecimento sobre a sua própria história e origens, começa-se a construir um novo ideal de ego[22] que não o branco como padrão social e horizonte a ser alcançado, mas com orgulho de serem eles mesmos.

Na próxima seção falaremos sobre a ideologia e questão racial na sociedade, e como esses conceitos nela se interligam.

1.3.Ideologia e racismo

Com relação ao domínio e poder que certos grupos exercem sobre a organização política e econômica da sociedade, para Almeida (2018):

> (...) a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem "normal" e "natural" o seu domínio (ALMEIDA, 2018, p. 31)

Desse modo, o grupo dominante, predominantemente em cargos de liderança e chefia nas instituições, acaba impondo as suas regras, normas e padrões de comportamentos para que todos da sociedade os sigam. O interessante seria que o grupo racial minoritário, os negros, também ocupassem os cargos de chefia e lideranças de instituições, para que assim, o grupo majoritário dominante, os brancos, não imponha os seus padrões sociais de comportamento, a partir do qual tornam o racismo e os estereótipos à população negra legitimados na sociedade.

Nesse caso, Almeida discorda, abordando que "a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista" (2018, p. 37).

Isso tem ligação com a ideologia, conforme Hall (2003):

---

[22] De acordo com Santos (1983): "O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que hora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar esse modelo". (SANTOS, 1983, p. 34)

> Por ideologia eu compreendo os referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona. (HALL, 2003, p. 267)

De modo geral, o autor não está se limitando nessa definição de ideologia às classes ricas e ao grupo dominante branco, mas sim a todos os grupos e diferentes classes na sociedade, mas me refiro, nessa pesquisa, ao grupo branco e negro. Por isso, ele vai continuar sua argumentação afirmando que a ideologia:

> Está relacionada principalmente com os conceitos e linguagens do pensamento prático que estabilizam uma forma particular de poder e dominação; ou que reconciliam e acomodam as massas em seu lugar subordinado na formação social. Está relacionada ainda aos processos pelos quais as novas formas de consciência e as novas concepções de mundo emergem, capazes de conduzir as massas em uma ação histórica contra o sistema dominante. (HALL, 2003, p. 267).

À vista disso, entende-se por um lado a ideologia relacionada à acomodação das massas, e, por outro lado, como uma ação das massas contra o sistema dominante. Mas se formos parar para avaliar, em uma sociedade como a nossa, é mais fácil acontecer a acomodação do que a reação contrária ao sistema dominante, ainda mais com o presidente atual. Nesse âmbito, são criados consensos e vantagens sociais pelas instituições destinados aos grupos historicamente discriminados na sociedade, em que os negros se incluem, nos quais para Almeida (2018):

> O uso do termo hegemonia não é acidental, uma vez que o grupo racial no poder enfrentará resistências. Para lidar com os conflitos, o grupo dominante terá de assegurar o controle da instituição, e não somente com o uso da violência, mas pela produção de consensos sobre a sua dominação. Desse modo, concessões terão de ser feitas para os grupos subalternizados a fim de que questões essenciais como o controle da economia e das decisões fundamentais da política permaneçam no grupo hegemônico. (ALMEIDA, 2018, p. 31)

Dessa forma, podemos destacar que estas concessões são criadas para silenciar e manter na mesma posição as classes subalternas e oprimidas, para que o grupo hegemônico branco continue dominando na sociedade através das instituições, mas também em diversos âmbitos da estrutura social, que envolvem também a área política e econômica.

Destarte, considera-se que a reflexão crítica do racismo e seus impactos para a

população negra contribuiriam para que de fato, na sociedade, os negros se mobilizassem com o objetivo de ter mais negros em espaços de poder, mas também a população branca participasse desse processo e abrisse mão de seus privilégios sociais, o que faria com que mais negros ocupassem espaços na sociedade, sem entrar no âmbito da meritocracia, o qual é trazido na próxima seção da pesquisa.

1.4. Meritocracia e seus impactos para a população negra

Outra questão que quero apresentar é a meritocracia e como ela pode trazer impactos para a população negra na sociedade. De acordo com Almeida (2018):

> Assim, a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos. (ALMEIDA, 2018, p. 62)

Dessa forma, o discurso da meritocracia faz com que as pessoas negras sejam culpadas pelas desigualdades sociais e raciais que sofrem, assim esquece-se de que a sociedade é estruturalmente racista, tanto no âmbito social e institucional. E qualquer manifestação dos negros contrária a esse discurso é taxada como vitimista e "mimimi", como se os negros fossem melancólicos e quisessem se lamentar por algo que é culpa deles mesmos.

O autor vai continuar suas colocações sobre a meritocracia, imbricando-a com a negação do racismo e com a ideologia da democracia racial, que acreditava que vivíamos em um "paraíso racial", por conta das misturas entre as raças. (ALMEIDA, 2018)

Nesse âmbito, as pessoas negras se tornarão culpadas pelas próprias condições subalternas em que vivem, como diz Almeida (2018): "Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance". (ALMEIDA, 2018, p. 63)

Por isso, podemos compreender como que a sociedade vive em um racismo ambíguo, que se caracteriza pela sua própria negação, o que nas relações sociais vai fazer com que a maioria das pessoas acreditem que todos podem ter sucesso na vida e que negros e brancos possuem as mesmas oportunidades em processos seletivos ou de emprego, por exemplo. (MUNANGA, 2017)

Nesse âmbito, posso me lembrar de quando eu vendia os doces para concluir a

faculdade e tinha que ouvir de clientes, amigos, colegas da faculdade, assim como de pessoas que compravam os meus doces que, já que eu vendia doces para concluir a faculdade, era um exemplo de quando as pessoas querem, elas conseguem ter sucesso na vida, e questionando por que em vez de os negros ficarem se vitimizando, se fazendo de "vítimas da sociedade", não faziam igual a mim. Dessa forma, eu era tomado como exemplo, e me sentia desconfortável ao ter que ouvir esses comentários, que entram no âmbito da meritocracia.

Desse modo, tenho certeza de que esse discurso vai mascarar o racismo que existe em nossa sociedade, que naturaliza as desigualdades sociais entre negros e brancos, culpabilizam os sujeitos negros por não conseguirem cursar uma universidade ou por não conquistarem algo em suas vidas. Dessa forma, concordamos com Munanga (2017)

> Quando se põe a questão de saber como lutar contra as práticas racistas no Brasil, ou seja, como diminuir as desigualdades de oportunidade entre brancos e negros em material de acesso à educação superior de boa qualidade, empregos e cargos de comando e responsabilidade, em que os últimos são sub-representados, esbarra-se nas mesmas ambiguidades, pois tais desigualdades não são definidas por muitos em termos racistas. (MUNANGA, 2017, p. 42).

Assim, mais uma vez, admite-se que a sociedade não considera que essas desigualdades entre negros e brancos existam por conta do racismo, mas sim por conta de falta de esforço individual e intelectual dos próprios negros

Nesse contexto, considero a meritocracia fruto desta ideologia, que faz com que os indivíduos acreditem que através dos seus esforços isolados podem ocupar altos cargos na sociedade. Desse modo, parto do pressuposto que mesmo os indivíduos negros conseguindo ocupar uma alta posição na sociedade, mesmo sendo concursados ou estando em cargos de chefia, as suas características, aparência e marca física externa, como diz Nogueira (2016), vão continuar sendo fator para discriminação racial, o tratamento diferenciado por conta de sua cor de pele ou de racismo, a aversão e ódio que sentem em relação à pele negra de alguém, como diz Almeida (2018).

O caso da professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Lucimar Rosa Dias, de 53 anos, que registrou um boletim de ocorrência, após ter sido acusada de praticar furto por três seguranças de um estabelecimento no Centro de Curitiba, é um exemplo do pressuposto que foi trazido anteriormente. Esse fato ocorreu no dia 09 de Março de 2020, e ela foi acusada de furto duas quadras depois do estabelecimento.

Os três seguranças alegaram que um cliente a teria visto roubando a loja e que acionariam a Guarda Municipal se ela não voltasse para pagar ou devolver os produtos (SANTIAGO, 2020).

Tal ocasião ocorreu um dia depois da professora receber uma homenagem na Câmara Municipal de Curitiba em alusão ao Dia Internacional da Mulher em razão dos serviços científicos realizados sobre a temática racial, pois ela é Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), e coordenou, até 2019, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR (SANTIAGO, 2020).

Segundo a professora, ao dirigir-se à loja para reclamar à gerência pelo constrangimento que havia passado, não lhe foi apresentada nenhuma prova do suposto roubo, testemunhas ou vídeos, como havia sido alegado pelos três funcionários, e após afirmar ao gerente que o que ela passou no estabelecimento foi um crime de racismo, ele tentou amenizar a situação, dizendo que os donos do estabelecimento eram “morenos”. (SANTIAGO, 2020)

Após a repercussão do caso, em nota de repúdio, a empresa afirmou que não compactua e jamais compactou com qualquer forma de preconceito/discriminação, e que os proprietários e os três seguranças envolvidos são afrodescendentes, estando a averiguar os fatos que ocorreram, e que, sendo comprovada qualquer atitude que não seja das orientações e procedimentos da empresa, seriam tomadas as medidas com relação aos envolvidos. (SANTIAGO, 2020).

Desse caso da professora, pode-se observar como o negro continua sendo visto como suspeito e perigoso pela sociedade. Almeida (2018) vai abordar sobre a representação dos negros sendo vistos como suspeitos diariamente em noticiários de televisão, o que faz com que tanto os indivíduos negros e quanto os brancos internalizem a imagem de que os negros são bandidos ou ameaça.

Sendo assim, afirmo novamente que, no Brasil, a nossa marca física externa negra faz com que, independentemente do cargo que ocupemos ou da posição social que alcancemos, sejamos vistos como perigosos ou suspeitos.

1.5. Dados da desigualdade entre negros e brancos

Segundo estudo divulgado pelo Instituto Ethos e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 2016, analisando a composição racial, social e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil, os negros ocupam apenas 4,7% dos cargos de liderança quando comparados aos brancos, 95,3%. Em 2001, ocupavam 2,6% nesses cargos, tendo apenas um aumento de 2,1% em 15 anos. (STREIT, 2017)

É um quadro que mostra as diferenças quando se trata dos cargos de chefias ou lideranças ocupadas por pessoas negras e brancas. O legado que a escravidão deixou, mesmo após a abolição, milhares de negros à margem da sociedade, assim como a ideia de que os negros são inaptos para exercer cargos de liderança, lhes restando somente os trabalhos braçais ou que exigem menos qualificação profissional, podem ser a causa para que a maioria branca permaneça em altos cargos nas instituições e pouca representatividade negra nesses cargos.

Streit (2017) ainda traz um dado importante para elucidar esses dados da pouca representatividade negra em cargos de liderança no Brasil:

> (...) as direções das companhias não se preocupam muito com isso, pois mais de 80% das organizações analisadas não contam com ações afirmativas raciais em nenhum nível hierárquico. Para completar, a visão de gestores sobre o assunto é problemática: 48,3% dos chefes acreditam que a baixa proporção de negros em boas posições se deve à falta de qualificação profissional deles para os cargos e 10,3% atribuem a disparidade à falta de interesse pelos cargos. (STREIT, 2017, s/p).

A sociedade em geral, não só os gestores de instituições espalhadas pelo país, tendem a considerar que os negros não ocupam boas posições por não quererem estudar, pela falta de interesse em se qualificarem ou não terem interesse pelos cargos, quando na verdade o que ocorre é que os negros sofrem racismo ao participarem de entrevistas e, como foi mencionado anteriormente, são considerados inaptos para ocuparem cargos de chefia pelo grupo racial dominante, mesmo quando possuem nível superior ou diploma universitário.

No tocante à educação, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população branca com 12 anos de estudos ou mais, representava 22,2%, enquanto a população negra representava a taxa de 9,4% nesse mesmo grupo (NAÇÕES UNIDAS, 2017).

Ainda, segundo a Síntese de Indicadores Sociais, do IBGE, em 2015, somente 12,8% da população negra chegou ao Ensino Superior, enquanto os brancos nesse nível de ensino representavam 25%, nesse mesmo ano (VIEIRA, 2016).

Trazer esses dados do IBGE sobre a escolaridade da população branca quando comparada à população negra torna-se importante para retificar a visão dos gestores de instituições no Brasil de que os negros não querem estudar ou alcançar cargos de chefia, quando na verdade sempre lhes foi negado o direito a acessar uma educação de qualidade, desde o período escravocrata.

1.6. Preconceito De Marca E De Origem

Como foi mencionado anteriormente, o racismo que ocorre na sociedade é de forma estrutural e as instituições, como a escola, empresas, governo e o sistema judiciário, reproduzem esta forma de racismo em seu interior.

Almeida também traz o racismo como processo histórico. Segundo o autor:

> (...) não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social. (ALMEIDA, 2018, p. 42)

Cada formação social ou sociedade vai apresentar uma forma estrutural do racismo em seu contexto, que "dará ao econômico, ao político e ao jurídico particularidades que só podem ser apreendidas quando observadas as respectivas experiências históricas" (ALMEIDA, 2018, p. 43)

Dessa maneira, o autor vai abordar como os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos vão conceber diferentes formas de classificação racial, ou seja, quem é negro ou não é. Daí ele traz a diferença entre o Brasil e os Estados Unidos no tocante à classificação racial dos seus membros, ao afirmar que, no contexto brasileiro "(...) além da aparência física de ascendência africana, o pertencimento de classe (está) explicitado na capacidade de consumo e na circulação social" (ALMEIDA, 2018, p. 43).

No contexto dos Estados Unidos, ele afirma que:

> (...) o mesmo não acontece (...) cujo processo de classificação racial no bojo do processo de formação nacional conduziu o país a uma lógica distinta no que se refere à constituição identitária. A *one drop rule*, que

> significa “regra de uma gota de sangue”, faz com que aqueles com “sangue negro” sejam assim considerados. (ALMEIDA, 2018, p. 43).

O mesmo estudo foi realizado por Oracy Nogueira, sobre o “preconceito de marca e origem”. Nessa obra, Nogueira vai falar sobre a diferença que ocorre entre o racismo, discriminação racial e preconceito racial no Brasil e nos Estados Unidos, denominando essa diferença de preconceito racial de marca e preconceito racial de origem.

No Brasil, o preconceito racial de marca é muito forte e presente, até dentro do contexto escolar. Assim, até ao andar na rua, entrar em banco, passar pela abordagem policial e na comunicação com as pessoas em instituições ou na sociedade, o preconceito de marca, com relação aos traços físicos, ocorre cotidianamente no Brasil.

O autor também traz o quanto essa ação discriminatória pode trazer consequências, portanto quem comete não percebe:

> Em todas essas situações, sob o poder de sugestão da hilaridade, incute-se, sub-repticiamente, no espírito tanto das crianças brancas como das de cor, a noção de “inferioridade” do negro ou de indesejabilidade dos traços negroides, embora a própria pessoa que faça a brincadeira não tenha consciência do efeito para o qual esteja contribuindo e, portanto, seja, neste sentido, inconsciente, sua atuação (NOGUEIRA, 2016, p. 296)

Por fim, o olhar que Nogueira (2016) traz para o preconceito racial de marca e origem, torna-se importante para a presente pesquisa, para analisarmos como os traços físicos e aparência podem levar a situações de racismo, discriminação racial e preconceito racial em diferentes contextos sociais no Brasil, assim como levar a nossa reflexão de como o racismo na escola, relacionado às noções de inferioridade do negro apreendidas por crianças negras e brancas durante a sua infância trazem consequências para as suas futuras relações com os outros na sociedade. Na próxima seção, falaremos sobre o racismo na escola à luz dos sujeitos entrevistados.

1.7. Racismo na escola

A escola é uma instituição social, espaço de socialização primária, e consequentemente é o reflexo da sociedade. Dessa forma, o racismo que se manifesta na

sociedade em diferentes estruturas sociais, tal como foi apontado anteriormente, vai reproduzir-se no âmbito escolar.

No tocante às relações do cotidiano nas instituições, de acordo com Almeida (2018): "(...) vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explicita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento, etc." (ALMEIDA, 2018, p. 37)

Traz-se essa discussão pois Almeida (2018) chama a atenção a uma questão que acontece nas instituições, as microagressões, como o jogo de palavras racistas que os estudantes negros recebem na escola, o silenciamento diante das práticas racistas advindas dos professores e da própria gestão escolar, assim como o isolamento e exclusão que os estudantes negros passam dos colegas de turma em sala de aula. Além disso, os professores, na maioria das vezes, não sabem lidar com a temática racial, sendo melhor varrê-las para "debaixo do tapete".

Ainda assim, de acordo com Bourdieu e Passeron (1975) a escola é tomada como reprodutora das desigualdades sociais e legitimadoras das classes dominantes. Isso significa que a escola acaba naturalizando o racismo que ocorre em seu interior.

Em relação aos jovens negros entrevistados, eles contam que já foram vítimas do racismo no ambiente escolar. Nessa perspectiva, Pabllo relata:

> ... tipo hoje em dia é:: ... tipo eu vejo menos ... mas antigamente, muitas coisas ficavam acontecendo que eu não entendia, aí hoje em dia eu entendo, tipo é... no meu colégio, quando era mais novo estudava em colégio particular, aí tipo eu sempre via que eu era afastado assim, sempre ficava, eu era aquele que ficava afastado, aquele título de:: ... que todo negro já recebeu, que é: - "ah, você é o mais feio da sala!", sempre assim, o negro é sempre o mais feio da sala, tive isso também, eles já é me chamaram... já me chamaram de "macaco" entendeu?... Mas eu não entendia, eu achava que sei lá... sei lá criança, não entendia né? Chamavam de "macaco" também né ...

Desse modo, Cavalleiro (2014) traz a vivência de crianças negras de 4 a 6 anos na escola, a partir da qual conclui que o racismo começa bem cedo na vida de uma pessoa, e com Pabllo não foi diferente.

Luan, também passou por situação semelhante a Pabllo, mas quando estudava em um colégio particular no Ensino Fundamental:

> ... um episódio muito recorrente em minha mente, eu me lembro que era um menino um pouco mais velho, ele era do fundamental dois, eu também era, mas era tipo oitavo e nono ano, eu era do sexto ou

> sétimo, se eu não me engano e:: ..., estava na quadra, o menino falou alguma coisa, eu falei alguma coisa, mas não foi querendo brigar ou algo do tipo, eu nunca gostei de briga, e aí o menino falou: -"O que que foi, seu macaco?", e aí eu me lembro que eu olhei assim, e eu não consegui ter reação, num, num consegui reagir né? ... é:: eu lembro que só fiquei estatualado assim, não consegui argumentar, acho que também por medo de apanhar, tudo mais, então, eu fiquei quieto, e já teve outras brigas ... eu lembro que numa discussão com uma menina que estudava comigo na sala, e:: é ... o principal, a coisa que ela ficava me chamando era de "pé preto", se eu não me engano era isso, "pé preto", e ela ficava repetindo isso, e enfim, e eu discutindo, só que ... não leva nada, e acho que um dos últimos episódios que eu passei de preconceito assim, na época eu sei que eu não revidava, porque eu já fui uma pessoa muito omissa, algumas coisas e outras não, foi quando ... ficaram me zoando de "negresco", né ... porque nessa escola que a gente estudava o uniforme era todo azul, e aí eu era "azul", "negro" né, com a palma da mão branca ((mostra a palma da mão)) ... então falavam que eu parecia muito "negresco"...

Conforme a fala dele, foi chamado de " macaco", "pé-preto" e "negresco", e isso o marcou muito, ficando recorrente em sua mente. Segundo Bernardo e Maciel (2015):

> (...) ao tratar sobre os insultos raciais na escola, nas manifestações de racismo encaradas como "brincadeiras" são perceptíveis jogos de palavras com denominações negativas relativas à população negra, quase sempre se referindo aos cabelos crespos e a traços como lábios e nariz. As expressões vistas com maior frequência assemelham os negros sempre aos macacos ou à feiura. Tais ocorrências são vistas como algo normal e sem levar em conta que tais práticas podem afetar a vida dos alunos negros em todas as suas dimensões. (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 199)

Assim, o ponto de vista das autoras sobre os "insultos raciais" tomados como "brincadeiras" na escola tem relação com o que os jovens enfrentaram nos colégios onde estudaram nas séries iniciais e no Ensino Fundamental. Pode-se perceber que esses "insultos racistas" eram associados a eles por conta dos seus traços físicos e pela cor da pele.

Esses fatos têm relação com o preconceito de marca e origem, em que para Nogueira (2016):

> Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2016, p. 292).

Dessa forma, a aparência e os traços físicos dos negros, tais como boca, nariz, olhos, entre outros, fazem com que eles passem pelo preconceito de marca na escola, que, para quem comete tais atitudes racistas, tem o objetivo de diminuir o outro, e fazer com que outros colegas achem engraçada a situação, mas para vítima é algo terrível que gera consequências para a formação da sua identidade negra[23].

O fato de ambos serem intitulados os mais feios da turma tem relação com aquilo que Silva (2005) aponta no contexto da ideologia do branqueamento, em que os indivíduos brancos são estereotipados positivamente como "bonitos" e "perfeitos", enquanto os indivíduos negros são estereotipados negativamente como "feios" e subalternos".

Ainda assim, a comparação dos negros a animais pretos como "macaco", "urubu", e outros, tem relação com o que afirma Nogueira (2016):

> Meninos pretos são jocosamente chamados de "negrinho", "urubu", "anu" etc., quer por seus próprios companheiros de brinquedos, quer por outras crianças e adultos. Ouvem, frequentemente, o gracejo de que "negro não é gente" e outros comparáveis. (NOGUEIRA, 2016, p. 296).

Percebe-se que esse fato apontado pelo autor, ocorreu frequentemente com os jovens negros entrevistados durante a sua vida escolar, em que foram chamados de forma "jocosa", ou seja, engraçada por esses apelidos. Isso tem relação com o racismo recreativo, que segundo Moreira (2019):

> Ele deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais por estima social, sendo que ele revela uma estratégia empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas. (MOREIRA, 2019, p. 95).

Assim, o racismo recreativo tem a intenção de utilizar o humor para encobrir as práticas de racismo, a partir do quê pessoas que são vítimas dele podem não perceber que passaram por um ato racista, pois sempre é visto como brincadeira.

---

[23] Segundo Gomes (2003b): "A identidade negra é entendida (...) como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros". (GOMES, 2003b, p. 171)

Outra questão apontada pelos jovens durante a entrevista, foi como eles lidaram com essas experiências de racismo. De acordo com Pabllo:

> Ah, eu, eu... fiquei falando assim, primeiro fiquei pensando tentando é ... entrar, fazer parte de um grupo e tudo mais, porque sei lá né? ... quando você, ainda mais quando você é, é criança, você quer fazer parte de um grupo, andar junto com alguém, mas depois de um tempo eu já, tipo: - "ah, é isso aí, se não for pra ser, não vai ser, se for pra ser, vai", entendeu? ... tanto que depois de um tempo é ... fiz amizades com umas duas pessoas, e acabou que foi a gente, que por coincidência foram as pessoas que passaram pelas mesmas coisas, foram pessoas negras também, enfim acabou que a gente fez o nosso grupo e foi feliz ...

Como ele relata, devido aos outros grupos na escola o excluírem na sala de aula, na sua infância, acabou fazendo amizades com outros colegas negros, que passavam pelas mesmas coisas que ele passava, no caso o racismo. Nesse sentido, Cavalleiro (2014) também observou que na sala de aula, na educação infantil, as crianças negras ficavam isoladas dos demais alunos, por serem excluídas, ao que ela afirma que isso poderia fazer com que eles se excluíssem em outros momentos de suas vidas.

O jovem Luan, ao relatar sobre como lidou com as experiências de racismo que enfrentou no ambiente escolar, afirma:

> ... nenhuma experiência minha, vivenciada de racismo, eu revidei ... e aí, uns podem falar que eu estava certo, ou estava errado, acho que principalmente pelo medo, né? ... pelo medo do que pode me acontecer, né? Ocorre muito isso, mas e aí eu acho que eu fui moldando minha mente todo esse tempo, pra ... pra algumas coisas ...

Nesse âmbito, geralmente o comportamento que o agressor espera dos estudantes que passam pelo racismo na escola é o silenciamento, que não revidem as práticas racistas, no que acabam crescendo cada vez mais. Dessa forma, Cavalleiro (2014) traz em sua pesquisa que a criança negra é socializada, desde a educação infantil, para o silêncio e à submissão ao racismo que sofrem no ambiente escolar, o que se reflete no Ensino Fundamental, assim como aconteceu com Luan.

Durante a entrevista, foram observadas respostas diferentes dos jovens, em relação a se já presenciaram algum ato de racismo contra alguém no colégio estadual, pois relataram que não passaram pelo racismo lá. Nesse âmbito, Pabllo relata:

> ... que eu lembre não, mas com certeza já deve ter acontecido, com certeza... é porque eu realmente não lembro, porque... tenho certeza

> que já deve ter acontecido sim, impossível não acontecer né, com certeza já deve ter acontecido ...

Nesse contexto, Luan afirma:

> ... não, não ... eu acho que o racismo vai muito além do, da pessoa falar, né? ... ah, igual aconteceu no ensino fundamental: - "ah, seu macaco", eu acho que o racismo, comigo, aconteceu durante muito tempo assim ... ele ocorre de forma muitas das vezes velada, é o aluno isolado, é o aluno que vai ser excluído, que vai ser rejeitado, e tem dificuldades de entrosamento, e às vezes nem a pessoa, mas enfim são as pessoas que fazem ela ter essa dificuldade de entrosamento, sabe? É ... então assim já percebi pessoas mais excluídas, mais reticentes, mas nunca foi algo tão grave assim, sabe? ...

Em relação aos impactos que essas experiências do racismo trouxeram para eles, o jovem Pabllo em nenhum momento da entrevista demonstrou que isso lhe trouxe consequências, pelo contrário, relata que isso o fortaleceu para prosseguir. Mas Luan conta o que sentia diante desses atos de racismo:

> ... eu fui crescendo, no Ensino Fundamental dois, eu falei: - "não, agora vai ser diferente", e aí eu fiz ser muito diferente, é:: ... já tratei muito isso em terapia, eu acho que eu errei muito, tentando fazer diferente, porque eu acho que reproduzi muito aquilo que já fizeram comigo antes essa questão de excluir o outro, de isolar outras pessoas ... muito na onda de: -"se eu fizer, eu não vou ser zuado", sabe? Isso aconteceu muito comigo ... então no fundamental ali ... no Ensino Médio rolou ali uma transformação, mas o primeiro ano do Ensino Médio também rolou esse isolamento, né? ... é:: eu, meu amigo isolado, e tals, mas a gente conseguiu já um grupo maior, e na segunda parte do Ensino Médio foi muito tranquilo, né? ... Lembro assim, eu, eu já cheguei a ter aversão a mim mesmo ... então eu me achava feio demais, eu achava que ... que eu não conseguiria, eu não sei se eu conseguia ter uma perspectiva de futuro, sabe? Eu sonhava, mas achava isso tão distante de mim, né? ... então eu acho que foi um período bem difícil ...

Desse modo, percebe-se diante da fala dele que para tentar não passar pelas mesmas coisas que sempre passou, nos colégios onde estudou, acabou reproduzindo aquilo que já fizeram com ele anteriormente, além de ter a aversão a ele mesmo e acabou adquirindo uma baixa autoestima, com relação ao seu futuro. Nesse contexto, Almeida (2018) afirma:

> Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e

> brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. (ALMEIDA, 2018, p. 53)

Por isso esse jovem acabou reproduzindo o racismo, do qual era a maior vítima, usando essa estratégia para ser aceito pelos outros estudantes, mas como ele falou nos episódios contados anteriormente, não adiantou, pois continuou sofrendo o racismo.

Além disso, com relação à baixa autoestima, segundo as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais:

> Sentimento e opinião que cada pessoa tem de si mesma. É na infância, no contato com o outro, que construímos ou não a nossa autoconfiança. As experiências do racismo e da discriminação racial determinam significativamente a autoestima dos adultos (as) negras e somente a reelaboração de uma nova consciência é capaz de mudar o processo cruel de uma sociedade desigual que não os(as) estimula e nem respeita. (BRASIL, 2006, p. 216).

Assim, passar pela experiência do racismo na escola pode trazer consequências na construção da autoestima das crianças negras e jovens negros, fazendo com que eles percam a autoconfiança, ou seja, não acreditem neles mesmos, e se sintam inferiores aos outros, assim como aconteceu com Luan.

É importante mencionar que durante a entrevista, foi indagado a Pabllo se o colégio Estadual é ligado às questões raciais, ao que respondeu:

> Não ((risos)) ... não, não, não acho, nenhuma causa na verdade, nenhuma causa... tanto que se acontecer é ... falar na direção vão lá, não adianta nada entendeu? ... então a escola não é ligada, só nos meses, sei lá... no mês da consciência negra, aí né faz aquele negócio todo, sei o que, sei que lá, mas só nesses meses, entendeu? ... fora isso nada.

Como a fala dele aponta, somente no mês do dia da consciência racial, 20 de novembro, é que ele vê de fato o colégio se mobilizar para realizar atividades voltadas para as causas raciais. Nesse âmbito, pode-se destacar a implementação da Lei 10.639/2003, em que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, assim como a inclusão no calendário escolar, do dia 20 de novembro, como Dia Nacional da Consciência Negra. (BRASIL, 2003).

Ainda assim, para a efetivação dessa Lei, há um entrave para ocorrer no ambiente escolar e ser abordada nas disciplinas dadas pelos professores em sala de aula. Segundo Bernardo e Maciel (2015):

> A não implementação da Lei 10.639/2003, assim, pode ser perceptível no trato burocratizado e isolado dos projetos étnico-raciais nas escolas (geralmente atrelados às datas comemorativas) e no silenciamento dos conflitos raciais no cotidiano escolar e na dinâmica curricular. (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 192)

Por isso, considera-se importante que a temática racial não seja somente falada na semana do dia 20 de novembro na escola, mas durante todo o ano letivo, assim como é importante que a escola crie rodas de conversas, palestras e eventos que tenham o objetivo de trazer a temática racial, o que contribuiria muito para diminuir o desrespeito às diferenças e faria com que os alunos soubessem da história como deveria ser contada, longe dos padrões eurocêntricos.

Nesse âmbito, Gomes (2003b) afirma:

> (...) a escola precisa considerar fatores como a raça/etnia e o gênero no processo de construção da identidade juvenil, valorizando-os e possibilitando aos jovens um conhecimento mais elaborado sobre essas relações e o seu desenvolvimento no decorrer da história, da política e da cultura. (GOMES, 2003b, p. 15).

Assim, é preciso que esses fatores apontados pela autora sejam abordados na escola, para que ela seja um espaço onde os jovens negros sintam-se bem, incluídos e que não enfrentem o racismo como ocorreu com os jovens entrevistados. A escola pode contribuir muito para uma educação antirracista, que venha de fato promover a construção de uma autonomia e de construção de uma autoestima.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS JUVENTUDES NEGRAS

Abordamos o racismo e racismo na escola anteriormente, à luz dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa, em que importa nesse momento trazer algumas considerações sobre as juventudes negras, pois os jovens entrevistados embora sejam pretos e pardos (negros) possuem diferenças entre si, em suas experiências sociais.

Em relação à juventude, Dayrell (2003) enfatiza que não é possível falar de "juventude", no singular, mas sim de "juventudes", no plural, em virtude da diversidade existente entre os jovens, que envolve fatores históricos, sociais, de raça, etnia, gênero, entre outros.

Na mesma direção que o autor supracitado, Pais (1990) afirma que não se pode unificar os jovens, como se tivessem um único perfil, identidade e experiências sociais, pois vão possuir diferenças no processo de socialização.

Desse modo, não existe somente uma forma de ser jovem negro na sociedade, e é mais proveitoso nessa pesquisa falarmos em "juventudes negras" do que "juventude negra", em virtude das diversidades existentes sobre esse segmento populacional. Apontar as especificidades das juventudes negras torna-se necessário e importante, pois cada sujeito é diferente um do outro.

Importante considerar que o debate realizado pelos autores supracitados não dá conta de abarcar a realidade da juventude negra na sociedade, pois os jovens negros têm as suas experiências na sociedade atravessadas pelo racismo. A cor da pele é fator preponderante para que os jovens negros passem pelo racismo na sociedade, independentemente de qual classe sejam.

De acordo com Andrade (2012):

> É preciso lembrar, entretanto, que a experiência da juventude não é igual para todos os jovens. Várias diferenças como classe social, cor, orientação sexual, religião, nível de escolaridade e inserção no mercado de trabalho fazem com que a experiência de juventude seja desigual para os diversos jovens (ANDRADE, 2012, p. 67)

Assim, mais uma vez ratifica-se o que está sendo exposto nessa pesquisa, em que por diversos fatores, os jovens vão diferir-se uns do outros na sociedade, sendo um equívoco considerar que todos possuem as mesmas oportunidades.

2.1. Juventudes x Juventudes negras à luz dos sujeitos entrevistados

No tocante às juventudes negras, Pereira et al (2020) aponta sobre a importância de se olhar os jovens negros além das imagens estereotipadas construídas socialmente sobre eles na sociedade. Essas imagens estereotipadas dizem respeito às abordagens e indicadores sociais que mostram os jovens negros com maiores chances de serem assassinados, maiores índices de abandono escolar, com potencial para a entrada na criminalidade, entre outras, o que acaba fazendo com que a sociedade generalize que isso atinge todos os jovens negros.

Assim, é essa perspectiva que adotamos nessa pesquisa ao realizarmos a análise dos jovens negros, para além dessas imagens mencionadas anteriormente que recaem sobre eles na sociedade.

Durante a entrevista foi indagado aos jovens o que é "ser jovem" para eles. De acordo com Pabllo:

> ... não acho que ser jovem assim, se entende tanto em idade, eu já vi tipo adultos assim que:: nossa tem mais pique do que eu... então acho que ser jovem é tipo... viver a vida, tipo:: ... o jeito que você quer se divertir e tudo mais, entendeu? Mas também conseguir ligar isso com ... tipo responsabilidade né? Que é um mundo novo, é outra vida, entendeu? ... você tá tipo se preparando pra ficar adulto, pra ter mais responsabilidades, ter sua casa, seu emprego... então acho que é isso ser jovem é:: ... se divertir mesmo é:: ... com tantas responsabilidades chegando e tudo mais ...

Como se pode observar, a opinião que ele possui sobre ser jovem é ligada para além da questão da idade, tendo relação com momentos de diversão e, em simultâneo, a preparação para a vida adulta e a assunção de responsabilidades. Nesse âmbito, Dayrell e Carrano (2014) apontam a importância de não se olhar a juventude como um momento natural da vida, considerando somente os fatores biológicos e psicológicos dos jovens, mas, em simultâneo, as condições sociais, estruturais e culturais desses indivíduos.

O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) considera jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. Assim, consideramos que olhar os jovens somente pela faixa etária é perigoso, pois acarreta a homogeneização de jovens que pertencem a "mesma geração", que ainda que possuam experiências em comum, diferem uns dos outros.

Nesse contexto é que Pais (1990) vai analisar a juventude sob duas correntes: geracional e classista. Na corrente geracional, os valores e as experiências sociais dos jovens são analisados em detrimento da faixa etária, das características em comum nessa fase da vida; e na corrente classista, os jovens são analisados segundo a diversidade dos valores culturais adquiridos, especificamente em suas classes sociais[24]. Desse modo, a corrente classista tem mais relação com essa pesquisa, pois visa considerar os jovens na perspectiva da diversidade.

Em relação à juventude como preparação para a fase adulta, para o alcance da assunção de responsabilidades, como Pabllo relata, Camarano (2006) aponta alguns acontecimentos que podem ser tomados como marcos do processo de transição da juventude para a maturidade e o desempenho de papéis relacionados à condição adulta, tais como: a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a união conjugal, a saída da casa dos pais e a experiência da paternidade/maternidade. Assim, conforme as especificidades dos jovens, esses eventos podem respeitar uma linearidade ou não.

Nesse sentido, pode-se considerar a moratória social, em que para Groppo (2015):

> A moratória social torna-se um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil. (GROPPO, 2015, p. 19)

Dessa forma, a moratória social tem relação com a condição juvenil[25], pois é dada como a experiência e condição social dos jovens postergarem exigências relacionadas ao mundo adulto, tal como explicitado anteriormente. Peregrino (2011) vai relacionar essa moratória com o "tempo doado" aos jovens pela sociedade para vivenciarem a condição adulta.

Tal conceito também é explicitado por Margullis e Urrestti (1996), que relatam a existência dessa moratória desde o século XIX, em que certos setores sociais abastados e de classes médias conseguiram garantir aos seus jovens de prolongarem a assunção de

[24] De acordo com Groppo (2015): "A classe social se define pela situação em comum de certos indivíduos no interior das estruturas econômicas de uma sociedade". (GROPPO, 2015, p. 7)

[25] De acordo com Dayrell (2007): "Do latim, conditio refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc." (DAYRELL, 2007, p. 1109).

responsabilidades inerentes à vida adulta. O único ponto em que discordamos dos autores é considerar que a moratória social não é presente nas classes populares, em que os jovens negros são maiorias, pois defendemos que esses jovens possuem essa experiência social, mas de forma influenciada pelo racismo, tal como os episódios relatados pelos jovens entrevistados nessa pesquisa.

Voltando na questão de "ser jovem", Luan nesse aspecto, alega:

> ... ser jovem, pra mim, representa uma sensação de liberdade, de liberdade, de força, eu acho que a gente tem muito mais força, quando a gente é jovem do que em outros períodos da nossa vida, é ... de liberdade, de forca, pra mim ser jovem representa isso, liberdade, força, alegria, entusiasmo, tristeza também porque é um ciclo né? Muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo ...

A fala dele, da juventude como sensação de liberdade e de força, pode ser relacionada com a moratória vital, que de acordo com Margullis e Urrestti (1996), toma a juventude como um período da vida que se possui um "excedente temporal, um crédito e um bônus de vida" (MARGULLIS; URRESTTI, 1996, p. 4, trad. nossa).

Pode-se considerar que os jovens negros também vivenciam esse tipo de moratória, mas de forma limitada e interditada pelos episódios de racismo, tal como apontado pelos jovens entrevistados nessa pesquisa anteriormente, que tem medo de serem assassinados pela polícia ou serem considerados "bandidos" ou "assaltantes", quando entram em uma loja ou ônibus.

Ainda assim, com relação a ele considerar o "ser jovem" a um ciclo da vida, com o misto de sentimentos, como a alegria, entusiasmo e tristeza, tem relação com o que aponta Dayrell (2007), para quem a juventude é o momento privilegiado para a construção de identidades e experimentações da vida. Nesse sentido, Groppo (2015) afirma ser nesse momento que os jovens têm a capacidade de saber das coisas que ocorrem em suas vidas.

O relato dos jovens modifica-se quando falam sobre o "ser jovem negro" na sociedade. Para Pabllo:

> Nossa, Meu Deus! ... é uma realidade totalmente diferente, porque, assim né, sempre eu cresci é ... com algumas coisas assim, tipo minha mãe falando: -"ah, não faz isso, não faz aquilo", e tudo mais, mas eu achava que era algo que... instruções que toda mãe dava pra qualquer filho... quando eu cheguei assim nos meus 15 anos, que eu comecei a tipo entender ... talvez tipo nossa doideira nem todo mundo é assim, só pessoas negras, só jovens negros que passam por isso ...

No mesmo sentido que Pabllo, o jovem Luan relata:

> Aí, já parte pruma outra situação mais dolorosa, é:: ... é mais difícil, é difícil ... é cheio de obstáculos, né? Ser jovem ... e negro é complicado, é difícil, é doloroso, né? ... ser jovem preto pra mim, representa principalmente muita resiliência, né? ... muita resiliência...

Como pode-se perceber na fala deles, em relação a "ser jovem negro" na sociedade, os aspectos negativos acabam se sobressaindo aos aspectos positivos, interferido de forma significativa em suas trajetórias. Devido aos episódios que mencionaram anteriormente nessa pesquisa, acabaram internalizando as representações negativas que recaem sobre os jovens negros na sociedade, difundidas pela mídia sensacionalista[26], ou pelo senso comum, com notícias de barbáries e assassinatos diariamente, ou indicadores sociais[27] negativos sobre esse público. Esse fato também foi encontrado por Pereira et al (2020), ao entrevistar os jovens que fazem parte de sua pesquisa sobre outras visões das juventudes negras na sociedade brasileira, onde afirma que a ideia de vulnerabilidade e exposição à violência letal acaba ocupando espaços internos nesses indivíduos, silenciando as experiências positivas.

Como os jovens entrevistados residem no município de Belford Roxo, que faz parte da Baixada Fluminense[28], assim como o autor desta pesquisa, foi indagado sobre "ser jovem negro" nessa localidade. Para Pabllo:

> É: ... é punk porque né? ... Você não mora, além de você ser jovem negro, você não mora no centro do Rio, numa Zona Sul, aquele negócio ... você mora na Baixada, Belford Roxo ainda, entendeu? ... então é difícil, tem que lutar bastante... ainda mais com as pessoas que têm sonho de sair daqui entendeu? ... não é fácil, tem que estudar bastante, trabalhar bastante, pra conseguir o objetivo...

Ao mesmo tempo em que ele relata ser difícil ser jovem negro e morador de Belford Roxo, por não morar no Centro do Rio, afirma que existem pessoas com sonhos e projetos de saírem do município.

---

[26] De acordo com Sobrinho (1995): "(...) é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento (...) a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexiste a relação com qualquer fato e a "notícia" é elaborada como mero exercício ficcional". (SOBRINHO, 1995, p. 16)

[27] Segundo Jannuzzi (2002): "Um indicador social é uma medida em geral quantitativa dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou programático (para formulação de políticas públicas)" (JANNUZZI, 2002, p. 55)

[28] De acordo com o SEBRAE (2016): "A região da Baixada Fluminense, faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, abrangendo 13 municípios: Belford Roxo, Itaguaí, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Seropédica, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé e São João de Meriti". (SEBRAE, 2016, p. 7)

Luan, ao ser indagado sobre ser jovem negro em Belford Roxo, afirma:

> Em Belford Roxo ((risos)) ... é difícil, é:: ... né um ponto de medo, é um ponto de angústia ... ser um jovem de uma região periférica, né? Porque nós somos de uma região periférica, é difícil, né? então ... eu acho que, é, é, é específico, um caminho de, de muito, de muito obstáculo, né? Então ser jovem preto, já me põe com vários obstáculos, ser um jovem preto e periférico... periférico e periférico, porque eu particularmente, moro na periferia da periferia, moro no morro, que não tem esgoto tratado, que não tinha nem asfalto durante muito tempo, faz com que eu tenha muito mais obstáculos do que antes, então é um ponto de muito trabalho, sabe? E eu percebo isso na pele ... então eu sei que é muito mais difícil, ser um menino, jovem preto e de periferia, Belford Roxo, no caso...

Como pode-se perceber, ambas as falas desses jovens demonstram as dificuldades de ser jovens negros e moradores de Belford Roxo. Nesse contexto, é importante destacar que esse município sofre com as mais diferentes desigualdades sociais, no âmbito da violência[29], saneamento básico[30], saúde[31], cultura[32], entre outros. O município também, em 1970, chegou a ser considerado um dos lugares mais violentos do mundo[33].

Assim, nessa pesquisa pretendemos demonstrar que, mesmo o município de Belford Roxo sendo carregado de estereótipos[34], tais como "município perigoso", "pior município do mundo" e "cheio de bandidos", existem jovens negros, tais como os entrevistados nessa pesquisa, com sonhos, projetos e objetivos em suas vidas, rompendo com essas visões estigmatizadas.

---

[29] De acordo com Cerqueira et al (2019), a taxa estimada de homicídio por 100 mil habitantes, no município de Belford Roxo, foi de 56,8%, em 2017, enquanto na capital do Rio de Janeiro, foi de 35,6%, no mesmo ano.

[30] Segundo a Casa Fluminense (2020), em relação ao percentual de habitantes atendidos por rede de água, em Belford Roxo, foi de 76,5%, em 2018, enquanto na capital do Rio de Janeiro, foi de 97,4%, no mesmo ano. O quadro é alarmante quando se compara o percentual de habitantes cujo esgoto é coletado e tratado, no qual em Belford Roxo foi de 16%, em 2018, enquanto na capital do Rio de Janeiro, foi de 63,5%, no mesmo ano.

[31] Conforme a Casa fluminense (2020), no tocante à proporção de leitos hospitalares (clínicos, cirúrgicos, pediátricos e obstétricos) públicos disponíveis a cada 10 mil habitantes, em Belford Roxo, foi de 3%, em 2019, enquanto na capital do Rio de Janeiro, foi de 10,5%, no mesmo ano.

[32] De acordo com a Casa Fluminense (2020), em relação ao percentual do orçamento direcionado para a cultura, em Belford Roxo, foi de 0,04%, em 2018, enquanto na capital do Rio de Janeiro, foi de 0,68%. No tocante a quantidade de Museus, em Belford Roxo há apenas 2 museus, enquanto na capital do Rio de Janeiro há 136 museus.

[33] Segundo Dantas (2005): "Nos anos 70, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura) apontou o município de Belford Roxo como o lugar mais violento do mundo, em um estudo com 95 países, entre 1971 e 1976". (DANTAS, 2005, s/p)

[34] Conforme as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais: "Opinião preconcebida, difundida entre os elementos de uma coletividade". (BRASIL, 2006, p. 218).

Desse modo, na próxima seção falaremos sobre as trajetórias escolares dos jovens negros.

2.2. Trajetórias escolares dos jovens negros

Um dos objetivos dessa pesquisa é conhecer as trajetórias escolares dos jovens negros entrevistados.

Em relação às trajetórias, Dubar (1998) classifica-as em dois âmbitos: subjetiva e objetiva. A objetiva visa investigar as posições sociais ocupadas pelos indivíduos em suas vidas, tanto no âmbito social, quanto no grau de parentesco, enquanto a subjetiva visa investigar, através da fala, os caminhos percorridos por eles. Ambas as formas de trajetórias serão adotadas nessa pesquisa, mas com ênfase na subjetiva, pois os sujeitos estão contando sobre as suas trajetórias escolares.

A trajetória escolar de Pabllo iniciou-se na educação infantil em um colégio particular, em que, anteriormente nessa pesquisa, ele relata que passou por episódios de racismo. Depois, foi para uma escola municipal, onde estudou todo o Ensino Fundamental. Quando estava no 1.º ano do Ensino Médio, em 2019, que ele foi para o Colégio Estadual, onde está sendo realizada essa pesquisa, e está cursando o terceiro ano atualmente. Ele destaca os motivos que o levaram a escolher o Colégio Estadual:

> ... Sempre falavam que era o melhor colégio assim ... de Belford Roxo (...) e também a menina que saiu de lá e foi fazer um intercâmbio... acho que na Austrália, não sei... aí né? Você já né? ... e também porque eu queria ir pro ensino integral, eu queria porque eu queria adicionar mais coisas no meu currículo, porque ... hoje em dia né? Tá difícil, então qualquer coisinha no currículo né? Faz diferença (...) então com ... sei lá, quando eu entrei minha amiga, a minha melhor amiga também, já estudou lá, ela falou que lá é bom ...

Como ele relata um dos motivos que o levou a escolher o colégio para cursar o Ensino Médio, foi por conta do ensino integral[35], para acrescentar algo a mais em seu currículo, pois durante a entrevista afirma que está desempregado e queria estar trabalhando. O ensino integral nas unidades da rede estadual pública de ensino, foi

[35] Quando compareci no colégio para conversar com a coordenadora pedagógica sobre essa pesquisa, fui informado por ela que era oferecido o ensino integral no turno da manhã, que se estendia até o horário da tarde, e no turno da noite que era oferecido o Ensino Médio regular

estabelecido pela Resolução SEEDUC N.º 5.424, de 2 de maio de 2016, na qual os artigos 1.º e 2.º afirmam:

> Art. 1º - Definir as bases de implementação do Programa de Educação Integral e os modelos de oferta nas unidades da rede estadual pública de ensino.
> Art. 2º - O Programa de Educação Integral compreende uma concepção contemporânea de educação que promove a formação plena do estudante, a partir do desenvolvimento de competências e habilidades que contemplam tanto aspectos cognitivos quanto socioemocionais. (RIO DE JANEIRO, 2016, p. 2)

Importante mencionar que, somente com a aprovação da Lei 8.367, em 2 de abril de 2019, pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), que de fato foi instituído um turno único de, no mínimo, sete horas diárias nos colégios da rede pública estadual do Rio de Janeiro. (RIO DE JANEIRO, 2019). Tal período de aprovação da Lei se deu quando Pabllo estava no primeiro ano do Ensino Médio no colégio estadual, tal como mencionado anteriormente.

Em relação à sua adaptação ao ensino integral, ele aponta que não foi uma tarefa fácil, pois nunca havia estudado dessa forma anteriormente:

> É::, olha assim, sinceramente ... é porque a escola também (incompreensível), eles falaram que foi de repente, que ah eles aceitaram, e foram se preparando junto, tanto que dois mil e dezenove foi o ano que... "Meu Deus", muito cansativo pra todo mundo, mas a gente tem assim mais matérias diferentes ... projetos de vida, que eu acho uma matéria muito importante ...

Uma das disciplinas oferecidas pelo ensino integral, em que Pabllo considera a mais importante é a denominada Projeto de Vida:

> É uma matéria que... tipo a intenção dela é te preparar, entendeu, fazer você pelo menos ter uma noção... da vida depois do colégio, entendeu, porque você quer cursar, entendeu, se você não quiser cursar, não quiser fazer faculdade, quer fazer outra coisa ... aí eles dão uma noção, pra gente. ...

Tal disciplina faz parte de um dos macrocomponentes da organização curricular do Ensino Integral, denominado Núcleo Articulador, e segundo o artigo 16, parágrafo 2.º, inciso I, da Resolução SEEDUC N.º 5.424, de 2 de maio de 2016, tem por objetivo:

> Art. 16 - A dimensão Ensino Médio de Referência introduz novo currículo e nova proposta pedagógica, além de prever o desenvolvimento cognitivo associado ao socioemocional, de maneira intencional e estruturada.
> (...)

> § 2º - O Núcleo Articulador é estruturado pelos seguintes componentes curriculares:
> I- Projeto de Vida, que tem como objetivo promover o autoconhecimento dos estudantes sobre suas identidades e sobre o que desejam para seus futuros, preparando-os para fazer escolhas, a partir do processo de conscientização sobre as relações que estabelecem consigo mesmos, com o outro, com o mundo e com os saberes (...) (RIO DE JANEIRO, 2016, p. 6)

Tal objetivo dessa disciplina tem relação com as considerações que Pabllo faz sobre ela, fazer com o que os estudantes sejam preparados para escolherem o que querem do seu futuro. Mas a crítica que faço, em relação a esse objetivo é que ele acaba reforçando uma das imagens difundidas pelas diferentes mídias e pelo senso comum[36], sobre o qual fala Dayrell (2003), que recai sobre as juventudes na escola, o "vir a ser" dos estudantes, traduzidos no diploma escolar, mas, segundo o autor, os jovens estão cada vez mais preocupados com o presente do que com o futuro.

Em relação à trajetória escolar de Luan, ele estudou na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e II, e no 1º ano do Ensino Médio, em 2018, em colégio particular, e somente no ano de 2019, quando estava no 2.º ano do Ensino Médio, é que foi para o colégio estadual, que concluiu em 2020. Diferente de Pabllo, segundo ele, não estudou o ensino integral, pois a implementação desse ensino foi ocorrendo gradualmente no colégio, o que possibilitou que ele trabalhasse como jovem aprendiz em um escritório de advocacia, no Centro do Rio de Janeiro, durante o período escolar, e foi atualmente efetivado nesse escritório.

No que diz respeito aos motivos que o levaram a escolher a unidade escolar para concluir o Ensino Médio, Luan afirma:

> Não, des, desde... eu sempre estudei em escola de rede privada, então não rolou muito essa vontade, é:: ... e minha mãe sempre trabalhava e pagou escola de rede privada tanto pra mim, quanto pra minha irmã... então estudamos em diversas escolas privadas ... a minha irmã foi pra escola de rede pública no nono ano, né? Um pouco antes de mim... e eu já fui lá só no segundo ano é:: ... e enfim, foi indo, co, com o Ensino Médio particular, ele é um Ensino Médio muito caro, né? Totalmente fora da nossa realidade, e aí quando foi chegando no segundo ano do Ensino Médio, eu também não estava satisfeito na escola em que eu tava, ... aquilo foi me desanimando e minha mãe decidiu me pôr no Colégio Estadual, porque minha irmã também se formou lá, né? ... Então rolou isso, né? Então nunca rolou isso, de uma vontade minha de mudar de escola, ou algo do tipo, era sempre

[36] Segundo Cotrim (2002): "(...) vasto conjunto de concepções geralmente aceitas como verdadeiras em determinado meio social recebe o nome de senso comum". (COTRIM, 2002, p. 46).

> minha mãe que conduzia essas escolhas... quando fui pro colégio estadual, que foi uma escolha, uma vontade minha, porque enfim ... o Ensino Médio estava muito caro e eu não tava feliz...

Ele pontua que percebeu, durante as aulas, diferenças no ensino da escola de rede privada para o ensino do colégio:

> ... um dos primeiros momentos que eu lembro assim da escola pública, foi na aula de matemática e ... foi no segundo ano, e a professora estava passando uns cálculos básicos, enfim, pra mim era básico e eu nunca fui um "aluno nota dez" em matemática, até o quinto ano eu era um aluno muito bom em matemática, entrou no Ensino Fundamental dois eu, eu nunca fui o aluno perfeito em matemática... mas era uns cálculos muito básicos, e eu lembro que eu fiz os cálculos muito rápido e concluí ... e em específico nessa sala que eu estudei, muitas pessoas que já tinham estudado comigo em escola de rede privada estavam ... então a galera que já tinha estudado, é:: ... em escola de rede privada terminaram muito rápido o exercício e aí eu percebi muita gente que estudou por anos em escola pública demorou, encontrou muita dificuldade ... eram exercícios que tinham operações básicas, que é operação de troca de sinais ... que eram operações muito básicas, e muita gente ficou ali, não conseguiu realizar ... e aí foi quando eu percebi, que rola muito essa diferença na, na educação, da pessoa que tá na escola pública pra pessoa que tá na escola privada, infelizmente ...

Conforme exposto, devido a um fato observado por ele na aula de matemática, acredita que existam diferenças no desempenho escolar dos estudantes oriundos de escolas privadas para estudantes que sempre estudaram em escola pública. Nesse contexto, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)[37], declara que em 2019, a nota do Ensino Médio das escolas da rede pública foi de 3,9, enquanto nas escolas de rede privada a nota foi de 6,0 (BRASIL, 2020). Esses dados demonstram que a rede privada obteve melhor desenvolvimento nesse índice do que a rede pública.

Diante desses dados, Krawczyk (2014) aponta que esse é um preconceito que não necessariamente representa a realidade, pois existem escolas privadas boas e outras não tão boas, assim como escolas públicas boas e outras nem tão boas na sociedade. Ela destaca ainda a importância das mídias e sistemas de ranking avaliarem a aprendizagem dos estudantes não somente pelo âmbito escolar, mas também por fora dele, considerando

[37] Segundo Ferrari (2020): "O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 para monitorar o desempenho da educação no Brasil. Ele reúne, em um só indicador, os resultados de duas dimensões: o fluxo escolar e as medias de desempenho nas avaliações de larga escala. O índice é calculado a partir dos dados sobre a aprovação, obtidos no Censo Escolar, e dos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)". (FERRARI, 2020, s/p.)

que os estudantes de classe média já chegam na escola privada com conhecimentos e habilidades adquiridos, resultando em uma melhor compreensão do sistema de ensino que se pratica, tendo experiências e atividades de aprendizagem além da escola, como língua estrangeira, viagens, entre outros.

Tal fato assinalado pela autora tem relação com o capital cultural[38], especificamente o capital cultural incorporado, que para Bourdieu (1998) é responsável pela diferença de rendimento dos estudantes na escola. Segundo o autor:

> O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um habitus. Aquele que o possui "pagou com sua própria pessoa" e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital "pessoal" não pode ser transmitido instantaneamente. (...) Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador (BOURDIEU, 1998, p.75)

Nesse âmbito, essa forma do capital cultural tem relação com o conhecimento que os indivíduos têm durante as suas vidas, cuja transmissão não ocorre de forma automática, mas é necessário tempo para a sua assimilação. Nogueira e Nogueira (2002) relacionam esse capital ao gosto pela leitura, o conhecimento sobre o mundo escolar, assim como o domínio maior ou menor da língua culta. Por isso concordamos ser preciso ir além das concepções e índices que afirmam existir diferenças entre o Ensino Médio público e privado, como Luan apontou anteriormente, pois é importante que se considere os conhecimentos adquiridos pelos indivíduos durante as suas vidas, antes mesmo de ingressarem na escola.

Uma das experiências marcantes para Luan no Colégio Estadual, que relatou com muito entusiasmo durante a entrevista, foi ter feito parte do Parlamento Juvenil, sobre o que considera:

> ... Nossa, aquele Colégio foi uma surpresa muito positiva, assim na minha vida, muito ... é:: eu tinha muito receio, da escola pública em si ... porque eu nunca tinha tido contato né? E:: ... eu tinha medo de como ia ser ... foi através desse Colégio Estadual que entrei no parlamento juvenil, né? ... então foi, foi uma experiência muito boa, eu consegui ser aluno destaque na escola, é, então assim foram

[38] De acordo com Bourdieu (1998): "A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar", ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das "aptidões naturais, quanto às teorias do "capital humano" (BOURDIEU, 1998, p.73)

> experiências, e graças às experiências que foram o, ocorrendo, dentro da escola pública, e foi muito boa ...

Em relação a como foi eleito no Parlamento Juvenil, ele explicita:

> Nossa, o parlamento foi realmente uma transformação na minha vida, por completo, é:: ... e eu sempre gostei muito de política, muito, muito assim... sou o chato que gosta de falar, que gosta de debater ... eu lembro que eu tava na escola, tinha um cartaz do parlamento no mural da escola ... e aí eu me vi, mas assim, e eu me inscrevi, só que eu pensei que não ia ocorrer nada, que não ia dar em nada ... aí não demorou um tempo depois, a diretora ligou pra minha mãe, né? Parabenizando minha mãe, porque nenhum jovem da escola tinha se inscrito, tinha sido, né? ... foi muito interessante, é:: ... o primeiro turno é um turno que ocorre internamente no espaço escolar, né? Você disputa com outras pessoas da sua escola e quem ganha ali disputa o segundo turno com outras pessoas do município ... comigo foi diferente, como eu fui o único aluno inscrito da escola, eu já achei raro, porque é uma escola grande, que tem muitos turnos, muita gente estudando, eu já fui ali de "W.O" direto pro segundo turno ... eu pensava que não ia acontecer, só que eu fiz o meu esforço, eu fui nas escolas, fiz campanha ... aí eu lembro que foi a tardezinha assim, saiu o resultado no, do parlamento, e eu fui eleito na época com setenta e oito por cento dos votos ... eu lembro que fiquei: -"Meu Deus, não acredito!" ... e foi uma experiência muito boa, tá naquele espaço foi muito bom, conhecer gente, jovens de todo lugar do Estado, de noventa e dois municípios foi incrível ... me transformou, abriu meu horizonte, abriu minha mente, é então foi, foi um divisor de águas, na minha vida literalmente...

Diante disso, considera-se que fazer parte desse projeto significou muito para Luan, pois lhe trouxe uma maior conscientização política e, segundo ele, possibilitou que conhecesse jovens pertencentes aos 92 municípios que compõe o Rio de Janeiro, incluindo os da Baixada Fluminense.

Outra questão pontuada pelos jovens, foi no tocante à relação com os professores e estudantes no colégio. Nesse caso, Pabllo afirma:

> Ah:: ... foi muito::... sei lá é automático... entendeu? ... com os estudantes né? ... eu nunca fui de:: ter problemas assim... com ... sabe assim... com os estudantes assim... com o povo do colégio... nunca fui assim... eu não gosto nem de briga, se sei lá... eu vejo uma pessoa que não combina comigo, que eu sei que vai ter desavença, eu já me afasto, mas tipo:: ... um bom dia, um boa tarde, assim... sempre né?, o básico assim (...) agora os professores também né?... Eu tenho tipo um:: certo medo né?... ah porque o povo fala: -"ah, Ensino Médio o povo vai ser, sei lá"... mas nunca tive problemas também mUito graves, também não... sempre foi algo bem razoável ...

A fala desse jovem, sobre a interação que tem com os estudantes, tem relação com a sociabilidade, em que para Dayrell (2007):

> A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (“os amigos do peito”) e aqueles mais distantes (a “colegagem”), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras. (DAYRELL, 2007, p. 1111)

Dessa forma, essa dinâmica de relações, em que se escolhe quem são os mais próximos e mais distantes, liga-se aos grupos de afinidades, sendo de muita importância para os jovens, em que para Pais (2003) chama-se “grupos de amigos”, que partilham o mesmo sentimento, estilo, confiança, gosto, respeito, costume, violência, dentre outros fatores.

Percebeu-se, durante a entrevista, que Pabllo considera que estar no Ensino Médio, exige mais responsabilidade e maturidade da sua parte, enquanto os momentos de diversão e lazer serem relacionados por ele ao Ensino Fundamental. Por isso diz que tinha medo de lidar com os professores quando adentrou no Ensino Médio, não o isentando de ter problemas com alguns deles.

Nesse contexto, Dubet e Martucceli (1998) apontam que as regras das instituições escolares exigem um bom comportamento dos estudantes com os professores em sala de aula. Desse modo, qualquer ato de não obediência às ordens impostas pelos professores que seja contra a sua autoridade é considerado como uma atitude indisciplinada.

Dayrell (2007), fala sobre a autoridade do professor em sala de aula ser constantemente questionada pelos jovens, que não a toma como natural e óbvia, cabendo ao mesmo construir a sua legitimidade com eles. Isso exige reconhecer os jovens na sua diversidade e não apenas na classificação abstrata e homogênea “aluno”, assim como adotar no dia a dia, durante as aulas, uma linguagem que considere os seus cotidianos e experiências sociais.

Ainda no âmbito da autoridade do professor, Leão (2018) aponta que a escola, por ser uma instituição pouco ligada às experiências sociais e cotidianas dos estudantes, acaba recebendo como respostas destes uma atitude de distância em relação aos professores e as tarefas escolares, como se colocassem em um “entrelugar”, estando e não estando na escola, sendo e não sendo estudantes, atitudes que tendem a ser vistas como afronta pelos docentes, como um questionamento de sua autoridade em sala de aula.

Mesmo relatando que teve desavenças com alguns professores no Ensino Médio, Pabllo destaca que teve duas professoras que, para ele, são uma inspiração:

> A professora de português... teve uma vez que ela:: ... porque a nossa turma né, em 2019, a nossa turma, era né, aquela turma ((risos))... aí teve uma vez que::, a gente não ia tipo ... prum passeio que ia a turma que tirasse maior nota, a turma que tirasse a maior nota, ia pra esse passeio (...) e aí tipo a:: ... a diretora não quis, não queria levar nossa turma, mesmo a gente tirando nota boa não queria porque:: ... a nossa turma, era a turma da bagunça... ela foi lá lutou, falou: -"não vou ir se não levarem eles", e ela tinha outras turmas, ela falou: -"não vou ir, não vou levar ninguém se não levarem eles", então isso (...) e a professora de Biologia foi o jeito dela cara... sei lá e ela também faz biologia, eu gosto de biologia, então aprendo muita coisa com elas ...

Algo merece ser destacado na fala dele, na questão de sua turma ser intitulada como a "turma da bagunça", tanto pela gestão escolar, quanto por alguns professores. Percebe-se que esse título também acabou sendo introjetado e reproduzido por ele mesmo, conforme o seu relato abaixo:

> ((risos)) nossa turma realmente, a gente atentava entendeu... a gente atentava, mas não era nada algo tipo ah!:: entendeu? ... mas a gente tipo em relação às outras turmas ... a gente era pior, entendeu? ... foi tipo que nem o passeio, você perde muita oportunidade ser da turma da bagunça e tudo mais... os professores não querem, chega na sua aula já ficam de mau humor, já te tratam diferente das outras turmas, tinha tipo ... outras turmas chegavam: -"ah, professor é um amor com a gente, a gente ama esse professor", e a gente fala: -"gente, mas esse professor ele é o capeta com a gente", então você perde muitas oportunidades sendo intitulado assim "a turma da bagunça" entendeu? ...

Nesse sentido, Pereira (2010) afirma que a apropriação da escola pelos jovens, a constituição das redes de sociabilidade e a transformação da instituição de ensino a partir das práticas juvenis são vistas pelo corpo docente e direção escolar como "indisciplina" e "bagunça". Dessa maneira, ambos não compreendem que os jovens são diversos e na relação com os outros na escola formam os seus grupos de pares, colocando em questão as normas impostas na mesma.

Por isso, Dayrell (2007) afirma que a escola não sabe trabalhar com as juventudes, principalmente se essa juventude for das camadas populares, em sua maioria negra, e em vez de a escola adequar-se a esses jovens prefere manter uma linha tradicional, de fazer os alunos respeitarem as regras institucionais, de seguir somente aquilo que está sendo oferecido no currículo e de repreensão aos considerados "desajustados".

Mantendo essa linha tradicional, a escola não vai permitir que esses jovens sejam eles mesmos na sala de aula, e, em vez de criar medidas que venham promover o respeito às singularidades desses jovens, vai criar a imagem do "bom aluno", aquele que respeita as regras da instituição e não foge das mesmas na lógica escolar, e do outro lado o "mau aluno", que não consegue ir na direção dessa lógica disciplinar, não respeitando as normas impostas pela escola. (DAYRELL, 2007).

Voltando na questão da relação com os professores e estudantes no colégio, Luan afirma:

> ... com os professores eu sempre tive uma relação muito boa ... com todos os professores, muito boa, sempre gostei, sempre conversava, sempre era amigo, gostava é de prestar atenção nas aulas ... no Ensino Fundamental dois quando a gente começa a ter vários professores, uns a gente se apega mais a outros ... então a professora de ciências, foi uma professora muito boa na minha vida, um professor de história, que carrego ele até hoje foi fundamental, pra eu começar a gostar de política, pra eu começar a gostar de ler, pra eu começar a gostar de falar, ele foi fundamental, ... no Colégio Estadual, é:: eu tive duas professoras em específico muito incríveis, uma era de matemática, que foi incrível, e outra foi uma professora que eu carrego até hoje, a gente conversa, foi minha professora de português e redação, ela foi incrível ... ah só queria fazer um adendo, eu não tinha uma relação muito boa com os alunos não, tá, por eu ser isolado, eu sempre fui muito escaldado, então ficava na minha bolha ali ...

Diferente de Pabllo, Luan conta que acabou tendo atritos com seus colegas de turma, durante o período escolar, pois era isolado e tinha medo do que poderia acontecer. Desse modo, as experiências que ele passou de racismo na escola e isolamento em sala de aula, conforme apontados anteriormente nessa pesquisa por ele, acabaram o marcando, levando-o a considerar que não teve uma relação boa com os estudantes.

Em relação aos professores como inspiração para esses jovens, Krawczyk (2014) aponta que os docentes cumprem um papel importante na motivação dos estudantes, e que o sentido da escola, para estes, está interligado à sua identificação com aqueles. Assim, o jeito de ensinar dos docentes, a paciência e a capacidade de estimular os estudantes acabam gerando maior interesse pelas disciplinas, fazendo com que marquem esses jovens durante as suas vidas.

2.3. Os jovens, a escola e a pandemia do Covid-19

Outra questão levantada pelos jovens durante a entrevista, foi sobre a pandemia do Coronavírus (Covid-19)[39] e como ela atrapalhou os seus estudos. De acordo com Pabllo:

> Atrapalhou demais, demais ... porque ... quando eu entrei no, no Colégio, em dois mil e dezenove, eu entrei tipo: -"não, vou entrar assim, vou ficar bem focado, sem falar"... tanto que foi o ano que tipo ... minha mente, nossa, tava muito desgastada, mas por causa dos estudos mesmo, mas aí quando parou, tanto que meus amigos mesmo falavam que dois mil e vinte seria "O ano", porque ... a gente já tava acostumado com o ensino, entendeu? ... então a gente já tava mais preparado, então quando parou... a gente: -"ah, não só 15 dias, ê só 15 dias de férias", mas aí depois foi parando, aí: -"ah, é tem que ser ensino remoto" ... só que pela internet a gente aprende muito pouco, e meu telefone também não tava aquelas coisas pra mim poder ficar entrando, e ficar vendo as atividades, não tinha como eu ficar entrando direto (...) então, ah eu fiquei do começo da pandemia estudando pouco né no ensino remoto, quando começou a pandemia... mas depois meu telefone ficou ruim, foi ficando pior, aí já não estudei nada e fiquei ah! ...

Devido ao aumento do número de infectados pela doença Covid-19, em março de 2020, no Brasil, foi necessário serem criadas pelos órgãos públicos de saúde, tais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério de Saúde, medidas de isolamento social e distanciamento social[40], com fechamento de várias instituições que geravam aglomerações de pessoas, como a escola.

---

[39] Segundo Perini e Cipriani (2021): "(...) doença causada pelo Coronavírus, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 80% dos pacientes infectados podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requerem atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais cerca de 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Em 2020, mais de 200 países relataram casos da doença e a OMS declarou o surto como uma pandemia". (PERINI; CIPRIANI, 2021, p. 3)

[40] Segundo Pereira, Narduchi e Miranda (2020), no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a doença de Covid-19 se caracterizava como uma pandemia Global e pelo Ministério da Saúde foi publicada a Portaria nº 345, de 17 de março de 2020, que autorizou a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino. A secretaria estadual do Rio de Janeiro se posicionou favoravelmente por meio da Deliberação CEE/RJ n° 376, de 23 de março de 2020, que Orienta as Instituições integrantes do Sistema Estadual de Ensino do estado do Rio de Janeiro sobre o desenvolvimento das atividades escolares não presenciais, em caráter de excepcionalidade e temporalidade, enquanto permanecerem as medidas de isolamento previstas pelas autoridades estaduais na prevenção e combate ao Coronavírus – COVID-19.

No Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC), além de publicar a Resolução SEEDUC n.º 5843, de 11 de maio de 2020[41], disponibilizou aulas on-line através do Google Classroom[42], e os estudantes que não tinham acesso à internet receberiam o material impresso em casa para acompanharem as atividades que eram concedidas pelos professores. (INSTITUTO PENÍNSULA, 2020).

Por isso que Pabllo relata que ficou mais dificultoso acompanhar as atividades que eram dadas pelos professores no ensino remoto[43], pois ficou sem celular nesse período, demonstrando que a falta de recursos materiais para o acompanhamento das aulas, tal como computador com internet, atrapalha os jovens negros estarem estudando.

Esse fato de dificuldades de acesso a recursos materiais para acompanhar as aulas remotas não foi só encontrada por Pabllo. Conforme os dados do Instituto Unibanco[44] e Porvir[45], em 2019, apenas 39% dos jovens negros tinham acesso a um computador com internet em casa para estudar. (INSTITUTO UNIBANCO/PORVIR, 2020)

Esse quadro indica que, como a maioria dos estudantes negros é de classe pobre[46], carece de recursos financeiros e materiais para estudarem pela internet, dificultando o seu aprendizado e, concomitantemente, a apreensão dos conteúdos dados pelos professores.

Por isso, em relação ao aprendizado dos conteúdos e atividades dadas pelos professores, no ensino remoto, Pabllo relata:

---

[41] Essa resolução orienta as unidades integrantes da rede SEEDUC sobre o desenvolvimento de atividades escolares não presenciais e regularização da vida funcional de servidores, em caráter de excepcionalidade, enquanto permanecerem as medidas de isolamento previstas pelas autoridades estaduais como prevenção e combate ao coronavírus (Covid-19), e dá outras providências. (RIO DE JANEIRO, 2021).

[42] Segundo Pereira, Narduchi e Miranda (2020): "O Google Classroom é um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos. Ele é um recurso do Google Apps para a área de educação e foi lançado para o público em agosto de 2014. Cada aluno do Ensino Médio, na rede pública do RJ, recebe uma conta de e-mail com primeiro nome, número da matrícula e sufixo @aluno.educa.rj.gov.br". (PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA, 2020, p. 230).

[43] Conforme a Fundação Telefônica Vivo (2021): "Na modalidade de Ensino Remoto as aulas podem ser ao vivo, eventualmente nos mesmos dias e horários previstos em um cronograma similar ao de um baseado em Ensino Presencial. É um modelo de ensino, mediado por tecnologias, em que geralmente, há a transposição para o digital de atividades ou aulas presenciais. Considerado como um modelo de caráter provisório, o ensino remoto emergencial foi aprovado no contexto da pandemia da Covid-19, para reduzir o impacto do fechamento de escolas na aprendizagem." (FUNDAÇÃOTELEFÔNICAVIVO, 2021, p. 10).

[44] De acordo com Perini e Cipriani (2021): "(...) criado em 1982, apoia e desenvolve soluções de gestão para aumentar a eficiência do ensino nas escolas públicas, visando a melhoria da educação pública no Brasil. (PERINI; CIPRIANI, 2021, p. 4).

[45] De acordo com Perini e Cipriani (2021): "(...) plataforma que, desde 2012, mapeia, produz e difunde referências de conteúdos e mobilização sobre inovações educacionais no Brasil". (PERINI; CIPRIANI, 2021, p. 4).

[46] De acordo com Murça (2020): "Segundo um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, dos 13,5 milhões de brasileiros vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos." (MURÇA, 2020, s/p).

> ... é muito ruim, é bom assim que você está lá com o professor, ainda mais eu, que as minhas perguntas, são perguntas que sabe? É muito doidas, perguntas que... ninguém faz e eu não sei me explicar muito bem, então... professor tem que tá ali, entendeu? Pra eu passar o que eu penso pro papel, por telefone é muito ruim, então é ... bem melhor assim, ensino presencial

Diante da fala dele, de acordo com Oliveira (2020), ao finalizar a trajetória escolar, quando consegue concluir o Ensino Médio, a maioria dos jovens negros, por não conseguir acompanhar as aulas remotas, irá sair da escola prejudicada no tocante ao aprendizado.

Quando Luan foi indagado se a pandemia atrapalhou os seus estudos, respondeu da seguinte forma:

> Bastante ... eu num tava a, acostumado com esse ensino é:: ... e, enfim atrapalhou, mas eu entendo que mesmo atrapalhando eu tive ... eu tinha apoio né? Então sempre tive espaço pra estudar dentro de casa, eu tive acesso à internet, eu tive acesso a computador, mas eu acho que o fato de eu nunca ter passado por isso ... tenho meu cantinho, tenho acesso à internet, tenho notebook, enfim, então de um certo ponto para mim não foi tão difícil ... Envolvendo as questões emocionais e tudo mais, eu não tava pronto, eu ... em vista de outros jovens como eu que não tinha acesso às coisas primordiais, pra, pro ensino ... foi, acabou se tornando um pouco pior

A realidade dele demonstra que mesmo tendo acesso a recursos materiais, um espaço próprio em casa para estudar, o que acaba por colocá-lo em uma situação de vantagem em relação a Pabllo e também aos jovens negros que não possuem recursos para estudarem remotamente em casa, foi prejudicado no tocante ao seu emocional, pois não se sentia preparado para a modalidade de ensino remoto. Por isso, foi indagado se ele conseguiu compreender os conteúdos que eram dados pelos professores:

> ((risos)) não, nossa eu não absorvi ... os conteúdos assim, foi muito difícil, muito difícil ... é::, assim eu tive poucos professores que se propus, que iam, abriam aula, buscavam dar aula, queriam conversar, queriam saber um pouco mais como tava sendo, em específico, o professor de filosofia, sociologia e de português ... e outros não, foi muito aquela coisa de enviar o PDF, a gente responder o exercício ... que não era tão difícil, tinha o texto ou tinha uma videoaula é (incompreensível), sempre eu via videoaula, é:: ... mas eu absorvi ali muita pouca coisa, né? Muita pouca coisa ... acho que se eu não tivesse tido um primeiro ano tão puxado, e ter me esforçado tanto no segundo ano, talvez eu teria, estaria totalmente defasado agora atualmente

Conforme ele declara, além de não absorver os conteúdos, acabou não tendo um apoio dos professores durante as aulas, em relação a saber como os estudantes estavam passando pelo ensino remoto. Importante considerar que ele concluiu no ano de 2020 o Ensino Médio, que foi o mesmo ano em que ocorreu o avanço da pandemia do Covid-19, obrigando os estudantes a estudarem remotamente. Em vista disso, ele aponta que ter estudado em escola particular no primeiro ano, e ter se esforçado no ensino presencial quando estava no segundo ano do Ensino Médio, no colégio estadual, o possibilitou não estar no momento prejudicado em relações aos seus estudos.

Ainda assim, mesmo fazendo crítica aos professores, relata:

> ... eu nem culpo os professores porque da mesma forma que foi novo pra mim, foi algo novo pros professores ... infelizmente muitos professores não têm a estrutura adequada, pra ensinar em casa, enfim ... é:: então eu nem culpo os professores em si, porque eu acho bem difícil pra todo mundo, então não tem como encontrar um culpado, nessa história toda, foi difícil tanto pra mim, tanto pra eles, mas eu senti que sim, eu sofri bastante em relação à absorção de conteúdo ...

Nesse contexto, de acordo com dados da pesquisa do Instituto Península, realizada com 7.734 mil professores de todo o país, do Ensino Infantil ao Ensino Médio, entre os dias 13 de abril e 14 de maio de 2020, 83% dos professores brasileiros, em média, se sentem pouco preparados para o ensino remoto, 88% afirmaram que nunca deram aula por meio digital antes da pandemia, e 55% relatam que não tiveram suporte ou capacitação durante as aulas remotas pelas escolas. (INSTITUTO PENÍNSULA, 2020). Esse quadro demonstra a importância de não se olhar somente as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em relação à adaptação às aulas em regime virtual que aconteceu de uma hora para outra em 2020 por conta do avanço da covid-19, mas também olhar as barreiras enfrentadas pelos professores nos aspectos sociais e emocionais.

Os jovens também foram indagados durante a entrevista, se perceberam casos de abandono no Colégio Estadual, devido à pandemia. De acordo com Pabllo:

> Ah vi!, Minha amiga mesmo, da minha sala, ela desistiu né (...) também porque ela também teve filho e tudo mais, aí isso né?... já é outra coisa, mas vi bastante gente desistindo, bastante gente, pessoas de outra turma desistindo... eu fiquei, eu ficava tipo, ah, eu entendo né porque ... não é qualquer um que vai conseguir aguentar, entendeu? ... eu entendo então ... criticava não, entendia cem por cento da pessoa que fazia isso ...

Ou seja, por ele considerar o ensino remoto muito dificultoso, relata compreender os estudantes que abandonaram os estudos, inclusive sua amiga que teve filho. Segundo os dados da pesquisa do Instituto Unibanco e Porvir, em 2020, 30% dos jovens negros não pretendem voltar para a escola depois da pandemia. (INSTITUTO UNIBANCO/PORVIR, 2020). Isso se deve ao desânimo que os jovens sentem diante dessa nova modalidade de ensino, que levam ao abandono escolar, assim como pela falta de motivação e interação que esses jovens sentem diante das aulas, como os 2 jovens negros dessa pesquisa relataram anteriormente.

Nesse contexto, os dados divulgados pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), em 18 de outubro de 2021, ao anunciarem o retorno das aulas presenciais, demonstraram que dos cerca de 730 mil matriculados nos colégios da rede estadual, 80 mil estudantes podem ter deixado os estudos por terem menos de 75% de frequência nas atividades presenciais ou remotas no mês de setembro. A SEEDUC também informou que só o Censo Escolar no final do ano poderá apresentar um retrato mais completo dessa realidade, visto que, devido à suspensão das aulas presenciais durante a pandemia, a frequência escolar não foi aferida com precisão. (SCHMIDT, 2021).

Diante desse fato, o Secretário Estadual de Educação afirmou em coletiva de imprensa, no dia 25 de outubro, que estaria lançando um programa com nove mil mulheres e 1,5 mil assistentes sociais, para realizarem a busca ativa desses 80 mil estudantes supracitados, pois estão preocupados com o retorno desses estudantes para o ambiente escolar, mesmo que seja facultativo o retorno para quem tem comorbidades. Ainda assim, ele aborda que pode haver mudanças no calendário escolar, como as aulas de recuperação em janeiro, e que a pasta ainda não definiu se haverá reprovação ou aprovação automática, como ocorreu em 2020. (GRINBERG, 2021).

Assim, mesmo que no levantamento desse número de estudantes não esteja presente o recorte racial, é preocupante a alta quantidade de estudantes que não conseguiram acompanhar as aulas remotas, fruto das dificuldades que estamos apontando nessa seção que recaem sobre os mesmos devido à pandemia do Coronavírus (Covid-19). Os estudantes negros são maioria nas escolas de rede pública, e durante essa pandemia estão sendo os mais prejudicados por conta das aulas remotas, conforme estamos falando nesse texto. A questão também da aprovação automática é outro ponto que merece a

atenção, pois os estudantes acabam sendo aprovados ou finalizando o Ensino Médio sem a compreensão dos conteúdos ministrados pelos professores.

Outro dado que corrobora o que estamos afirmando e possui o recorte racial foi a pesquisa realizada, entre os dias 13 de agosto e 16 de setembro de 2021 pelo Datafolha, a pedido do Itaú Social, da Fundação Lemann e do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), com 1.301 responsáveis por 1.846 estudantes, com idades entre 6 e 18 anos, da rede pública de todas as regiões do Brasil. Essa pesquisa afirma que a reabertura das escolas em ritmos desiguais no país está deixando estudantes negros e pobres mais tempos fora das salas de aula. (PALHARES, 2021).

Isso significa que a pandemia pode revelar um quantitativo maior de jovens negros e pobres liderando os índices de abandono e evasão escolar no Brasil, quando o censo escolar após o término do ano letivo e retomada das aulas presenciais em 2021 for divulgado. Cabe salientar que esses fatores acabam interferido nas suas trajetórias escolares.

Voltando na questão do abandono escolar observado por Pabllo, ao ser indagado se observou o colégio tomando alguma atitude frente a esses abandonos, Pabllo afirma:

> Eles tentavam, mas ... foi o que eu disse, quando a pessoa não quer, quando a pessoa desiste, entendeu? ... não tem pra onde correr... eles tentavam, às vezes mandavam mensagem, mas também o colégio é muito grande né? ... é mais de mil alunos ali, então imagina, a:: direção está tomando conta de mil alunos, sei lá... dez por cento dos alunos desistindo, e... enfim não tem como também, mas... foi o que eu disse, quando a pessoa desiste, não tem pra onde correr ...

Ele acaba, em sua fala, naturalizando o fato de o colégio, mesmo tentando, não conseguir acompanhar os estudantes que abandonaram, e acaba entrando na questão da meritocracia, conforme foi apontado nessa pesquisa anteriormente, em que os sujeitos são culpados pelas próprias desigualdades que sofrem. Seria importante que os colégios criassem uma comissão para acompanhar esses estudantes que estão abandonando os estudos, durante a pandemia.

Luan também relata que observou estudantes abandonando o colégio, durante o ensino remoto:

> Eu conheço muitos amigos meus, que ... desistiram, que pararam, ou ... foram bem arrastados assim pra esse ensino ... bastante, bastante, inclusive é, na última semana eu passei em frente à escola, eu vi uma placa da escola dando incentivo, falando: -"nós não esquecemos de vocês, vamos tentar", porque imagino números né, de alunos que

> desistiram ... basta só ver o número do ENEM esse ano que caiu, bastante né, de inscritos, e acho que isso também representa muito a questão da escola ... enfim é muito complicado ... eu também fui bem desanimado pro Enem do ano passado, mas fui, mas eu imagino como é ...

O fato que ele relata de uma placa no colégio chamando os estudantes para regularizarem sua matrícula, também foi observado por mim quando fui conversar sobre a pesquisa com a coordenadora pedagógica, e também considero que isso indica que foi grande o número de estudantes que acabaram abandonando os estudos. Abaixo encontra-se a foto da placa tirada na parte da frente do Colégio, em que foi cortado o nome do mesmo por questões éticas da pesquisa.



Foto da placa colocada no colégio estadual chamando os estudantes para regularizarem a sua matrícula (Fonte: foto tirada no dia 22/10/2021 pelo autor dessa pesquisa)

Em relação ao número de inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)[47], conforme Luan afirma anteriormente, de acordo com Lesme (2021), o ENEM

[47] De acordo com o Ministério da Educação (2020): "Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem

2021 registrou 3.389.907 inscrições, sendo 3.321.016 para as provas impressas e 68.891 para as provas digitais, sendo o menor número de inscrições desde o começo do exame, tendo relação diretamente com a pandemia. Esse número teve um aumento de 9% após a primeira fase de inscrições, em que 3,1 milhões de pessoas se inscreveram, tendo sigo negada a isenção para os candidatos que faltaram a prova no ano de 2020, por determinação do Ministério da Educação (MEC).

Diante da decisão do Ministério, partidos e entidades acionaram o Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou a reabertura das inscrições para quem não realizou a prova no ano de 2020, pois muitos não compareceram por conta do receio de pegar a Covid-19 ou estavam com algum sintoma da doença. (FOLHAPRESS, 2021).

A questão da queda do número de inscritos no ENEM 2021, reside no fato de, no ano de 2020, quando o Brasil registrava o aumento do número de infectados e mortes pela covid-19, somente 5.783.357 candidatos se inscreveram, sendo que nos dias de aplicações da prova, 3.052.633 (55,3%) candidatos faltaram por conta da infraestrutura, com as salas lotadas, por estarem suspeitos da doença ou medo de se contagiarem. (OLIVEIRA, 2021)

Os jovens negros foram os mais atingidos com essa medida do MEC de negar o direito de solicitar a isenção para os faltosos em 2020, pois segundo dados do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (SEMESP), enquanto em 2016 a prova chegou a ter mais de 1,1 milhão de inscritos negros, eles serão apenas 362,3 mil em 2021. (FOLHAPRESS, 2021)

Considera-se um quadro alarmante, que merece atenção do poder público, essa queda do número de candidatos negros e de baixa-renda no Enem 2021, pois é o que garante o acesso a universidades públicas federais, através do Sistema de Seleção Unificada (SISU)[48], e também a universidades privadas, através de bolsa de ensino

participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio em anos anteriores." (MINISTÉRIODAEDUCAÇÃO, 2020, s/p).

[48] De acordo com o site Educamais (2021): "O Sistema de Seleção Unificada (SISU) é um programa do governo federal voltado para estudantes que desejam o ingresso em instituições de ensino superior públicas federais, estaduais e institutos. As vagas são ofertadas a candidatos que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e utiliza as notas obtidas no exame como mecanismo classificatório para acesso às instituições". (EDUCAMAIS, 2021, s/p)

integral e parcial, pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI)[49], ou pelo Financiamento Estudantil (FIES)[50].

Esse fato acentua uma realidade apontada por Oliveira (2020), na qual, devido às aulas em meios digitais, a maioria dos estudantes negros, de escola pública, fica mais prejudicada ao prestar o ENEM e, posteriormente, ingressar no ensino superior, pois acabam saindo da modalidade de ensino remoto sem apreender os conteúdos ministrados pelos professores, como fora apontado nessa pesquisa anteriormente.

Como exemplo que a prova do ENEM, garante o acesso ao ensino superior dos jovens negros, eu consegui cursar a faculdade de Serviço Social em uma universidade privada na cidade de Duque de Caxias através de bolsa integral do PROUNI. Considero que se não fosse essa bolsa não teria concluído a faculdade em 2018 e, consequentemente, não estaria no mestrado, pois minha família não tinha condições financeiras de pagar faculdade para mim.

Voltando na fala dos jovens entrevistados, em relação às suas trajetórias escolares, por último foi indagado se abandonaram alguma vez os estudos. Nesse contexto Pabllo afirma:

> Não, Não... no colégio não porque ... sei lá eu tenho medo entendeu? ... não quero me tornar alguém que sabe, sem nada, alguém que é encostado, alguém que depende dos outros, entendeu? ... não quero, eu quero algo, entendeu? (...) quero ter o meu dinheirinho, sair ali, não sei aonde... ir pra lá, então nunca pensei em desistir dos estudos, nem nada não

Conforme a fala dele, acaba criando-se a expectativa de que continuar os estudos, sem abandonar, e concluir o Ensino Médio, lhe possibilitará uma melhor colocação no mercado de trabalho, pois almeja alcançar a sua autonomia. Dessa forma, segundo Krawczyk (2014), as mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias na organização do trabalho, em 1990, levam à exigência do nível de escolaridade para a maioria dos postos

---

[49] De acordo com o Portal PROUNI (2020): "O Programa Universidade para Todos (PROUNI) do Ministério da Educação é um programa que oferece bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior. Para concorrer às bolsas integrais, o estudante deve comprovar renda familiar bruta mensal, por pessoa de até 1,5 salário-mínimo. Para as bolsas parciais (50%), a renda familiar bruta mensal deve ser de até 3 salários-mínimos por pessoa". (PORTALPROUNI, 2020, s/p)

[50] De acordo com o site Educamais (2021): Criado pelo governo federal em 1999, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação (MEC) que viabiliza o ingresso ao ensino superior. Destinado ao financiamento da graduação de estudantes que não têm condições de pagar as mensalidades das faculdades da rede de ensino privada. Como se trata de um empréstimo, ao concluir o curso, o estudante beneficiário terá de pagar a dívida. (EDUCAMAIS, 2021, s/p).

de trabalho, a partir do quê os jovens consideram que obter o diploma do Ensino Médio lhes garantirá uma boa ocupação no mercado e melhorará o seu lugar na fila do desemprego.

Nesse mesmo sentido, Leão (2018) aponta que no cenário atual da sociedade, ter um diploma abre maiores possibilidades de inserção profissional, e que, assim, cumprir as trajetórias escolares, com o mínimo de regularidade no Ensino Médio, torna-se um imperativo para os estudantes.

Desse modo, Pabllo pode sair do colégio empregado ao concluir o Ensino Médio, mas, em simultâneo, devido às dificuldades de os jovens conseguirem um emprego na sociedade, pode acabar continuando desempregado.

Isso tem todo um sentido, pois de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no quarto trimestre de 2020, período que compreende os meses de outubro a dezembro, os negros representavam 72,9% dos desempregados do país, de um total de 13,9 milhões de pessoas nessa situação. (LISBOA; OLIVEIRA; SOUZA, 2021)

Esse quadro demonstra que a pandemia aumentou o número de pessoas negras desempregadas no Brasil, e consequentemente os jovens negros estão incluídos nesse índice. Assim, ter um diploma de conclusão do Ensino Médio não garante que a maioria dos jovens negros consiga uma boa colocação no mercado de trabalho, tal como fora encontrado na fala de Pabllo.

Por outro lado, Luan, em relação a se já abandonou os estudos, afirma:

> Assim ... eu, eu em específico em 2020, eu vivi um período muito difícil, emocionalmente, uma transformação minha pessoal, é então minha mente tava, enfim ... foi quando eu desenvolvi ansiedade, tive que começar tratamento terapêutico, né? Então me faltava ânimo muitas vezes ... mas, ao mesmo tempo, eu nunca pensei em parar em específico, acho que ... assim, num, num, num passava pela minha cabeça em parar, porque eu acho, eu acabo tendo bastante perspectiva de futuro ... então imaginava que se eu parasse, eu poderia atrapalhar toda minha perspectiva de futuro ...

Esse jovem, no período em que estava concluindo o Ensino Médio, estava trabalhando como jovem aprendiz, conforme foi apontado anteriormente, não abandonando os estudos por considerar que isso atrapalharia toda a sua expectativa de futuro. De acordo com Weller (2014), o momento em que os jovens estão no Ensino

Médio coincide com o período em que se espera que eles desenvolvam os seus projetos de vida e expectativas em relação ao futuro.

Sendo assim, no próximo capítulo serão abordados sobre os projetos de vida dos jovens, ou seja, as saídas que os jovens possuem diante das dificuldades encontradas em suas vidas, tal como os percalços encontrados em suas trajetórias escolares, conforme relataram anteriormente.

3. DISTINTAS TRAVESSIAS

Neste capítulo, visamos compreender os projetos, as saídas e as estratégias adotadas e elaboradas pelos jovens diante das dificuldades encontradas em suas vidas, tais como a experiência do racismo na sociedade e na escola, assim como os percalços que encontraram em suas trajetórias escolares, conforme relataram anteriormente.

Para Velho (2003), projeto é definido como "a conduta organizada para atingir finalidades específicas". (VELHO, 2003, p. 40) Assim, os jovens elaboram os seus projetos de vida no presente, visando alcançarem os seus objetivos no futuro.

Durante as entrevistas, percebeu-se, através do relato dos jovens, que a família possui valor central em suas vidas, em tudo o que eles estão fazendo no momento ou almejam realizar. Nesse contexto, Dayrell (2002) aponta que a família possui posição central na vida dos jovens, pois é o local onde ressignificam e dão sentido às suas experiências e o meio que dão outro significado para a sociedade e estruturas sociais.

Por isso, inicialmente, neste capítulo, falaremos sobre o apoio que as famílias e amigos dão aos jovens.

3.1. Família e amigos como "rede de apoio" dos jovens

Segundo Teixeira (2003), os jovens utilizam as "redes de apoios" que possuem, para contornar os obstáculos, assim como para realizar os seus sonhos e objetivos na vida. Uma dessas redes de apoio, que encontra-se presente em suas vidas, é a família.

Por esse motivo, concordamos com Sposito (2005), pois afirma que os jovens têm, de uma forma geral e prioritária, a sua confiança depositada na família.

Ainda sobre as redes de apoio, Bourdieu (1998) fala sobre o capital social:

> O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67)

Esse capital refere-se à rede de relações interpessoais construída pelos indivíduos nos seus grupos familiares ou de laços sanguíneos, assim como fora do ambiente familiar, como os contatos profissionais, amigos, colegas, entre outros. Importante salientar que essa forma de capital será utilizada nesta seção da pesquisa, ao falar tanto do apoio dos amigos, quanto dos familiares dos jovens entrevistados.

Diante disso, importa, neste momento, falarmos sobre a composição familiar desses jovens, conforme o relato deles.

Pabllo mora no Centro de Belford Roxo, com a mãe e o irmão. Segundo ele, a mãe parou de estudar no oitavo ano e trabalha de carteira assinada, como costureira em uma empresa, enquanto seu irmão tem 23 anos, parou de estudar no 2.º ano do Ensino Médio e encontra-se no momento desempregado. Antes de morar com a mãe, ele morava com a avó paterna:

> ... quem me criou, no caso, foi a minha avó, porque a minha mãe tava trabalhando né... toda aquela história que já sabe que toda mãe preta passa, mas ... eu sempre fui ligado assim a elas, eu sempre fui ligado bastante a ela...

Percebe-se que a avó de Pabllo é uma figura marcante em sua vida, assim como sua mãe, que saía para trabalhar e o deixava com ela. Da minha infância até os 18 anos, também fui criado pela minha avó paterna enquanto minha mãe saía para trabalhar, o que significou muito para mim, pois minha avó inicialmente investiu em meus estudos.

Nesse contexto, a avó de Pabllo constituiu-se como um apoio à sua mãe, que trabalhava para cuidar dele. Conforme explicita Marin e Piccinini (2009), no caso das mães solteiras, a ausência do pai pode ser compensada pela dedicação das mães ou de fatores como o apoio social de avós, parentes e amigos, que substituem parcialmente o papel do pai.

Dessa forma, Pabllo faz parte de uma família monoparental[51] e diz não ter uma boa comunicação com seu pai, que segundo ele concluiu os estudos:

> Não, não... aquela coisa né, no meu caso, no meu caso é, o meu irmão ele tem comunicação com ele, eu não (...) a gente sempre foi meio

[51] De acordo com Oliveira (2015): "(...) famílias que, tem somente um genitor responsável pelos cuidados no âmbito doméstico familiar. Essa categoria necessariamente nos remete à mãe solteira, embora essa denominação sirva tanto para mulher quanto para o homem chefe. No entanto, a monoparental feminina tem sua representação quantitativamente maior como é possível perceber pelo crescimento elevado nas últimas décadas em território brasileiro. O censo de 2010 do IBGE indicou 22,2 milhões de unidades domésticas chefiadas por mulheres, das quais 72,7% elas eram as únicas responsáveis, sem compartilhamento com parceiro ou qualquer outra pessoa". (OLIVEIRA, 2015, p. 83)

> distante, ele sempre foi mais próximo do meu irmão ... Até que eu tentei depois ainda né, ficar mais próximo, mas enfim, não deu certo, então ((estala a língua)), tô bem assim (sorriso) ... eu acho que... se eu não me engano acho que:: eu já nasci com eles separados entendeu? ... aí tinha, é no começo tinha algumas desavenças, umas brigas e tudo mais... mas depois né, já foi ficando tranquilo e tudo mais e deu tudo certo né... eu tô aqui e é isso...

Conforme exposto, mesmo ele não possuindo uma boa comunicação com o seu pai, sente-se bem tranquilo quanto a isso e recebe da sua mãe palavras de incentivo para continuar estudando, não recebendo nenhuma cobrança da parte dela para arrumar trabalho. Por conta da idade, ele afirma que se cobra constantemente para entrar no mercado de trabalho, embora enfrente em sua vida o desemprego, conforme foi pontuado anteriormente.

Dessa forma, Belhadj (2000) aponta:

> A concepção da família como pilar fundamental da organização da existência dos indivíduos revela simultaneamente a intensidade dos laços que os unem ao ambiente familiar e às suas singularidades, implicando uma forte solidariedade entre seus membros (BELHADJ, 2000, p. 66).

Em vista disso, no tocante à questão da solidariedade familiar, compreendemos o motivo da mãe de Pabllo lhe dar apoio financeiro, estando como ponto de equilíbrio para que ele permaneça estudando no presente, sem o pressionar para que entre de forma imediata no mercado de trabalho, o que conforma uma situação de moratória social em relação ao trabalho, conforme já abordamos anteriormente nessa pesquisa. Além disso, ela acredita que os estudos o possibilitarão uma melhor oportunidade no futuro e contribuirão para conseguir os seus objetivos.

Quando foi perguntado sobre como sua mãe reagiu à questão do seu irmão ter parado os estudos, Pabllo afirma:

> ah, tadinha... meu Deus ((risos))... Não ela ficou insistindo, insistindo, mas quando a pessoa não quer não adianta... a pessoa tem que querer (...) eu ficava vendo e dizia: -"gente, eu já teria sabe?"... largado e jogado pro alto... mas... enfim... insistiu, insistiu, insistiu, e enfim (...) tanto que ele está até fazendo curso...

Ele acaba entrando na questão do esforço pessoal quando analisa o fato de seu irmão ter parado os estudos, mesmo sua mãe insistindo para que ele não parasse. Hoje em dia, o seu irmão faz curso de bombeiro, buscando uma qualificação para conseguir um trabalho, pois conforme consideramos, devido a mudanças nas relações de trabalho, cada

vez mais se impõe aos jovens a busca por qualificações e diplomas para alcançarem os seus objetivos.

Pabllo ainda afirma que a sua mãe é um grande exemplo para continuar estudando, embora ela tenha parado de estudar no Ensino Fundamental:

> ... a minha mãe, acho minha mãe muito guerreira, entendeu? ... Então eu ficava olhando pra ela e dizia assim: -"nossa, eu quero ser assim, focar em uma coisa e ficar lutando por isso", e:: ... enfim, acho que isso me inspirou né? ... ver o que sou hoje assim, focado e tudo mais, só que tem dias que a gente fica tipo: -"ah, não quero!", mas ... ela com certeza me inspirou assim, com certeza ... Ela fala pra mim tipo ... não desistir, tipo focar, ela fala muito pra mim isso de focar, focar, focar, focar, e tipo se esforçar bastante ... e muito isso

Em vista disso, mesmo que sua mãe não tenha concluído os estudos, ajuda-o muito em palavras positivas, para que ele focasse em seus estudos, sem desistir, concebida como guerreira e batalhadora por ele, acabando por se constituir o espelho de sua identidade.

Por outro lado, em relação à composição familiar de Luan, ele relata que mora com sua mãe, pai e irmã, no bairro Nova Aurora, em Belford Roxo. Segundo ele, sua mãe parou de estudar no quinto ano do Ensino Fundamental e sempre trabalhou como empregada doméstica; seu pai é concursado público, trabalha como gari e possui o Ensino Médio completo; e sua irmã é formada no Ensino Superior, no curso de Contabilidade, e atualmente faz pós-graduação na mesma área, em que também trabalha.

Desse modo, na família de Luan, encontra-se o capital cultural institucionalizado, que possui relação com o diploma ou certificado escolar dos indivíduos, que lhes conferem, segundo Bourdieu (1998):

> (...) um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 1998, p. 78)

Nesse caso, o fato de sua irmã ter conseguido cursar e finalizar uma graduação em Contabilidade lhe confere um maior conhecimento social do que o adquirido somente na educação básica. Importante considerar que esse capital também pode ser relacionado a quem tem Ensino Fundamental incompleto ou o Médio Completo.

Voltando na sua composição familiar, segundo ele, seus pais ficaram separados por um tempo e depois reataram a relação. Em razão disso, ele relata que, mesmo sua mãe

não concluindo os estudos e sendo empregada doméstica, sempre os filhos a continuarem estudando:

> Sempre rolou muito isso... a minha mãe é empregada doméstica, né? Então... só que a minha mãe sempre incentivou demais os nossos estudos, muito! ... apesar de termos uma vida muito humilde, nunca faltou nada, mas sempre tivemos uma vida muito humilde, minha mãe focou sempre nos estudos... e a minha irmã o apelido dela na escola era "menina nota dez", então "aluna nota dez"... então você já imagina, todo um caminho...

Observa-se como sua irmã desde a infância era uma aluna destaque em sala de aula, mesmo indo no nono ano para o colégio estadual em que está sendo realizada essa pesquisa, conforme já foi apontado. O apoio e incentivo que sua irmã sempre lhe deu nos estudos, tem um valor muito grande para Luan:

> ... a minha irmã também já me deu muito incentivo, então fazia muito trabalho em casa, estudava pra prova, é ... então ela sempre me deu incentivo, força e tudo mais, é:: ... pelo fato de eu estudar muito pra prova de matemática, mesmo ela trabalhando ela passava o final de semana comigo... então foi muito importante, foi um simbolismo muito grande pra nossa família, quando ela passou na universidade, e ... principalmente quando ela concluiu os estudos né? Ela estudou numa faculdade, que é uma faculdade particular, de rede privada, se formou numa faculdade no Rio de Janeiro ... e é uma faculdade majoritariamente branca, né? Então ... já era um cenário muito difícil, foi um período bem difícil, mas que deu tudo certo no final

Conforme ele relata, sua irmã passava o final de semana com ele estudando para a prova de matemática, pois ele disse que não era um aluno bom nessa disciplina. O fato de sua irmã ter conseguido ser a primeira mulher negra da família a se formar significou muito para todos eles.

Um fato que fez com que a sua irmã conseguisse concluir a graduação, segundo Luan, foi o fato de seu irmão paterno ser pós-graduado:

> ... o meu irmão, ele também cooperou um pouco disso, apesar do meu irmão não morar com a gente, nunca morou ... meu irmão também é pós-graduado em logística ... ele também cooperou e de um certo ponto incentiva né? ... a minha irmã também já passou pra pós-graduação, então é uma realidade totalmente diferente ...

A todo o momento, Luan demonstra que a família é uma grande referência para ele, uma vez que faz parte de uma família composta pelo pai, mãe e irmã mais velha que lhe dão muito apoio e incentivo.

Mais uma vez a família é apontada por ele como importante em sua vida, por lhe conceder o "amor" pela escola:

> ... eu sempre gostei muito da escola, acho que a minha família cativou esse amor, esse sentimento da escola muito grande em mim, ... principalmente porque ... onde a gente mora, a minha mãe não dava muito essa liberdade da gente tá na rua, de fazer amizades na rua, então meu espaço de divertimento, de ter amigos, é:: de estudar, era a escola e eu sempre gostei de estudar, né? ...

Esse jovem acredita, mesmo sendo egresso da escola, que ela foi importante para a sua vida. Nesse contexto, importante observar como a escola para ele era um "estado de esquina", como Mclaren (1922) aponta, em detrimento de um "estado de estudante", pois se transformava em um espaço onde ele podia se encontrar com outros colegas e se divertir, pois, sua mãe não o deixava sair de casa. A escola representa muito para esse jovem, que deve à família esse gosto.

Assim, ratifica-se o que afirmamos em Dayrell (2002), visto que a família possui uma importância grande para os jovens dessa pesquisa, pois por meio dela que encontram motivos e forças para prosseguirem nos estudos, assim como realizarem os seus sonhos e objetivos na vida.

Em relação aos amigos como "rede de apoio", foi indagado a Pabllo se considera que as redes sociais e grupos de conversas que possui têm alguma importância para o auxiliar na conclusão do Ensino Médio:

> ah tem, tem, eu entendo que quando:: ... 2019 eu tava, sem telefone, até o final do ano tava sem telefone... e nossa era muito sabe, porque todo mundo conseguia se ajudar e tudo mais, e eu ficava né sozinho... tipo: -"ah uma matéria", -"ah vou mandar no grupo do WhatsApp", e eu ficava né? ((risos)) ... e aí o que eu vou fazer? Então acredito que ajuda sim, bastante...

Ele acaba trazendo a questão da pandemia, quando ficou sem acesso a um telefone para acompanhar as aulas remotas, para relatar que acabou ficando prejudicado na ajuda que os estudantes davam uns aos outros nos exercícios que os professores passavam no grupo de WhatsApp, ficando sozinho, sem saber sobre as matérias.

Dessa forma, a sociabilidade virtual cada vez mais está presente na vida dos jovens. Realmente, com o avanço da internet e revolução digital, conforme afirma Serres (2013), as pessoas podem ter acesso a diversas informações, bastando apenas um clique na tela do celular e do computador. Nesse sentido, Leão (2018) denomina os indivíduos

dessa geração como “nativos digitais”, ou seja, desde crianças estão ligados nas redes sociais e internet.

Esse fato é denominado por Castells (2002) como “sociedade em redes”, pois cada vez mais as interações sociais que ocorriam de forma dinâmica e presencial estão sendo transportadas para a internet, através dos aplicativos de celular, como WhatsApp, Facebook, Instagram, entre outros. Por isso, Pabllo afirma que os grupos de conversas nas redes sociais que possui o auxiliam na conclusão do Ensino Médio, apesar das dificuldades que enfrentou.

Importante destacar a fala dele sobre quando estava no primeiro ano do Ensino Médio, em 2019, quando os estudantes estavam querendo desistir do Ensino Integral, mas através das “redes de apoio”, um ajuda o outro, acabaram não parando os estudos:

> é porque a nossa turma era muito unida, muito, então a gente conversava bastante, a gente não tinha esse negócio de grupinho e tudo mais ... eles iam desistir, mas aí é ... começou a todo mundo se unir, e tudo mais aí... todo mundo se ajudar... aí não, mas antes era assim, bastante gente queria sair:: (...) queria: -“ah!::, vou, parar por questões de emprego ... ah não, vou sair por que arrumei emprego”, e tudo mais (...) foi ao contrário no caso ... no fim todo mundo começou estudar e ficou, e ... no final deu tudo certo

Conforme ele havia abordado antes, nem todos os seus colegas de classe conseguiram adaptar-se ao ensino integral e queriam desistir por conta do trabalho, mas através da união entre eles, em que um começou a ajudar o outro, acabaram continuando no ensino. Um fato que demonstra que essa rede de apoio entre os amigos é muito importante para a conclusão do Ensino Médio.

É importante considerar que através das redes sociais, pessoas que não se comunicam há bastante tempo, que já conviveram umas com as outras em diversos espaços sociais, tais como a escola, trabalho, igreja, entre outros, conseguem conversar, através dos grupos de conversas em aplicativos.

Assim, a internet e o avanço tecnológico geram uma sociabilidade virtual, em que as pessoas conseguem se reunir novamente através das redes. Nesse âmbito, ao ser indagado se o grupo de conversa que possui o auxilia a conquistar os seus objetivos, Luan afirma:

> sim ... sim, eu tenho, um, um, a minha bolhinha, né? o meu grupinho que vem desde o fundamental, e a gente ficou muito mais amigo no Ensino Médio, no colégio estadual, enfim ... que são pessoas que também tem muita perspectiva, né? ... eu tenho uma amiga que vai

> entrar agora na universidade, enfim, mantenho amizades com meus amigos do Ensino Médio, amigos que eu fiz ali, é, da época do segundo ano ... a gente mantém contato, às vezes a gente se encontra, no shopping, enfim, e todo esse apoio um para o outro, e não só ... eu também mantenho amizade com a galera do primeiro ano da escola particular, assim alguns né? Não todo mundo, muito pouco inclusive ...

Percebe-se que, através das redes sociais, ele acaba marcando reencontros pessoais com amigos que estudaram com ele em diferentes etapas de ensino, que continuam dando apoio um ao outro. Importante ressaltar que Luan destaca o apoio que recebeu dos seus amigos durante as aulas remotas no colégio durante a pandemia, ao que anteriormente relatou ter tido dificuldade para se adaptar e apreender as disciplinas:

> ... foi o que eu falei do Ensino Médio, né? ... minha amiga, novos agregados, são assim amigos ali do colégio estadual, que estão no meu coração comigo até hoje ... ano passado inclusive, um puxando a orelha do outro e vai ... tem que fazer, tem que continuar, porque senão a gente, o tempo vai passar e a gente vai ser engolido...

A pressão de continuar estudando e não ser deixado para trás acaba sendo enfatizada por ele, ratificando a importância também que os amigos possuem para os jovens conquistarem os seus sonhos e objetivos.

Sendo assim, nessa seção da pesquisa apresentamos que os jovens entrevistados, contam com uma "rede de apoio", que envolve os familiares e amigos para continuarem os seus estudos, em busca dos seus sonhos e objetivos. Eles destacam que as palavras de incentivos que recebem dessa rede e o apoio para não pararem de correr atrás dos seus sonhos, conseguem o auxiliar a não olhar para trás. Diante dos fatos apresentados, importa nesse momento trazermos sobre os projetos de vida dos jovens, como saída para driblarem as dificuldades e irem além do racismo que enfrentaram em suas vidas.

3.2. Projetos de vida

Conforme apontamos, projetos têm relação com as ações orientadas dos indivíduos no presente para alcançarem as suas finalidades no futuro. Diante disso, Velho (2003) correlaciona os projetos ao "campo de possibilidades" dos indivíduos, pois os elaboram através dos recursos materiais e meios que possuem.

Nesse contexto, Dayrell (2001) define “campo de possibilidades” como “contexto sócio-histórico-cultural concreto, onde se insere o indivíduo, e que circunscreve suas possibilidades de experiências.”. (DAYRELL, 2001, p. 5). Assim, entendemos que através das condições sociais concretas, os jovens entrevistados conseguem fazer os seus projetos de vida, ainda que enfrentem o racismo cotidiano na sociedade e passem pelo mesmo na escola, contando-os nessa pesquisa anteriormente.

Em relação aos projetos de vida, Dayrell (2005) afirma:

> O projeto de vida pode ser entendido como a ação do indivíduo de escolher um, dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. (...) O projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no campo de possibilidades.

Dessa forma, as escolhas dos indivíduos no presente refletem em seus futuros, dando uma direção em suas vidas. Klein (2011) define os projetos de vida como metas gerais que dão uma direção às pessoas durante as suas vidas.

Nesse âmbito, Dayrell (2005) ainda afirma que um projeto de vida é elaborado tomando como base duas variáveis interligadas: a identidade, construída através da relação dos indivíduos com os outros, tendo como referência nesse processo a escola, família, amigos, entre outros para a construção de uma identidade positiva; e o conhecimento da realidade, pois conhecendo o meio em que vive, assim como as possibilidades de inclusão e exclusão no contexto social em que está inserido, nas escolhas que fazem em suas vidas, os indivíduos conseguirão desenvolver de fato os seus projetos.

Dentro desse contexto de projetos de vida, foi indagado inicialmente aos entrevistados o que é ser jovem no Ensino Médio na visão deles. Para Pabllo:

> ah!: :... que responsabilidade, também né, porque não é só diversão, porque o momento de diversão é no Ensino Fundamental ... você se divertir, e tudo mais, professor se esforçar ali pra te passar, mas no Ensino Médio é outra coisa entendeu? ... você ser jovem no Ensino Médio, é difícil, e também tem seus momentos né? ... de prazer e tudo mais, mas é difícil também.

Em virtude das dificuldades que encontrou no Ensino Médio, ele faz uma comparação, ao dizer que o momento de estar nessa etapa de ensino exige uma maior

responsabilidade de sua parte, do que estar no Ensino Fundamental, que define como somente diversão.

Luan, por sua vez, ao ser indagado relata:

> Cara! ... Eu sempre fui muito feliz por tá conseguindo avançar, né? Então eu nunca repeti de ano, e ... pra mim é, sempre foi motivo de muita alegria, eu tá avançando: -"cara, agora falta pouco", -"agora falta a faculdade", agora, então pra mim sempre foi motivo de muita alegria, num, num foi um momento de dor assim não, ser um jovem no Ensino Médio ... e aí eu olho, por exemplo pra minha mãe, empregada doméstica, o fato de eu já tá no Ensino Médio, já representa muito pra minha mãe, que num conseguiu chegar nem no fundamental dois ... ou pro meu pai, que saiu, e depois de muitos anos teve que voltar, sabe? ... então pra mim isso já representa muita coisa, e representava muita coisa, né? e agora o meu próximo passo é a universidade...

Ele acaba relatando uma experiência pessoal, quando estava conseguindo concluir os estudos mesmo diante das dificuldades que enfrentou durante a pandemia e o quanto isso foi motivo de orgulho para sua mãe e pai, para relatar sobre o ser jovem no Ensino Médio para ele. Nesse caso, Jesus (2005), em sua pesquisa, demonstra que os estudantes negros se sentem felizes por estarem alcançando um nível de escolaridade, na maioria das vezes maior que a dos seus pais, sempre com a intenção de perseguir os seus projetos de vida, através da educação formal.

Por estar ainda no terceiro ano no colégio estadual, foi indagado a Pabllo qual sensação que sente por estar nessa etapa de ensino:

> Meu Deus ((risos))... uma doideira... doideira porque né você não sabe o que vai encontrar no próximo ano, ainda mais nessa pandemia, você não sabe se você vai passar, porque né?... O ensino remoto... ensino presencial ... então a gente não sabe como vai ser, a gente também parou ano passado né, por causa da pandemia, então né... eu tô com muita insegurança, entendeu? Muita insegurança

Como se pode perceber, a pandemia do covid-19, conforme relatamos anteriormente, acabou causando um receio e insegurança em Pabllo se vai conseguir concluir o Ensino Médio ou não, assim como acerca do que encontrará depois. Tal insegurança relatada não só o atinge, como também a maioria dos jovens que estão cursando o Ensino Médio em meio a essa pandemia, ao contrário de Luan que se sentia feliz por estar avançando cada vez mais.

Quando foi perguntado sobre o que pretende fazer ao concluir o Ensino Médio, Pabllo demonstra a mesma insegurança:

> Eu tenho vontade de fazer... começar a fazer um curso e começar a trabalhar, porque:: ... eu quero também entrar na academia, só que eu não acho tipo justo eu entrar na academia, tipo sabe? ... minha mãe pagar, porque é algo que é da idade, então eu quero arrumar um emprego, aí começar a fazer um curso, e entrar na academia... e aí no outro ano já procurar entendeu? Ir pra uma vida mais além ...

Mesmo planejando o que deseja fazer ao concluir o Ensino Médio, demonstra preocupação com o trabalho, acreditando mais uma vez que a escola o possibilitará uma melhor colocação no mercado de trabalho. Ele chega a afirmar que participou de uma entrevista de emprego, mas que não foi uma experiência boa:

> Já, já tentei... eu fui em uma só, já em 2019 também mas ... foi a primeira vez que fui numa entrevista, então eu tava muito:: ... sabe foi algo muito novo, então, acho que é por isso também, tava muito nervoso também, enfim ... não deu certo. ... é porque realmente foi muito por isso, eu tava muito despreparado, porque eu nunca tinha ido pruma entrevista e foi assim muito::, sei lá... ah tipo: "amanhã você vem aqui!", eu fiquei tipo: "ah meu Deus o que eu faço?", aí enfim né ... eu não consegui, aí é:: pediram uma redação pra fazer, foi na época que eu também não sabia fazer redação, então já viu né... foi o caos ...

Em relação ao que quer cursar na faculdade, Pabllo afirma:

> ... quando a gente é criança, todo mundo quer ser veterinário ... quando é criança todo mundo, quer ser veterinário ... aí eu já quis ser veterinário, já quis ser bombeiro, aí depois de um tempo eu:: pensei em direito, aí também eu tô aqui também pensando em fazer faculdade de dança também, mas aí eu tô em dúvida entre um ou outro. (...) E aqui né Brasil né, dança não é valorizada, então ((estala a língua))

Desse modo, essa dificuldade que ele tem de escolher o que fazer, tem relação com a "possibilidade de escolha". Para Weller (2014), os indivíduos a todo momento são pressionados a escolher o que querem em suas vidas e têm consciência das responsabilidades de suas escolhas.

Nesse sentido, Dayrell (2005) também afirma que na elaboração de projetos de vida, um dos maiores desafios que os indivíduos têm é aprender a escolher, já que são chamados continuamente a tomarem decisões, determinando com essa ação uma condição para a sobrevivência social. Por isso compreende-se a indecisão que ele possui em relação ao que pretende cursar na faculdade.

Ainda assim, ele afirma o motivo de querer fazer o curso de direito:

> ... é porque eu gosto de discutir, entendeu? Eu gosto muito de discutir, então... quando, sei lá, primeiro minha mãe falava: -"você serve pra ser advogado!", porque qualquer coisinha que você falar e eu não concordar, eu vou ... entendeu? Discutir... então vai ser é, meu filho, vou virar advogado, fazer o que? ... defender as pessoas ((risos))

A mãe acaba tendo uma influência para ele nesse processo de escolha do curso de Ensino Superior, demonstrando outra vez que o apoio que ela lhe dá tem uma importância grande em sua vida.

Assim, Dayrell (2003) questiona, em sua pesquisa, uma imagem muito difundida sobre as famílias das camadas populares, vistas como desestruturadas pela ausência do pai. O que define o grau de estrutura dessas famílias é a relação que acontece entre os indivíduos e as redes de relações que podem contar. O autor também aponta que, nessas famílias, a mãe desempenha um papel importantíssimo, referência de carinho, autoridade e valores, para quem é dirigida a obrigação moral de retribuição pelos jovens, como em seus projetos desejarem dar uma vida melhor para elas.

Luan, por sua vez, ao ser indagado sobre o que pretende cursar na faculdade, afirma:

> Eu já ... a partir assim do sexto, sétimo ano, meus professores falavam que eu falava muito, que eu era muito comunicativo, que eu falava muito bem, que eu tinha uma pinta assim, sabe? Aí eu tinha uma professora de cidadania, ética é ... Cidadania, ética, filosofia e sociologia, que ela falava assim: -"você vai ser o próximo Joaquim Barbosa" ... e aí eu fiquei muito com isso, e, eu comecei, sempre gostei muito de política, gosto de leis, eu gosto dessa coisa do, da civilidade, da, de judicialização das coisas, é:: ... e aí foi que eu passei a optar pelo direito, e aí no fundamental, no final do fundamental, é quando as pessoas passam pras escolas né? escolas federais, escolas estaduais, eu queria fazer algo diferente, e aí quando eu descobri as instituições de médio-militares, mas ... e aí eu fui porque era uma opção que eu ia ter estabilidade muito perto, né, eu ia ter dinheiro, eu ia ter um padrão de vida assim muito mais rápido, do que teria, do que se eu fosse pra universidade, enfim, estudar, mas sempre me cativou muito isso de, do direito ... então, eu fui, estudei um ano, e aí eu já sai determinado que seria direito, num trocaria mais por nada ... mas eu tenho, eu tenho ... às vezes eu penso, já pensei, no passado muito jornalismo e também ciências políticas, mas a minha primeira opção foi direito

Cabe destacar em sua fala essa possibilidade de escolha, conforme havia relatado, em que, por meio das alternativas que possuem em suas vidas, os sujeitos são

pressionados a decidir o que querem fazer. Luan também relata o apoio que recebeu da família por escolher fazer direito:

> ... a minha família, eles sempre abraçaram tudo aquilo que eu sempre quis fazer, então ... quando eu era jovem eu falava que queria ser arquiteto, tá: -"então você vai ser arquiteto" ... do nada teve uma época que eu surtei e falei que queria ser soldado da aeronáutica ((risos)) ... então minha família abraçou, minha mãe pagou os estudos, enfim ... agora decidi que quero fazer direito e tá minha família nessa: -"vai, vai fazer direito", e tudo mais ...

O apoio que a sua família dá para tudo o que ele quer fazer em sua vida demonstra mais uma vez o valor central que a família ocupa na vida dos jovens, conforme abordamos.

Em relação aos motivos que levaram-lhe escolher esse curso, afirma:

> Direito, primeiro a arte da argumentação, eu sempre gostei muito ... de argumentar, de falar, é:: ... e também acho que o fato de eu poder defender, quem às vezes não têm defesa ... essa sede por justiça, às vezes eu tenho muito ela, sabe? ... apesar de eu ter sido omisso, com muitas situações que aconteceram comigo, sempre que eu pude defender um amigo, defender uma pessoa, ocorreu ... e já teve situações, em que eu mesmo tive que me defender ... o escritório tá esperando eu entrar na universidade, pra já ser egresso como estagiário

Esse desejo que ele possui de defender as pessoas e de argumentar, através da formação em Direito demonstra aspectos semelhantes aos que Pabllo afirmou.

Para acontecer de fato o seu objetivo de fazer Direito, Luan relata que está fazendo um curso pré-vestibular particular, custeado pelo próprio salário que recebe no trabalho, e que esse espaço tem muita importância em sua vida:

> Então ((sorriso)) ... eu vou ser extremamente sincero ((risos)) ... pra mim partiu de um momento muito especial na minha vida, de verdade, porque ... foi um momento que eu tô mais engajado politicamente, é:: ... é, enfim, foi inclusive um momento que eu passei pela transição partidária, então ... tá sendo uma experiência muito bacana, apesar da, de ser um lugar extremamente conservador, né? Ali, a galera é bem bolsonarista, e aí isso mexe um pouco comigo, mas em específico na minha turma, e na bolha que eu tô, é uma experiência muito boa, e ... me põe numa experiência de, querendo ou não, uma experiência de privilégio, que eu vejo outros jovens da minha idade que não têm acesso a esse tipo de coisa, inclusive, aconteceu um episódio assim que eu entrei ... que foi, que eu fiquei refletindo muitos dias, eu lembro que ... um professor tava explicando e ali vai muita gente da escola pública estudar ali, e mais uma vez o professor falando sobre algo básico e tals, e aí um, um menino falando que não tinha estudado isso, estudado aquilo, aí eu

> comecei a, a, pensar, refletir, sabe? É, mas pra mim, é, é um ambiente muito gostoso, sabe? De muito aprendizado, de muito conhecimento, enfim

Conforme o exposto, ele acaba relembrando o fato que encontrou no colégio estadual, quando relatou anteriormente sobre as dificuldades que os estudantes que estudaram sempre em instituições de ensino pública tiveram diante dos exercícios que eram concedidos pelos professores em sala de aula. Mas, como dissemos, é necessário considerar que isso não significa que o colégio público seja melhor que o ensino privado, ou vice-versa. Mas, ainda assim, esse espaço do pré-vestibular significa muito para ele.

Pabllo ao ser indagado se faz parte de algum curso pré-vestibular ou de algum movimento para o ingresso na faculdade, afirma:

> Ah, eu queria, queria mesmo, mas atualmente não tá dando não ((estala a língua)) ... mas eu queria muito ... é:: ... porque foi o que eu falei, meu irmão também tá fazendo curso, então tipo... né, no caso dele é, é, mais é:: ... é pior o caso dele entendeu? ... eu ainda consigo né, ver um negócio na internet, Pererê, parará, já ele não né? ... ele é mais difícil pra ele, então deixo ele fazer, terminar de faze r... aí eu já volto pra cá também

Como se percebe, ele reconhece os limites que possui em suas condições sociais concretas, compreendendo os motivos de ainda não ter entrado em um curso pré-vestibular visando ingressar na faculdade.

Como alternativa para esses cursos pré-vestibulares particulares existem os pré-vestibulares comunitários, em que um dos exemplos que tenho é o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), localizado no bairro Vila Operária, em Nova Iguaçu[52]. Acredito que se não fosse esse espaço não estaria hoje no mestrado escrevendo essa dissertação, assim como não teria concluído a faculdade de Serviço Social em 2018, pois o apoio que recebi dos professores desse espaço, que já foram estudantes do mesmo, e também do Renatinho do Pré, um dos fundadores, foi essencial nesse processo. Atualmente também sou um dos professores de Sociologia do projeto e acho esse retorno importante, visto que posso ajudar jovens negros e de baixa renda a ingressarem na universidade.

[52] Para um melhor entendimento deste espaço, conferir: Gomes, Renato dos Santos. A formação do PVNC-Núcleo Vila Operária: uma experiência de inclusão educacional. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidades Católica do rio de Janeiro – PUC-Rio. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29826/29826.PDF>. Acesso em: 05 de março de 2020.

Por isso considero importante a existência de mais espaços como esse nas localidades periféricas, como o município de Belford Roxo, para promover de fato o acesso de estudantes negros e de baixa renda na universidade, que, assim como Pabllo, não têm condições de pagar um curso particular.

Ainda assim, Pabllo descreve a sua sensação de ser o primeiro da sua família a desejar cursar a faculdade, demonstrando que isso significa muito para ele: "ah, é ... é algo entendeu? Porque imagina um monte de gente não conseguiu, e pow tu foi o primeiro, entendeu? ... ah, nossa ... só de imaginar já fico coisa ((risos))"

Nesse momento, é importante trazermos o conceito de projetos vitais. Para Damon (2008): "Projetos vitais representam uma intenção estável e generalizada de realizar algo que seja significativo para o self e consequentemente para o mundo além do self". (DAMON, 2008, p. 33). Desse modo, o autor vai defender que as metas nesse contexto são mais definidas e são pensadas para um período mais longo.

Por esse motivo, foi indagado aos jovens como eles se veem daqui a 10 anos. De acordo com Luan:

> Daqui a 10 anos, eu vou estar cum 28 anos, eu espero estar formado, já na pós-graduação de direito ((risos)) ... espero estar ganhando bem acima do que eu ganho, já morando sem estar na casa dos meus pais, primeiro já estar falando dois idiomas, caminhando pro terceiro idioma, daqui a dez anos, dois além do que eu já falo né? que é o materno, é:: ... e é isso, eu tenho essa expectativa, eu espero estar ajudando mais meus pais, enfim, e poder colher também tudo isso que eu tô plantando desde novo, né?

Percebe-se que ele tem um posicionamento mais estabelecido e positivo a respeito de como estará daqui a 10 anos, com metas estabelecidas. Também foi perguntado a Pabllo como ele se vê daqui a 10 anos:

> hmm, caramba!... acho que eu vou tá fazendo faculdade né?... não sei qual ainda né ((risos))... como eu ia dizer (...) tô meio assim: -"ah!, estou com medo"... porque tipo eu tenho medo de:: tipo ... de não fazer algo que:: me deixe feliz entendeu?... que eu prezo muito por isso minha felicidade, então tenho medo de fazer algo que ... sei lá, depois eu fico: -"ah, não vou ser feliz, não combina comigo" sabe? (...) mas eu me vejo é:: ... na faculdade né?, terminando já, é: :... já trabalhando, em nome de Jesus ... enfim né? Já me preparando pra sair daqui né? ... tipo me preparando pra ter minha casa

Mesmo com a incerteza predominante sobre ele de como estará daqui a 10 anos, com o medo de não ser feliz no que faz, ele consegue se ver formado, trabalhando e tendo

a sua casa, constituindo um projeto vital. Observa-se que ele continua com a incerteza do que irá fazer na faculdade, para o quê o colégio contribuiria muito no processo.

Ao ser indagado se o colégio contribuiu para tudo o que ele está fazendo hoje em sua vida, Luan afirma:

> Sem dúvidas, sem dúvidas ... em, em específico, o colégio estadual foi uma das peças principais de encaixe, a diretora também, conversou, sempre foi muito amiga, enfim, me deu todo apoio, quando também comecei a trabalhar no escritório, ela viu ali como uma oportunidade de crescimento ... então assim, a escola foi fundamental, nesse período, o colégio estadual em específico

Ao contrário de Luan, Pabllo faz uma crítica por realizar disciplinas que não tem nada a ver com o que ele quer cursar na faculdade:

> Não... ah... porque depois que você termina o colégio, você não tem... nada, entendeu ... porque tipo eu acho assim, que o colégio ele não ensina tantas coisas que são necessárias, tipo sei lá ... eu quero cursar::... ah sei lá... direito (...) tipo ah eu faço matérias que tipo não tem a ver com o que eu quero fazer, e:: ... enfim fico pegando informações que ... ((entre aspas)) são desnecessárias assim pra área que eu quero cursar sabe...

Dessa forma, segundo Damon (2003), quando os estudantes se deparam com a decisão do que querem fazer em suas vidas e carreiras, contam somente com seus próprios recursos e meios materiais, e defende a ideia de que a escola tem um papel preponderante para orientá-los sobre as formas que querem viver, em que locais desejam trabalhar ou que vida pretendem levar.

Weller (2014) defende que a escola acaba transferindo para a família a responsabilidade de auxiliar os jovens no que querem fazer ao sair da mesma e na elaboração de seus projetos de vida.

Klein e Arantes (2016), utilizam o conceito de "possibilidades vitais" para a compreensão da importância que a escola tem na vida dos jovens, pois se apresenta como uma circunstância[53] dada de vida, oferecendo-lhes uma variedade de possibilidades.

Dessa maneira, considera-se que a escola tem um papel crucial na vida dos jovens estudantes no que diz respeito aos seus projetos de vida, sendo preciso criar estratégias para que esses jovens se sintam bem em seu interior e que os conteúdos ministrados em sala de aula os auxiliem na elaboração de seus projetos.

[53] Ortega y Gasset (1983) aponta que as circunstâncias têm relação com a liberdade de escolhas individuais que os sujeitos fazem em suas vidas.

Por último, foi indagado aos jovens sobre o que fazem em seu tempo livre. Nesse contexto, Pabllo afirma:

> Eu gosto bastante, tipo de ouvir muita música ... gosto bastante de ouvir música, eu qualquer coisinha, antes mesmo de começar aqui eu tava ouvindo música, qualquer coisa eu boto uma música, então acho que por isso também que tem isso de eu gostar de dançar, liga uma coisa com a outra, entendeu? ... Eu gosto de é:: ... ouvir música, às vezes eu leio e tudo mais, eu gosto de ver vídeos no Youtube tipo curiosidades, sabe, históricas, qualquer coisinha, uma guerra fria, um negócio ou uma... a história aqui do Brasil eu gosto também de ver esse tipo de coisa, também gosto de ver vídeos sobre política, entendeu? Porque eu acho né que é importante, né... são coisas importantes que a gente tem que ver, acho que só, dançar também né, que eu preciso nem falar, acho que só

Percebe-se que esse jovem utiliza do seu tempo livre para realizar várias atividades, em que uma delas é a música, que para ele tem uma importância muito grande. Por isso ele continua: "você pode falar qualquer coisa que: - "ah, na época de tal, tal coisa, qual música que você estava escutando?", eu vou lembrar, porque ... sei lá, liga comigo, eu ando muito conectado".

Conforme exposto, a música causa nele uma memória positiva, pois se lembra de coisas que já aconteceram na sua vida anteriormente. Segundo Martins (2004, p. 36): "A música funciona como mediadora entre emoções e subjetividades contidas e silenciadas na memória. O emotivo da memória encontra-se com o emotivo da melodia". Por isso entende-se a razão de esse jovem sentir-se bem ouvindo música.

Luan, no que diz respeito ao que costuma fazer em seu tempo livre aborda:

> No meu tempo livre ... não faço nada praticamente ((risos)) ... eu gosto muito de ler, gosto de ler, eu gosto de assistir series, eu, ãhn ... vamos lá, alguns fatos sobre mim, principalmente no meu tempo livre eu escuto música, eu vivo música, então a todo momento eu vou estar escutando alguma coisa, consumindo, eu adoro conhecer artistas novos, coisas novas, é isso me dá um prazer muito grande, eu gosto de assistir filmes e séries, específicos ... comédia romântica, e também é ... documentários, eu amo documentários políticos, eu amo é séries biográficas de pessoas pretas, é:: ... histórias diferentes então, amo, é isso, eu não sou muito de sair, eu fico geralmente em casa, meu tempo livre é esse ... também amo ficar com a minha família no meu tempo livre

De acordo com Dayrell (2007):

> O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem

> culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. (DAYRELL, 2007, p. 1110)

Nesse sentido do mundo da cultura, como um espaço privilegiado para os jovens, pode-se destacar a apropriação do tempo livre para os jovens entrevistados, pois o utilizaram para escutar música e realizar diversas atividades.

Torna-se importante também trazer sobre a alegria que esses jovens sentiram em participar dessa pesquisa e a importância que ela trouxe para as suas vidas. Pabllo afirma:

> ah, sei lá... quando o professor de história falou, eu fiquei assim nossa, eu achei muito legal ... quando ele falou, o professor ele chegou assim é: -"você!", aí eu: -"meu Deus" ((risos)) ... deu algum problema, ele: -"não, você", eu: -"ãnn?" ((risos)) ... ele: -"não, você quer participar de uma pesquisa, Pererê, parará", aí eu: -"não, claro, vamo, vamo, vamo", acho importante fazer esse tipo de pesquisa ... espero que você consiga, tudo, todas as informações que eu tenha te dado no máximo possível, tudo de bom, e é isso aí... boa sorte

No mesmo sentido que Pabllo, em relação a sua participação nessa pesquisa, Luan ressalta:

> ... só queria parabenizar você pela pesquisa, eu imagino o quanto deve ser difícil fazer uma pesquisa, é:: ... eu imagino, ainda mais no meio de uma pandemia, enfim todas essas circunstâncias, parabenizar quem tá fazendo com você a pesquisa, e agradecer pelo espaço de poder tá falando, falando um pouco sobre as minhas vivências, é eu acho que é isso, um vai ajudando cada um, inclusive de manhã falei até isso com a minha mãe, falei: -"mãe, eu vou participar de uma pesquisa", enfim, expliquei, e falei é isso, eu acho que assim que é essa rede, é um ajudando cada um, e assim a gente vai chegando lá e vai alcançando os lugares, então é isso ... parabéns por você já estar no mestrado, sei que não é fácil, e é isso, muito obrigado também pelo ponto de estudo fantástico, eu acho incrível.

Realmente a fala deles dá uma sensação de dever cumprido, que a participação deles nessa pesquisa foi de muita importância, pois através da escuta atenta pode-se colher o relato desses jovens, como se deu as suas trajetórias escolares e se passaram alguma vez pelo racismo na sociedade e na escola. Confesso que fiquei muito emocionado com a fala desses jovens, pois realizar essa pesquisa durante a pandemia não foi uma tarefa fácil.

Além disso, foi um processo dificultoso encontrar esses jovens para realização da entrevista de forma on-line, durante essa pandemia. Nesse contexto, mesmo que tenha sido um desafio, também foi uma experiência incrível, pois foi importante deixá-los bem à vontade sobre o que falar, tomou-se o cuidado para que as perguntas do roteiro não os interrompessem ao falar sobre as suas vivências, assim como deu para ver a alegria que

sentiam em responder cada pergunta feita ou de forma espontânea, falando além do que era perguntado. Dessa forma, caminhamos para as considerações finais desse trabalho, sabendo que o desafio não se encerra por aqui, mas que seja semente para futuras pesquisas que tenham como objetivo de potencializar vozes de jovens negros que residem em áreas periféricas.

Avante!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escolarização da juventude negra é marcado pela reprovação, abandono escolar, evasão e fracasso escolar, exigindo um olhar mais atento do poder público para essa realidade. Um dos entraves que a juventude negra encontra no contexto escolar é o racismo.

Essa pesquisa buscou analisar de que modo a experiência do racismo na escola trouxe consequências para as trajetórias escolares dos jovens negros e quais foram as estratégias que esses jovens adotaram para a superação dessas experiências. Para a escolha desse tema, tomou-se como base a minha própria experiência de racismo recreativo que enfrentei quando estudava em uma escola da rede municipal, com 11 anos, em Nova Iguaçu, onde recebi diversos apelidos de cunho racial, tais como suco de pneu, suco de asfalto, macaco, entre outros, que trouxe consequências para a formação da minha identidade negra, como a baixa autoestima, a vergonha de ser negro, revolta interior, tristeza, traumas e a vontade de ser branco, na tentativa de me "livrar" dessas situações.

Importante destacar que a pandemia do covid-19 e as medidas de distanciamento social ocasionadas por ela, nos permitiu somente conhecer as trajetórias escolares desses jovens negros, através dos seus relatos, uma vez que também não foi fácil chegar até eles, pois tivemos que utilizar uma metodologia denominada bola de neve, pela qual os sujeitos são indicados por uma pessoa, a semente ou elemento de contato, para participar.

Inicialmente apresentamos que eles vivenciaram o racismo em seus cotidianos de diversas maneiras, pois a marca física externa que possuem, como os traços físicos negros, boca, nariz, cabelo, entre outros, é transformada em estigma social, que faz com que esses sujeitos sejam vistos como subalternos e inferiores na sociedade. Essa visão que acaba recaindo sobre os sujeitos negros tem relação com o debate que expusemos sobre a "raça", como discurso social e político, que visa legitimar o poder do grupo racial dominante branco sobre a população negra, usando a ideologia para difundir representações negativas nas mídias sociais e senso comum sobre esse público.

Como exemplo disso, temos Pabllo que relatou o medo de ser revistado ou assassinado pela polícia, foi chamado de "macaco" na rua, ouviu comentários negativos a respeito do seu cabelo Black, foi classificado como "bandido", ao entrar em ônibus ou

loja, além de entrar com as mãos abertas em lojas ou não andar sozinho, como estratégia para não pensarem que ele está roubando ou algo pior acontecer com ele.

Ao mesmo tempo, Luan relatou ter passado duas vezes pela “dura policial”, ter muito medo de ser assassinado pela polícia, ter passado pela discriminação racial junto dos seus pais, através do tratamento diferenciado dado pelas atendentes de uma loja de alto padrão aos mesmos quando foram comprar um anel e relógio para ele, assim como ter sido perseguido por uma segurança de loja em Belford Roxo, mesmo estando com o uniforme escolar.

Conforme o exemplo desses jovens, a juventude negra, em geral, é propensa a passar por essas experiências supracitadas cotidianamente, tem as maiores chances de ser assassinada pela polícia, é perseguida quando entra em lojas, é vista como “bandidos” e “assaltantes” na sociedade e recebe tratamento diferenciado em diversos espaços.

Em relação ao processo de reconhecimento como negro desses jovens, segundo eles, coincidiu com o momento em que assumiram os seus cabelos crespos e decidiram encarar o racismo de “peito aberto”. Usar tranças, como Luan, e usar o cabelo Black, como Pabllo, é símbolo de resistência e orgulho negro para eles, mas não é fácil esse processo, pois contam que ouvem constantemente comentários negativos a respeito deles.

As experiências que esses jovens trouxeram nessa pesquisa, demonstram o quão cruel é o racismo que ocorre cotidianamente contra os indivíduos negros na sociedade, chegando a lhes causar traumas e uma ferida, que a todo momento é tocada.

Me encontrei diversas vezes na fala desses jovens, em relação as suas subjetividades, e o que passaram nos seus cotidianos, pois também sou jovem negro, morador do município de Belford Roxo, que pertence a uma área periférica, denominada Baixada Fluminense, assim como sou de uma família monoparental e senti na pele algumas dificuldades que eles relataram.

Nesse mesmo sentido, apresentamos a escola como instituição, um espaço de socialização primaria, que reflete em seu contexto o racismo que ocorre na sociedade em diferentes estruturas sociais. Ouvir apelidos de cunho racial e excludente nas escolas que estudaram, nas séries iniciais e no Ensino Fundamental, tais como “macaco”, serem considerados “os mais feios da sala”, “pé preto”, “negresco’, bem como serem excluídos pelos demais colegas em sala de aula demonstram como o racismo começou bem cedo na vida desses jovens, trazendo consequências para a formação de suas identidades.

Para elucidar essas consequências, Luan relata que teve por muito tempo aversão a si mesmo, se sentia inferior aos demais colegas de turma, acreditava que seus sonhos nunca iriam se realizar, acabou reproduzindo com outros colegas negros o racismo o qual ele vivenciava, como estratégias para driblar passar por essas experiências, bem como não se reconhecia como negro. Pabllo ao contrário, embora fale sobre isso com uma expressão triste, relata que utilizou como um "motor" para avançar cada vez mais em busca dos seus sonhos e objetivos.

Diante disso, a escola deveria ser um espaço mais acolhedor, que promovesse atividades, como rodas de conversas, palestras, eventos, entre outros, relacionados à temática racial, durante todo o ano letivo, não somente nas datas comemorativas. Isso posto, pois a maioria das escolas e docentes tem o hábito de trabalhar apenas em projetos ligados ao 13 de maio, dia da Abolição da Escravatura no Brasil, e ao 20 de novembro, dia da consciência racial, e não é o que a Lei 10.639/2003 propõe.

Dessa forma, um dos objetivos específicos dessa pesquisa foi alcançado pois tanto Luan, quanto Pabllo enfrentaram experiências de racismo em seus cotidianos e na escola.

Podemos observar que, embora esses jovens sejam moradores de uma área periférica, possuem diferenças entre si em relação às suas experiências cotidianas e no modo de serem jovens negros. Isso rompe com as tendências do senso comum, que associam todos os jovens negros de Belford Roxo, vivenciando as mesmas experiências em suas vidas, como se todos estivessem marcados para morrer, propensos à criminalidade, que não tenham perspectivas de futuro e nem terminem os seus estudos. Vale ressaltar que essas tendências foram marcadas pela imagem do município como sendo um dos mais violentos do mundo, especialmente na década de 1970.

Em relação às trajetórias escolares desses jovens, foi possível observar os caminhos escolares que eles tiveram até chegar ao terceiro ano, através de seus relatos, alcançando mais um dos objetivos específicos dessa pesquisa, de conhecer as suas trajetórias, e, mesmo não sendo fácil, nunca abandonaram a escola.

Desse modo, a hipótese inicial que elaboramos em nossa pesquisa não foi confirmada, pois, esses jovens contam que nunca evadiram ou abandonaram a escola por conta do racismo que enfrentaram na mesma. Assim, Pabllo acredita que se parasse os seus estudos poderia se tornar alguém dependente dos outros, e Luan acredita que se parasse de estudar todas as suas expectativas de futuro seriam prejudicadas, o que

demonstra uma preocupação que não só atingem esses jovens, mas a maioria da juventude negra.

Apesar de essa hipótese inicial não ser confirmada, vale destacar que uma das dificuldades que eles relatam ter encontrado nas suas trajetórias escolares, foi a implantação do ensino remoto durante a pandemia do Covid-19, que não atingiu somente as trajetórias deles, mas da maioria da juventude negra, que não conseguiu acompanhar as atividades que eram dadas pelos professores por conta da falta de recursos materiais e desânimo ocasionado pela dificuldade de aprendizado. Por isso, apresentamos os 80 mil estudantes da rede estadual da educação, do Rio de Janeiro, que tiveram menos de 75% de frequência nas atividades presenciais ou remotas, em setembro de 2021, de acordo com os dados divulgados pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), em 18 de outubro de 2021, ao anunciarem o retorno das aulas presenciais.

Esse quadro mencionado chama a atenção para um dado alarmante que atinge em sua maioria os estudantes negros, pois esses jovens estão fora da escola, mesmo que ainda não sejam contabilizados como evasão ou abandono escolar. Parece que o sistema educacional do Rio de janeiro esperou os números aumentarem para pensar em medidas que viessem a solucionar esse quadro, como o programa com nove mil mulheres e 1,5 mil assistentes sociais, para realizarem a busca ativa desses estudantes supracitados, anunciados pelo Secretário de Educação. Ainda assim, a pasta não definiu se haverá reprovação ou aprovação automática, como ocorreu em 2020.

Assim, esses jovens acabam saindo da escola sem nenhum aprendizado, como Pabllo e Luan declararam, e acabam não fazendo o ENEM, que garante o acesso à universidade federal, pelo SISU, e também à universidade particular, através do PROUNI ou FIES, legitimando o ingresso de estudantes de classe média e brancos. Cabe questionar diante desse quadro: o que o poder público, em diferentes esferas (municipais, estaduais e federal), está fazendo diante desse cenário de estudantes negros desistindo da escola diante da pandemia?

A resposta que temos até o momento é nada, pois temos um ministro da educação, que em rede nacional afirma que a universidade tem que ser para poucos, direcionada aos "filhinhos de papai", e que não faz nada diante desse quadro relatado anteriormente, usando o seu poder de fala e discurso para que a sociedade realmente acredite no "esforço pessoal" e "meritocracia". É necessária uma medida efetiva do poder púbico para essa

realidade, pois não é admissível que se continue “fechando os olhos” para esse problema, que atinge os jovens negros nas suas trajetórias escolares.

Podemos apontar ainda as redes de apoio que esses jovens possuem para conquistar os seus sonhos e objetivos na vida, que envolvem os amigos, familiares e professores, assim como utilizam dessa “rede” para a elaboração dos seus projetos de vida. Assim, foi possível sabermos o que esses jovens pretendem fazer na faculdade e os motivos de escolherem esse curso, além de saber sobre o apoio que recebem dos seus familiares. Apontamos que esses fatores os jovens utilizam como saídas, que não "cruzaram os braços" diante das situações de racismo que enfrentaram em suas vidas, na escola ou na sociedade, nem se lamentaram pelas experiências de vivenciá-las, pelo contrário, elaboraram os seus projetos de vida como saídas e contornos a esses obstáculos encontrados em seus caminhos, confirmando a segunda hipótese que elaboramos nessa pesquisa.

Além disso, o último objetivo específico que elaboramos nessa pesquisa foi alcançado, pois conseguimos e compreender os projetos de vida elaborados pelos jovens negros, bem como as “redes de apoio” que estabeleceram para realizarem os seus sonhos e objetivos.

Diversas foram as limitações que tivemos para a execução dessa pesquisa, uma delas sendo o pouco tempo para a execução, devido à pandemia do Covid-19, que ocasionou dificuldades de encontrar os jovens negros para participar, nos limitando na questão dos resultados e fazendo com que elaborássemos o texto possível ao prazo de defesa. Além disso, a questão da metodologia que utilizamos também se apresentou como uma limitação, pois acreditamos que se realizássemos a pesquisa de campo e a técnica da observação participante obteríamos maiores dados sobre as trajetórias escolares desses jovens, além das falas deles.

A questão de as entrevistas serem feitas de forma on-line devido à pandemia, em vez de ocorrerem de modo presencial, também se apresentou como limitação, pois diversas vezes perdemos a conexão da internet, fazendo com que esses jovens constantemente perdessem a linha de raciocínio e suas falas ficassem incompreensíveis.

Assim, não se pretende encerrar o assunto dessa pesquisa no presente trabalho, mas pretende-se levar essa temática para novos estudos, enfatizando, além do racismo e sua influência nas trajetórias escolares dos jovens negros, a questão da pandemia e sua

influência nessas trajetórias, pois quando o censo escolar das escolas da rede estadual sair no final do ano, demonstrará que jovens negros foram os mais prejudicados nos estudos durante essa pandemia.

Para mais, como recomendação para as futuras pesquisas, acredito que seja importante olhar a pandemia como um forte entrave, bem como causadora de prejuízos na formação escolar, nos projetos e trajetórias dos jovens negros.

REFERÊNCIAS

ALERJ. “ALERJ realiza live para o lançamento da 13ª edição do Parlamento Juvenil”. 01/09/2021. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/51327>. Acesso em: 14 de Outubro de 2021.

ALMEIDA, Silvio. “O Que é Racismo Estrutural?” Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

ANDRADE, Allyne. A juventude negra e o desenvolvimento. In: ARTICULAÇÃO POLÍTICA DE JUVENTUDES NEGRAS - BRASIL. Juventudes negras do Brasil trajetórias e lutas: observatório de juventudes negras. São Paulo: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/11530.pdf>. Acesso em: 01 de Dezembro de 2021.

ANUNCIAÇÃO, Diana et al. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste. Saúde e Sociedade, v. 29, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ctHxJZn497TXLJBhpSB8GR >. Acesso em: 15 de Setembro de 2021.

ARTICULAÇÃO POLÍTICA DE JUVENTUDES NEGRAS - BRASIL. Juventudes negras do Brasil trajetórias e lutas: observatório de juventudes negras. São Paulo: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/11530.pdf>. Acesso em: 5 de Julho de 2021.

BELHADJ, Marnia. Mulheres francesas de origem argelina, conquista da autonomia e reelaboração dos modelos familiares tradicionais. Família e individualismo. Rio de Janeiro: FGV, p. 63-78, 2000.

BERNARDO, Teresinha; MACIEL, Oliveira Regimeire. Racismo e educação: um conflito constante. v. 5, n. 1, p. 191-205 Jan.–Jun. 2015. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/302/134 > Acesso em: 31 de Outubro de 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de educação, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 de outubro de 2021

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 31 de Outubro de 2020.

_____. Ministério da Educação. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. 2006. Brasília: SECAD. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf>. Acesso em: 09 de Outubro de 2020.

_____. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 103 p., 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em: 25 de Setembro de 2021.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. IDEB - Resultados e Metas. 2020. Disponível em: < http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 13 de Outubro de 2021.

BRITO, Raquel Cardoso; KOLLER, Silvia Helena. Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. O mundo social da criança: natureza e cultura em ação, p. 115-130, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia. "Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?". Rio de Janeiro: IPEA, 2006. Disponível em: < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3296/1/Livro_Transicao_WEB1.pdf>. Acesso em: 24 de Setembro de 2021.

CARRIJO, Valéria Landa Alfaiate. Torna-te! O processo de Subjetivação das Juventudes Negras a partir de suas Trajetórias Escolares. Orientador: Profa. Juliana Pereira Araújo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10482/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Val%C3%A9ria%20Landa%20Alfaiate%20Carrijo%20-%202020.pdf>. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

CASA FLUMINENSE. Mapa da desigualdade: Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: < https://www.casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final_compressed.pdf >. Acesso em: 27 de Setembro de 2021

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6.ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2014.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. Atlas da violência 2019: retrato dos municípios brasileiros. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9489/1/Atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf>. Acesso em: 30 de Setembro de 2021.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?". In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 205-228. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio.pdf >. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

COTRIM. Gilberto. Fundamentos da filosofia: história e grandes temas. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DAMON, Willian. O que o Jovem quer da Vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2008.

_____. Noble Purpose: the joy of living a meaningful life. Philadelphia & London: Templeton Foundation Press, 2003.

DANTAS, Pedro. "Ações de extermínio já se tornaram rotina na região, afirma pesquisador". Folha de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0204200504.htm>. Acesso em: 30 de Setembro de 2021.

DAYRELL, Juarez. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2001. P. 136-161. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748941/mod_resource/content/1/Escola_Dayrell.doc#:~:text=A%20escola%2C%20como%20espa%C3%A7o%20socio,pr%C3%B3prio%2C%20ordenado%20em%20dupla%20dimens%C3%A3o.&text=Nessa%20perspectiva%2C%20a%20realidade%20escolar,Ezpeleta%20%26%20Rockwell%2C1986).pt>. Acesso em: 23 de Outubro de 2021

_____. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 40–52, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty>. Acesso em: 01 de Outubro de 2021

_____; CARRANO, Paulo. "Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola?". In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 102-133. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf >. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

_____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 de Outubro de 2021.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e pesquisa, v. 28, p. 117-136, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de Outubro de 2021

_____. Por uma pedagogia da juventude. Revista Onda Jovem, Edição nº1, p. 34-37, mar. 2005. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/09/anexo-i_por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf>. Acesso em: 23 de Outubro de 2021´

_____; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. Educação & Sociedade, v. 37, p. 407-423, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vDyjXnzDWz5VsFKFzVytpMp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. Estudos afro-asiáticos, v. 24, p. 563-600, 2002. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/eaa/a/R3R8p7fSCzXwvDvJLjNkpQC/?lang=pt&format=pdf >. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. Educação & Sociedade, [S. l.], v. 19, p. 13–30, abr. 1998.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. En la escuela: sociologia de la experiência escolar. Buenos Aires: Losada, 1998.

EDUCAMAIS. FIES - O que é. 2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/programas-do-governo/fies/o-que-e>. Acesso em: 23 de Março de 2021.

EDUCAMAIS. SISU – O que é. 2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/programas-do-governo/sisu/o-que-e>. Acesso em: 23 de Março de 2021

FERRARI, Matheus. Sistema IDEB por Escola já está disponível. 01/12/2020. Disponível em: < https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/ideb/sistema-ideb-por-escola-ja-esta-disponivel>. Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

FREIRE, Simone. Racismo é causa da diferença salarial de 31% entre brancos e negros com ensino superior, diz pesquisa. 2020. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/racismo-e-causa-da-diferenca-salarial-de-31-entre-brancos-e-negros-com-ensino-superior-diz-pesquisa>. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.

FOLHAPRESS. Enem 2021 é o que tem menos candidatos negros e de baixa renda na década. 02/09/2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/enem-2021-e-o-que-tem-menos-candidatos-negros-e-de-baixa-renda-na-decada-1.2536218>. Acesso em: 15 de Outubro de 2021.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Nosso racismo é um crime perfeito – Entrevista com Kabengele Munanga. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-

racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/>. Acesso em: 11 de Setembro de 2020.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. O ensino híbrido no Brasil. 2021. Disponível em: <https://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/EBOOK-ENSINO-HIBRIDO.pdf>. Acesso em: 14 de Outubro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. 2002. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 9. p. 38-46. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/1296/1392>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

_____. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. 2003a. Trabalho apresentado na 27ª reunião da ANPED. Disponível em: < http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/t218.pdf>. Acesso em: 24 de Novembro de 2019

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, v. 29, p. 167-182, 2003b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 de Setembro de 2021

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no brasil: uma breve discussão. 2012a. Disponível em: < http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf >. Acesso em: 30 de Novembro de 2019.

_____. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2012b. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf> Acesso em: 15 de Setembro de 2021.

_____. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes Limitada, 2019.

GOMES, Renato dos Santos. A formação do PVNC-Núcleo Vila Operária: uma experiência de inclusão educacional. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidades Católica do rio de Janeiro – PUC-Rio. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29826/29826.PDF>. Acesso em: 05 de Março de 2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Editora Alínea, 2001.

GOOD, H. & HATT, P., Métodos em pesquisa social. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

GRINBERG, Felipe. Rio terá força-tarefa para resgatar alunos da rede estadual. 25/10/2021. Disponível em: < https://esportes.yahoo.com/noticias/rio-ter%C3%A1-for%C3%A7a-tarefa-para-131357637.html >. Acesso em: 01 de Novembro de 2021

GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Em tese, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p4>. Acesso em: 28 de Setembro de 2021.

HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003

HALLAL, Mariana. Brancos continuam recebendo 50% a mais do que negros no Brasil. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/20/abismo-economico-entre-brancos-e-negros-persiste.htm>. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. Estudos Avançados, 18(50), 2004, 21-30. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9966/11538> Acesso em: 20 de Outubro de 2020

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Continua): Educação. 2019. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf>. Acesso em: 27 de Outubro de 2020.

INSTITUTO PENÍNSULA. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Pulso-Covid-19_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf >. Acesso em: 14 de Outubro de 2021.

INSTITUTO UNIBANCO/PORVIR. O impacto do racismo e da pandemia na trajetória dos jovens negros no ensino médio. 2020. Disponível em: <https://porvir-prod.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2020/10/26170145/infografico-racismo-ensino-medio-26out-final.pdf>. Acesso em: 14 de Outubro de 2021

ISTOÉDINHEIRO. Nubank se desculpa por racismo e faz promessa de ‘reparação histórica’. 2020. Disponível em: < https://www.istoedinheiro.com.br/nubank-se-desculpa-por-racismo-e-faz-promessa-de-reparacao-historica/>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. Revista de Administração Pública, v. 36, n. 1, p. 51 a 72-51 a 72, 2002. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6427/5011>. Acesso em: 30 de Setembro de 2021.

JESUS, Lori Hack de. Trajetórias de vida e estudo de alunos negros do ensino médio da cidade de Tapurah – MT. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: UFMT/IE, 2005. 171 p. [Orientadora: Profª Drª Maria Lúcia Rodrigues Muller]. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1716/1/tese.pdf>. Acesso em: 18 de Outubro de 2021.

_____. O Campo De Possibilidades Na Trajetória De Alunos Negros Do Ensino Médio. [*S. l.*], 2014. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/GT21-2540--Int.pdf>. Acesso em: 16 de Julho de 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIN, Ana Maria. Projetos de Vida e Escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10082011-141814/pt-br.php >. Acesso em: 24 de Outubro de 2021.

_____. ; ARANTES, Valeria Amorim. Projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio e a escola. Educação & Realidade, v. 41, p. 135-154, 2016. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/edreal/a/frpccyjHNKGM5sHbg8GvYbt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 de Outubro de 2021

KRAWZCYK, Nora. Uma Roda de Conversa Sobre os Desafios do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 76-98. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio.pdf >. Acesso em: 11 de outubro de 2021

LA TAILLE, Yves de. Ética em pesquisa com seres humanos: dignidade e liberdade. In: GUERRIERO, ICZ AND SCHMIDT, ML S. AND ZICKER, F. Ética em pesquisas em ciência humanas e sociais na saúde. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, p. 268-279, 2008. Disponível em: < http://www.anpepp.org.br/old/arquivos/etica/etica-em-pesquisa-com-seres-humanos.pdf >. Acesso em: 05 de Outubro de 2021.

LEÃO, Geraldo. "O que os jovens podem esperar da reforma do ensino médio brasileiro?". Educação em revista, v. 34, 2018. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/edur/a/5ZBJkFDW3d6pL9KVFcFCQHx/?lang=pt>. Acesso em: 11 de outubro de 2021

LESME, Adriano. Enem 2021: mais de 280 mil pessoas se inscreveram após reabertura. 28/09/2021. Disponível em: <https://vestibular.brasilescola.uol.com.br/enem/enem-2021-mais-de-280-mil-pessoas-se-inscreveram-apos-reabertura/350867.html>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. Estudo de psicologia, Natal, v. 9, n. 3, set./ dez. 2004. Disponível em: < http:// www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdfr/>. Acesso em: 15 de Novembro de 2019.

LISBOA, Ana Paula; OLIVEIRA, Isabela; SOUZA, Talita de. Pretos no topo: desemprego recorde entre negros é resultado de racismo. 21/03/2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalhoeformacao/2021/03/4913182-pretos-no-topo-desemprego-recorde-entre-negros-resultado-de-racismo.html>. Acesso em: 15 de Outubro de 2021

MARGULLIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que uma palabra. In: ARIOVICH, L. [at al.]. La juventud es más que uma palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf >. Acesso em: 03 de Julho de 2021.

MARIN, Angela; PICCININI, Cesar Augusto. Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. Psico, v. 40, n. 4, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/download/2683/4927 >. Acesso em: 23 de Outubro de 2021

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. O Charme: Território Urbano Popular De Elaboração De Identidades Juvenis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, 2004, 133 p. [Orientador: Professor Dr. Paulo César Rodrigues Carrano]. Disponível em: < http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Dissertacao_Carlos.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2021

_____. Juventude e memória: lembranças de tempos recentes. Ciências Sociais Unisinos, v. 47, n. 3, p. 218-227, 2011. Disponível em: < https://www.redalyc.org/pdf/938/93821299005.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MCLAREN, P. Multiculturalismo revolucionário. Petrópolis: Vozes, 1992.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: < http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>. Acesso em: 31 de Outubro de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Enem – Apresentação. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em: 16 de Agosto de 2020.

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019, 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). Disponível em: <http://petsaude.ces.ufcg.edu.br/portal/index.php/material-da-area-de-saude-coletiva?download=57:racismo-recreativo-feminismos-plurais>. Acesso em 20 de Setembro de 2021.

MUNANGA, Kabengele. As Ambiguidades do Racismo à Brasileira. (In) KON, Noemi Moritz e SILVA, Maria Lúcia e ABUD, Cristiane (Orgs). O Racismo e o Negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017, p. 33-44.

MURÇA, Giovana. "Por que os estudantes negros são os mais afetados pela pandemia?". 20/11/2020. Disponível em: < https://querobolsa.com.br/revista/por-que-os-estudantes-negros-sao-os-mais-afetados-pela-pandemia >. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

NAÇÕES UNIDAS. Negros são mais afetados por desigualdades e violência no Brasil, alerta agência da ONU. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/negros-sao-mais-afetados-por-desigualdadeseviolencia-no-brasil-alerta-agencia-da-onu/>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade, v. 23, p. 15-35, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRJX7m/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 de outubro de 2021.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n.1, p. 287-308, nov. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>. Acesso em: 04 de Outubro de 2019.

OLIVEIRA, Fabiana L., Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 2, pág. 133-143, mai/ago 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2015.51.2.03 / 4787>. Acesso em: 31 de Outubro de 2020.

OLIVEN, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. Educação, v. 30, n. 61, p. 29-51, 2007. Disponível em: < https://www.redalyc.org/pdf/848/84806103.pdf>. Acesso em: 31 de Outubro de 2021.

OLIVEIRA, Ronisson de Souza de. Mães solteiras e a ausência do pai: questão histórica e novos dilemas. Revista Elaborar, v. 2, n. 1, p. 79-91, 2015. Disponível em: < https://www.academia.edu/download/31328228/45009466-Familia-e-Individualizacao.pdf#page=63>. Acesso em: 23 de Outubro de 2021.

OLIVEIRA, Vinicius de. Infográfico: O impacto da pandemia e do racismo na trajetória dos jovens negros no ensino médio. 28/10/2020. Disponível em: <https://porvir.org/infografico-o-impacto-da-pandemia-e-do-racismo-na-trajetoria-dos-jovens-negros-no-ensino-medio/ >. Acesso em: 15 de Outubro de 2021.

ORTEGA y GASSET, Jose. La Rebelión de las Masas. Madrid: Revista de Occidente, Alianza Editorial, 1983

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1. °, 2. °), pp. 139-165. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonwebdocs/Jos%C3%A9%20Machado%20Pais%20%20Public

a%C3%A7%C3%B5es%201990,%20n%C2%BA2.pdf>. Acesso em: 26 de Novembro de 2019.

_____. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2ª Ed., 2003.

PALHARES, Isabela. Alunos negros e pobres são os mais afetados com escolas que ainda não reabriram. 22/10/2021. Disponível em: < https://correio.rac.com.br/agencias/agencia-estado/2021/10/1134459-alunos-negros-e-pobres-sao-os-mais-afetados-com-escolas-que-ainda-nao-reabriram.html>. Acesso em: 01 de Novembro de 2021.

PASSOS, Joana Célia dos. Jovens Negros: trajetórias escolares, desigualdades e racismo. UFSC e NEN, 2011. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-1846--Res.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. Cadernos Cedes, v. 31, p. 275-291, 2011. Disponível em: < https:://www.scielo.br/j/ccedes/a/7FR3TJdbHQ35YHH6rZ9bLSw/ >. Acesso em: 25 de Outubro de 2021

PEREIRA, A. L. A sensação de insegurança racializada. Identidade! São Leopoldo, v. 19 n. 1; p. 12-22, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>. Acesso em: 01 de Dezembro de 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17112010141417/publico/2010_AlexandreBarbosaPereira.pdf>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

_____. A Juventude como Questão: alteridades e autoridades em escolas da periferia de São Paulo. Revista Anthropológicas, Ano 20, 27(1), p. 102-131, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/24038/19500> . Acesso em: 11 de outubro de 2021.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. Biopolítica e Educação: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. Revista Augustus, v. 25, n. 51, p. 219-236, 2020. Disponível em: <https://apl.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554> . Acesso em: 11 de outubro de 2021.

PEREIRA, Juliano Gonçalves et al. A urgência de outras visões sobre as juventudes negras no Brasil. Revista da ABPN, v. 12, n. 31, 2020, p. 317-335. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/701/76>. Acesso em: 24 de Setembro de 2021.

PERINI, Erica Rezende; CIPRIANI, Flávia Marcele. Os reflexos da pandemia da Covid-19 na vida de estudantes pretos e pardos do Brasil. Cadernos do Aplicação, v. 34, n. 2, 2021. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/111132/64632>. Acesso em: 11 de outubro de 2021

PINC, Tânia. Abordagem policial: um encontro (des)concertante entre a polícia e o público. Revista Brasileira de Segurança Pública, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6-23, 2007. Disponível em: < https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/13/11>. Acesso em: 13 de Setembro de 2021.

PORTAL PROUNI. Sobre o ProUni. 2020. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/legislacao/96-legislacao-2005>. Acesso em: 16 de Setembro de 2020.

RAUPP, Eric. Pesquisa aponta grande desigualdade entre brancos, negros e pardos na educação básica. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/ensino/pesquisa-aponta-grande-desigualdade-entre-brancos-negros-e-pardos-na-educa%C3%A7%C3%A3o-bC3A1sica-1.346361 >. Acesso em: 15 de Setembro de 2020.

RIO DE JANEIRO. Lei n. 8367, de 02 de Abril de 2019. **Dispõe sobre a implantação da Educação Integral com turno único em toda a Rede de Ensino Público do Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/c1b081bab6b1124f832583d10063005c>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

_____. Resolução SEEDUC n. 5424, de 02 de Maio de 2016. **Estabelece o conceito para a implementação do programa de educação integral, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://seguro.mprj.mp.br/documents/112957/15506385/RESOLUCAO_SEEDUC_N_5424_DE_02_DE_MAIO_DE_2016.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

_____. Resolução SEEDUC n. 5843, de 11 de Maio de 2020. **Orienta as unidades integrantes da rede SEEDUC sobre o desenvolvimento de atividades escolares não presenciais e regularização da vida funcional de servidores, em caráter de excepcionalidade, enquanto permanecerem as medidas de isolamento previstas pelas autoridades estaduais como prevenção e combate ao Coronavírus (COVID-19)**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/296760531/doerj-poder-executivo-12-05-2020-pg-11>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

RODRIGUES, João Batista. Racismo e evasão escolar. 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105138/000940781.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. Language. Vol. 50, No. 4, Part 1. Dec., 1974.

SADALLA, Amanda et al. Diversidade, Equidade e Inclusão na Escola. 2018. Disponível em:<https://fazsentido.org.br/wpcontent/uploads/2018/12/ESTUDO_DIVERSIDADES_rev.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2021.

SANTIAGO, Abinoan . Professora vai à polícia contra mercado que a acusou de furto: "Racismo. 2020. Disponível em: < https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/09/professora-e-alvo-de-racismo-ao-ser-acusada-de-furto-em-mercado-de-curitiba.htm >. Acesso em: 06 de Novembro de 2020.

SANTOS, N. S. Tornar-se Negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. Language in society. 25: 167-203, 1996.

SCHMIDT, Larissa. Município do Rio contabiliza 25 mil alunos que abandonaram a escola; evasão na rede estadual pode chegar a 80 mil estudantes. 18/10/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/10/18/municipio-do-rio-contabiliza-25-mil-alunos-que-abandonaram-a-escola-evasao-na-rede-estadual-pode-chegar-a-80-mil-estudantes.ghtml >. Acesso em: 01 de Novembro de 2021.

SEBRAE. Painel regional: Baixada Fluminense I e II. Observatório Sebrae/RJ, Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2016. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/SebraePainel_BaixadaFluminense.pdf>. Acesso em: 01 de Outubro de 2021.

SERRES, Michel. Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Rosilene da Conceição. Ser Jovem Negro No Ensino Médio: Significados Da Implementação Da Lei 10.639/03 Para A Construção E (Re)Afirmação Da Identidade No Espaço Escolar. 2015. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2015. 94 p. [Orientador: Carlos Henrique dos Santos Martins.] Disponível em: <http://dippg.cefetrj.br/pprer/attachments/article/81/45_Rosilene%20da%20Conceicao%20Silva.pdf.> Acesso em: 25 out. 2020

SOBRINHO, Danilo Angrimani. Espreme que sai sangue um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In.: ABRAMO, H.; BRANCO, PPM (Org.). Retratos da juventude brasileira, p. 87-128, 2005.

STREIT, Maíra. Por mais negros em cargos de chefia. 2017. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=44870>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

TANNEN, D. Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. In: Studies in Interactional Sociolinguistics 6. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TEIXEIRA, Moema De Poli. Negros na Universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. 267 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Tatiane. "Dia da Consciência Negra: Por que os negros são maioria no sistema prisional?". 19/11/2020. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418> acesso em: 17 de Setembro de 2021.

VIEIRA, Isabela. IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dosmais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 2003. 137 p.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/download/10977/625>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 135-156. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio.pdf >. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário e sem remuneração, da pesquisa intitulada "Racismo na escola e a sua influência nas trajetórias escolares dos jovens negro", que tem como pesquisador responsável Wesley Paulo Peixoto, aluno do curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ.

Esta pesquisa pretende identificar e analisar quais são os impactos ocasionados pela experiência do racismo na Escola nas trajetórias escolares dos jovens negros e quais as estratégias adotadas por esses jovens para a superação da mesma.

O projeto de pesquisa se enquadra no risco baixo, pois não oferece riscos à integridade física das pessoas. A pesquisa será desenvolvida de forma online, através da plataforma Google Meet, com a utilização de um roteiro de entrevista semiestruturada pelo pesquisador responsável, por conta da pandemia do covid-19, tendo em vista a confidencialidade das informações oferecidas pelo participante que estarão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e/ou seu orientador, sendo confidenciais e sem divulgação em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

Os dados que você nos fornecerá serão confidenciais e serão utilizados na dissertação do pesquisador, assim como, poderá ser utilizado em publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

A qualquer momento que julgar necessário, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Wesley Paulo Peixoto através do telefone (21) 99165-6324 ou pelo e-mail wesleypaulo9208@gmail.com. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Wesley Paulo Peixoto.

Eu, _____, portador do CPF _____ e do RG _____declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Rio de Janeiro, _____de _____de_____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador(a): _____

ANEXO 2

Roteiro de entrevista semi-estruturada com os jovens negros que farão parte da pesquisa

Dados pessoais

Gostaria que falasse um pouco de você, tipo, seu nome, sua idade, seu grau de instrução e o que mais achar importante para que eu te conheça um pouquinho.

Diga sobre a escolaridade dos seus pais e irmãos

Me fale sobre o seu trabalho.

Trajetórias escolares

Me conte quanto tempo estuda nessa escola?

Me conte o que a escola representa para você.

Gostaria que falasse um pouco a respeito da sua relação com os estudantes e professores em sala de aula.

Alguma vez abandonou os estudos? Se sim, conte o que te levou a abandonar.

Qual a influência que seus pais tem nos seus estudos?

Em que medida a pandemia do covid-19 atrapalhou os seus estudos? Fale um pouco a esse respeito.

O que é ser jovem no Ensino Médio para você?

Racismo na escola

O que é ser jovem negro?

Alguma vez vivenciou a experiência do racismo no seu cotidiano? E na escola?

Me conte como lidou com essa experiência.

Relate como essa experiência impactou ou ainda impacta a sua vida.

Gostaria que relatasse sobre algum caso de racismo que presenciou na escola e qual foi a reação da escola mediante esse caso.

Projetos de vida

Me conte o que pretende fazer ao concluir o ensino médio.

Você considera que as redes sociais e grupos de conversa que possui têm alguma importância para o auxiliar na conclusão do Ensino Médio? Quais grupos ou redes que você possui hoje que são importantes para atingir esse objetivo?

Você faz algum cursinho ou faz parte de algum movimento de preparo para o ingresso na faculdade?

Qual curso você pretende fazer na faculdade? Sempre quis fazer esse curso? O que te fez escolhê-lo?